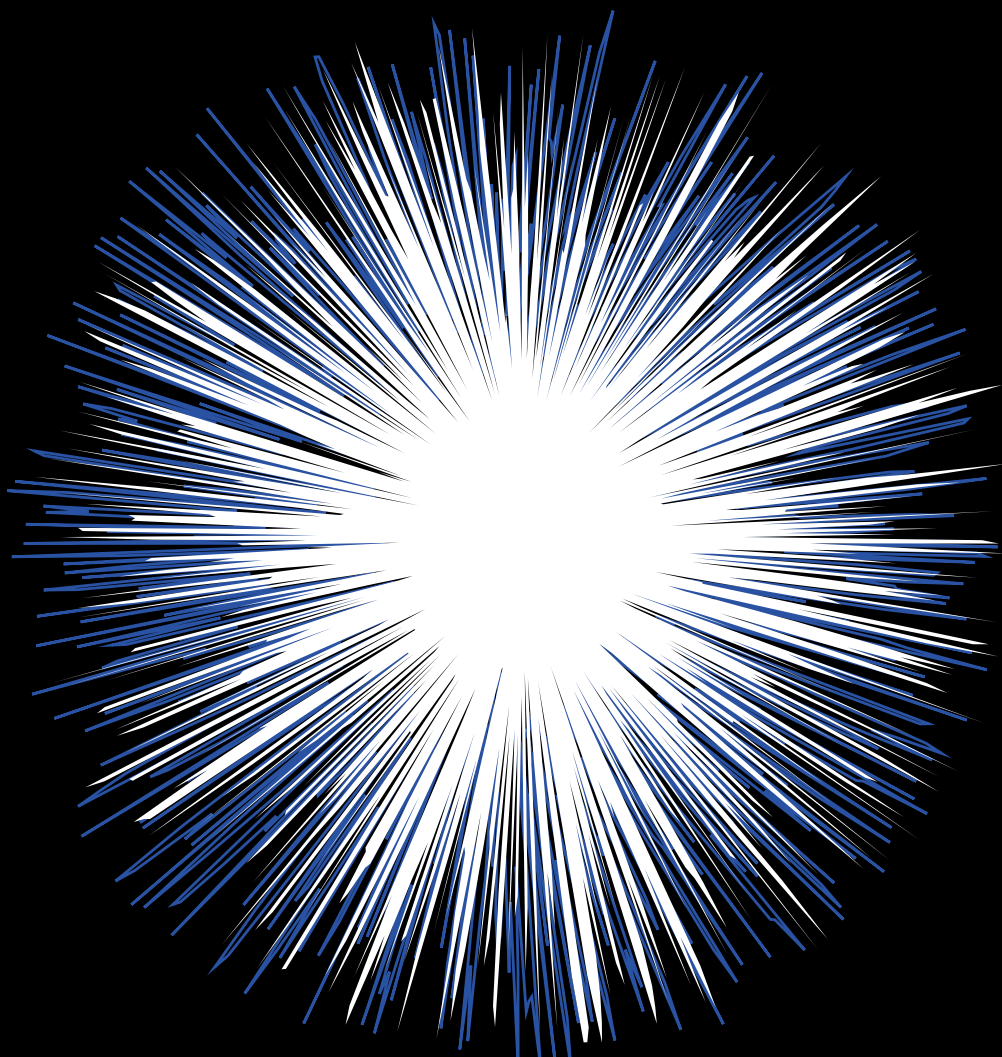


verve

32
2017

Revista do NU-SOL — Núcleo de Sociabilidade Libertária
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP



verve

verve

Revista Semestral do Nu-Sol — Núcleo de Sociabilidade Libertária
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP

32

2017

VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária/
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP.
Nº32 (Novembro 2017). São Paulo: o Programa, 2017 - semestral

1. Ciências Humanas - Periódicos. 2. Anarquismo. 3. Abolicionismo Penal.

I. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais.

ISSN 1676-9090

VERVE é uma publicação do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP (coordenadoras: Lucia Maria Machado Bógus e Vera Lucia Michalany Chaia); indexada no Portal de Revistas Eletrônicas da PUC-SP, no Portal de Periódicos Capes, no LATINDEX e catalogada na Library of Congress, dos Estados Unidos.

Editoria

Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária.

Nu-Sol

Acácio Augusto, Andre Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti (coordenador), Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Helena Wilke, Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Maria Cecília Oliveira, Mayara de Martini Cabeleira, Ricardo Abussafy, Rogério Zeferino Nascimento, Salete Oliveira, Sofia Osório, Thiago Rodrigues, Vitor Osório.

Conselho Editorial

Alfredo Veiga-Neto (UFRGS), Cecilia Coimbra (UFF e Grupo Tortura Nunca Mais/RJ), Christian Ferrer (Universidade de Buenos Aires), Christina Lopreato (UFU), Clovis N. Kassick (UFSC), Doris Accioly (USP), Guilherme Castelo Branco (UFRJ), Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ), Margaret Rago (Unicamp), José Maria Carvalho Ferreira (Universidade Técnica de Lisboa), Pietro Ferrua (CIRA – Centre Internationale de Recherches sur l'Anarchisme), Rogério Zeferino Nascimento (UFPB), Silvana Tótora (PUC-SP).

Conselho Consultivo

Dorothea V. Passetti (PUC-SP), Heleusa F. Câmara (UESB), João da Mata (SOMA), José Carlos Morel (Centro de Cultura Social – CSS/SP), José Eduardo Azevedo (Unip), Maria Lúcia Karam, Nelson Méndez (Universidade de Caracas), Silvio Gallo (Unicamp), Stéfanis Caiaffo (Unifesp), Vera Malaguti Batista (Instituto Carioca de Criminologia).

ISSN 1676-9090

verve

revista de atitudes. transita por limiares e instantes arruinadores de hierarquias. nela, não há dono, chefe, senhor, contador ou programador. verve é parte de uma associação livre formada por pessoas diferentes na igualdade. amigos. vive por si, para uns. instala-se numa universidade que alimenta o fogo da liberdade. verve é uma labareda que lambe corpos, gestos, movimentos e fluxos, como ardentia. ela agita liberações. atíça-me!

verve é uma revista semestral do nu-sol que estuda, pesquisa, publica, edita, grava e faz anarquias e abolicionismo penal.

sumário

- A Greve Geral de São Paulo, 1917
13 *The General Strike in São Paulo, 1917*
Edson Passetti & Acácio Augusto
- Contra o confucionismo.
pela lógica — pela organização anarquista — falsa e perigosa
ilusão
65 *Against confucianism.*
logically - through the anarchist organization - false and dangerous
illusion
Florentino de Carvalho
- A Revolução Russa e o Partido Comunista
82 *The Russian revolution and the communist party*
Alexander Berkman
- Manifesto da liga da não conscrição
128 *Manifesto of non-conscription*
Emma Goldman & Alexander Berkman
- ... e 9 meses depois
135 *... and 9 months later*
[página única 1]
Edson Passetti
- Sobre pluralismo, tolerância e monitoramentos:
em marcha a perseguição aos anarquistas
139 *On pluralism, tolerance, and tracking: advance persecution of anarchists*
in Rio Grande do Sul, Brazil
[página única 2]
Nu-Sol
- Não se distraia
145 *Don't be distracted*
[página única 3]
Nu-Sol

- 151 Roberto Feire e o erotismo anarquista
Roberto Freire and the anarchist eroticism
Gustavo Simões
- 153 Um libertário. Erotismo Libertário
Libertarian eroticism. A libertarian
Roberto Freire
- 166 Anarquismo e gastronomia: a utopia intensa de unir fogões,
barricadas, prazer e liberdade
*Anarchism and gastronomy: the intense utopia of joining stoves,
barricades, pleasure and freedom*
Nelson Méndez
- 191 Com a garganta seca
Dry throat
[página única 4]
Nu-Sol

resenhas

- 201 John Cage, os ruídos desta hora!
John Cage, the noises of this time!
Gustavo Simões
- 206 Não colonizar-se: os anarquismos na Bolívia
Do not colonize: the anarchisms in Bolivia
Luíza Uehara

verve a partir deste trigésimo segundo número estará em formato eletrônico (PDF e ePub). isso acontece após exatos 15 anos de circulação impressa semestral, ininterrupta, registrando a anarquia e abolicionismo penal libertário. a mudança não se dá por convenção, mas para a revista se manter autogestionária. este número traz um registro da greve geral de 1917, em são paulo e os efeitos da revolução russa. são acontecimentos centenários ainda presentes na história das lutas. a revista abre com a aula-teatro 22, por edson passetti e acácio augusto, relembrando a greve geral de 1917, ocorrida em são paulo, quando mulheres, homens e crianças explicitaram o início da revolução social contra a propriedade, repressões e violências com as quais a oligarquia paulista submetia os operários e lavradores. trazemos um curto texto de florentino de carvalho comentando repercussões da revolução russa e alertando para a diferença vital entre comunismo libertário e comunismo de estado ou marxista. alexander berkman em análise acurada expõe, em 1921, os rumos da revolução russa, desvelando a impostura bolchevista no interior do partido comunista. somada à reflexão minuciosa acerca do partido, o anarquista situa o esmagamento da revolução social por meio do controle político efetivado pela ditadura do proletariado, máquina burocrática policial e punitiva. do mesmo ano de 1917, ao norte da américa, **verve 32** publica o manifesto de emma goldman e alexander berkman contra a conscrição militar nos EUA. a revolução se faz todo dia por cada um para mudar o mundo todo dia. **verve 32** registra, em *página única*, as atuais perseguições aos anarquistas, com a operação ébero, no rio grande do sul; alerta para não nos distrairmos diante das investidas de forças conservadoras, como a ocorrida no impedimento de seminário sobre a revolução russa na uerj; escancara a continuidade do massacre de jovens nas prisões. atiza para as transformações anarquistas no presente e republica dois registros sobre o erotismo libertário por roberto freire, anarquista caloroso que completaria 90 anos em 2017, e o delicioso ensaio de nelson mendez, sobre uma história gastronômica da anarquia. cada um a seu modo, freire e mendez mostram que para os anarquistas não há dissociação entre prazeres e luta. **verve 32** fecha com duas resenhas que lidam com a anarquia hoje e sua atualidade descentralizada: gustavo simões, a partir das correspondências trocadas pelo artista anarquista john cage, nos convida a ouvir os ruídos da anarquia; luíza uehara mapeia a história e a contemporaneidade dos anarquismos na bolívia, alertando para o risco de capturas empreendedoras e resilientes. **verve 32** atravessa os fluxos eletrônicos como revista de atitudes, labareda que lambe corpos explodindo as mediações da tela e dos protocolos, dos softwares aos indexadores.

Grande festa di propaganda

Promovida pela sociedade Escola Moderna, A. Popular de Cultura Racionalista, e a "Guerra Sociale" em beneficios das tres escolas e do jornal, a realizar-se no dia 16 de Setembro, às 8 horas da noite, no Salão Celso Garcia, rua do Carmo, 39.

Programma

1.º Ouverture pela orchestra

2.º Conferencia.

1.º Será representado o grandioso drama social, em 5 actos, de Octavio Mirbeau:

Os maus pastores

que é uma primorosa obra de propaganda.

Quermesse e baile familiar

N. B. I biglietti sono personali; il che vuol dire che anche le donne covranno premunirsi di biglietto di entrata.

a greve geral de são paulo, 1917¹

edson passetti & acácio augusto

Prólogo

Abertura com o segundo movimento da 5ª Sinfonia de Beethoven.

Vitor:

Boa noite. Hoje, 31 de dezembro de 1917, nosso programa de comemoração de ano novo começará, como sempre, com a conferência de abertura.

Gus:

A atividade de hoje que encerra um ano de lutas e vitórias será realizada em aliança com todas as Ligas Operárias, Centros Libertários de São Paulo, incluindo os do interior, dando continuidade ao trabalho que tornou possível a greve com o Comitê de Defesa Proletária e a Aliança Anarquista. Nós os recebemos, hoje, com a 5ª Sinfonia de Beethoven, a que mudou o mundo da música. Beethoven

Edson Passetti é professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol e edita a Revista Ecopolítica (<https://revistas.pucsp.br/ecopolitica/>). Contato: passetti@matrix.com.br. Acácio Augusto é Professor no Departamento de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios – EPPEN da UNIFESP. É colaborador no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES e pesquisador no Nu-Sol. Contato: acacioaugusto1980@gmail.com.

querido por Bakunin. O autor da música que eles querem ser donos, mas que é de todos.

Como de costume, nosso encontro começa com uma conferência de abertura, seguida de teatro, uma possível apresentação das crianças da Escola Moderna, e depois quermesse e baile para comemorar a chegada do ano de 1918. A greve geral de 1917 foi resultado das lutas históricas contra os patrões com o objetivo de reduzir as jornadas de trabalho, impedir a crueldade praticada nas fábricas e na lavoura contra homens, mulheres, jovens e crianças. E fazer a revolução para dar um fim à guerra social! Mas, principalmente, continuar nossa luta diária pela revolução social. Não nos interessava e nem interessa a legislação trabalhista, as migalhas concedidas pelos patrões e regulamentações de Estado. Não queremos sindicatos que cumpram a função de negociador, nem sindicato que seja o único lugar da luta! Não queremos mais a guerra social! A luta não termina até a consolidação da revolução social.

Acácio:

Eles dizem que somos a planta exótica, imigrantes anarquistas que aqui chegaram para badernar a ordem. Não, nada disso! Somos trabalhadores aqui ou na Europa, na fábrica ou na lavoura, e lutamos contra a exploração e a dominação. Viemos da Itália desde 1870, depois chegaram os espanhóis e agora mais e mais portugueses. E somamos com os demais trabalhadores brasileiros brancos, mulatos e ex-escravos.

Todos sob o chicote da oligarquia paulista que se proclama democrática e moderna, mas que não permite o voto às mulheres, aos analfabetos e aos despossuídos. É a minoria que diz governar pela maioria porque tem representantes nas suas instituições. Servem-se de estratégias para nos dividir recrutando nossos irmãos para a polícia e o exército, para exercerem a coerção sobre nós, para nos enviar para a guerra mundial, para servir a nação (deles). Nos querem obedientes dentro das fábricas, fiéis à nação, entorpecidos de álcool ou entretidos com seus jogos estúpidos, para que

não estejamos juntos, aqui. Mas não nos interessa o voto, a representação, tampouco participar no governo.

Muitos reclamam que falta escola e educação. Errado. Nós criamos as Escolas Modernas, nossa imprensa e realizamos nossa democracia direta, sem representantes e condutores. Mas para eles, a Escola Moderna é antro de subversão e terrorismo. Não é. Nela nós alfabetizamos as crianças, os jovens e os adultos em classes mistas com base na nossa imprensa, como também se ensina idiomas: português, italiano, espanhol e esperanto. Não ensinamos ninguém a obedecer, mas a ser livre. Isso para eles é insuportável. Então, eles mandam fechar nossas escolas. Nos querem ignorantes. Escondem que entre os operários anarquistas o analfabetismo é quase nulo e todos nós conhecemos as normas e leis que combatemos.

Nossa escola, nossa imprensa, nossos centros e ligas compõem a nossa luta social. Funcionam como federação livre e descentralizada. A revolução não virá, ela está acontecendo agora, todo dia, é para dar um fim à guerra social. Um dia, esses traidores que viraram polícia e soldado constatarão que eles são gente fabricada para morrer.

Gus:

Nossos inimigos são os patrões e os governantes, mas entre nós há os timoratos, como na Europa, que se encastelam em sindicatos de classe negociando migalhas com os patrões e partidos políticos, pretendendo aderir à democracia burguesa.

Acácio:

Na Rússia acabou de ocorrer uma revolução de todos os explorados, iniciada em 1905 com a criação dos conselhos que eles chamavam de soviets. Esperamos que ela não se transforme em outra forma de dominação. Esperamos que a revolução dos camponeses na Ucrânia, que a antecedeu, não se subordine e tampouco seja esmagada. Precisamos aprender em aliança anarquista que todas as revoluções sociais são possíveis porque se relacionam de modo federativo.

Todos:

Viva a anarquia! Viva a revolução social!

Gus:

O teatro que apresentaremos hoje não repetirá uma peça conhecida de nosso repertório. É uma surpresa. A partir dos nossos jornais *Guerra Sociale* e *A Plebe* — que surgiu da greve —, e de muitos depoimentos espontâneos de companheiros, lembraremos a Greve Geral de São Paulo, em julho de 1917. Este acontecimento tão presente entre nós ecoará nossa língua viva! Saudações aos presentes vindos do Brás, da Mooca, Lapa, Belém, Barra Funda, Ipiranga, Cambuci, Bom Retiro, Vila Mariana, Água Branca, São Caetano, Cotia, Ribeirão Pires, São Roque, Sorocaba, Santos, Campinas, Pelotas, Poços de Caldas, Votorantim... Saudações aos companheiros ausentes enviados para o exílio, os que estão presos em navios, colônias penais e prisões, aos que morreram e que serão inesquecíveis. Aqui não tem lugar para lideranças, nós anarquistas somos os anônimos indesejáveis!

Todos:

SAÚDE!

Cena 1: duas mulheres

Duas mulheres conversando à porta.

Flávia:

Porque está olhando com essa cara de superior?

Lili:

Meu marido trabalha na indústria de juta do “seu” Jorge Street no Belenzinho, tá subindo, vai para a estamparia, e a gente vai sair do cortiço. Vamos para a vila operária, para a Maria Zélia. Como disse o “seu” Jorge: para as crianças é melhor a oficina do que a rua, que cria delinquentes.

Flávia:

Vendidos! A vila que tem o nome da filha do patrão que morreu de tuberculose com 16 anos... É homenagem.

Lili:

A gente quer viver em paz, dar escola certa para os filhos, sair dessa vida que não tem solução.

Flávia:

Você sempre foi uma esposinha, limpinha, arrumadinha... Pra você a Escola Moderna não serve, né? Nós jamais iríamos para essa prisão de vila operária. Meu avô tinha um amigo que viveu numa dessas prisões no século passado na França e contava um monte de atrocidades... O patrão governa sua vida o dia todo!

Lili:

Fique aí você, nesta imundície, trabalhando como escrava em casa... e brigando como escrava na fábrica.

Flávia:

Escravos eram os negros. E fugiram para criar casas de angus e quilombos. É uma besteira falar que a gente é escravo. Nós somos operários explorados. Vocês são os preferidos dos patrões, traidores e mesquinhos.

Lili:

Vocês que fiquem com essa merda de greve e sonhos impossíveis. Para nós, a legislação é suficiente, o sindicato é suficiente; precisamos de escolas, creches, um pouco de paz, e não de revolução. Precisamos aprender a ser civilizados.

Flávia:

Você é uma prostituta com certidão de casamento.

Lili:

Eu não quero ser vulgar, mas quem bebe, cai de porre é seu marido. E você faz o que ele manda, além de trabalhar feito camela.

Flávia:

Não é isso. Nós temos um ideal. Se ele é um brutamontes é porque a realidade é assim. Mas eu não sou a cadelinha dele, não! E se a gente não se acertar, nos separamos.

Lili:

Logo vi que você era mesmo uma ateia.

Flávia:

Eu tenho um tanque de roupas para lavar, cozinha para arrumar, colocar os meninos na cama...

Lili:

E vai trabalhar, fazer greve, largar a casa e os filhos. Um dia desses, um deles vira delinquente.

Flávia:

Talvez seja preso pelo seu irmão que virou polícia.

Lili:

E ainda será vereador, você verá.

Flávia:

Nada melhor que governar os de baixo com um representante dos de baixo, com a polícia composta de gente como a gente defendendo a propriedade.

Lili:

Errado. Assim é que a gente melhora, cada um e todos trabalhadores; a gente precisa ter consciência que tem que melhorar na vida. A gente nasceu trabalhador e vai morrer trabalhador. É da natureza. Nós precisamos de leis e proteção do Estado. Sem Estado não há uma grande nação e esse país ainda é bastante novo, grande e forte.

Flávia:

Você não é trabalhadora, é empregada. Você é daquelas conformadas que espera um dia a vinda do salvador. Neste mundo de glórias sempre aparece um salvador, o pai de to-

A Greve Geral de São Paulo, 1917

dos que faz de cada um o pau para toda obra; o pai de todos que nos dá castigos e penas, que manda ser obediente.

Lili:

E pensar que a gente já foi melhores amigas.

Flávia:

Quando nossos pais eram operários combativos.

Lili:

E a gente passando fome, dependendo da ajuda dos outros.

Flávia:

Você se esqueceu disso. E hoje só é solidária com você mesma.

Lili:

Mas eu dou minhas roupas velhas para os pobres.

Flávia:

E você é o quê?

Lili:

Eu não sou mais miserável, ressentida e impulsiva. E tenho marido que pode me sustentar.

Flávia:

Nós não somos mais amigas.

Lili:

Você permanece antiga, não quer ser moderna.

Flávia:

Moderna é ser esposa do lar? É dar as costas para tudo que acreditávamos?

Lili:

Um dia vá nos visitar na Maria Zélia, lá teremos casa com banheiro próprio, escola, espaço de lazer, salário e comida. Graças a Deus!

Flávia:

Até o dia em que mandarem seu marido embora. Aí vocês voltarão para cá, desmoralizados, como indesejáveis discípulos de Satã.

Lili:

Deus me livre!

Flávia:

Talvez nós nunca tenhamos sido amigas, apenas duas jovens no calor das existências. Amizade é outra coisa. Dizem que na velhice não esquecemos as lembranças da juventude; que elas sejam capazes, no futuro, de te fazer rever a besteira que você está fazendo.

Lili:

Só existe o momento e o nosso acabou aqui. Estou cheia dessas baboseiras.

Flávia:

Adeus, prostituta uniformizada.

Lili:

Eu sou uma mulher de bem. Você não tem moral para falar isso para mim.

Flávia:

Com licença que tenho tanque, louça e crianças para cuidar.

Lili:

Que te reste ao menos um pouco de energia para fazer amor!

Flávia:

Não será como pagamento de nada. Quer saber? Ainda serei professora na Escola Moderna. Você verá.

Entra e bate a porta.

Mayara:

Em 1906, a União das Costureiras de Sacos de São Paulo publicou um longo manifesto assinado por Tecla Fabri, Teresa Cari e Maria Lopes, convocando a mulher operária para lutar contra a jornada de 16 horas e o trabalho noturno.

Bia:

“Como se pode estudar ou ler um livro iniciando o trabalho às 7 horas e retornando às 11 da noite? Das 24 horas só nos ficam oito para repousar, que nem bastam para recuperar no sono as forças exaustas! Nós não temos horizontes, ou antes, temos um horizonte sem luz: nascemos para que nos explorem e para morrer nas trevas como brutos”².

Mayara:

O jornal *Guerra Sociale*, de 31 de março de 1917, noticia: “Na Cristaleria Colombo, instalada num barracão de zinco, e de propriedade de Pietro Scarrone, situada à Av. Celso Garcia, 387, trabalham numerosas crianças [entre 7 e 12 anos]... As crianças são empregadas num trabalho mortífero, qual é, o de carregar e assoprar vidros ainda quentes ao ponto de queimarem. (...) [Elas] estão [em] contato com um calor horrível, queimando-se e ferindo-se constantemente. Estas crianças trabalham nesse inferno de suplícios durante 10 horas diárias. E... perdem a saúde em poucos dias. E morrem assassinadas pela ganância criminosa dos patrões”³.

Flávia:

Agora, uma informação que não é da imprensa anarquista: “Numa indústria de tecidos, um operário que passando com um saco às costas ao pé de certa máquina, foi apanhado por uma peça da mesma que lhe fraturou o crânio, determinando-lhe a morte. Esse operário tinha 13 anos. Executava um serviço que talvez pudesse parecer leve: conduzia um saco cheio de carretéis”⁴.

Bia:

No trabalho noturno de menores na Fábrica Mariângela, havia máquinas de tamanho reduzido próprias para serem manuseadas por crianças. O jornal *A Terra Livre* relatou: “As crianças trabalham das 5 horas da tarde às 6 horas da manhã com uma hora de intervalo (...). A certa altura da noite quase todas as crianças de 8 a 12 anos, meio mortas de fadiga e de fome, caem a dormir (...) e então o contramestre desperta-as a bofetadas, e soluçando retomam o trabalho”⁵.

Flávia:

Quer saber? Um menino de 12 anos na Fábrica de Aninhagem Paulista, na Rua da Mooca, após 10hs de trabalho adormeceu entre os fardos. E o esqueceram ali. Às 10 da noite, como de costume, soltaram a matilha de cães policiais, que esfaquearam o menino. Quando o guarda noturno chegou, constatou que o menino era um horrível amontoado de retalhos de tenra carne humana⁶.

Cena 2: dois homens

Dois homens conversando à porta.

Vitor:

Vamos mesmo para a Maria Zélia, eu já me cansei dessa vida no cortiço, meus filhos pelas ruas, emprego que só se perde, greve que faz a gente ficar empolgado e que quando termina é só tristeza depois da euforia...

Gus:

Você não pode se deixar levar. Não podemos nos cansar. Não devemos. Vida boa para nós e nossos filhos é com revolução, com a nossa escola. Nós fazemos revolução social.

Vitor:

Mas não serve para nada. Só alfabetiza e agita para a revolução.

Gus:

Mas é para isso que nós existimos. Eu vim da Europa, você do interior de São Paulo, da lavoura; nós dois sabemos que patrão não dá sossego. Nós trabalhamos para eles para comer o pão que o diabo amassou.

Vitor:

Estou de saco cheio disso. Arrumei emprego no Street e vou para a Maria Zélia.

Gus:

Você acredita na cooperação do trabalhador com o capitalista, que suga nosso sangue e está cheio de saúde. Se ele, gordo feito porco, for ao posto de saúde e o médico fizer o exame do olho para ver se tem anemia, o médico pode se afogar numa hemorragia, de tanto sangue que o patrão tem armazenado. Nosso sangue.

Lili:

“E não há cousa melhor do que ser brasileiro! Estás doente? Aqui tens a Santa Casa. És mendigo? Ali tens o asilo. Dormes na rua? Tens, além, aquela outra infâmia que é o Albergue Noturno. És ladrão? Assassino? Vadio? (...) Lá está a cadeia, onde vão perverter-te ainda mais. E não há cousa melhor do que ser brasileiro! Conclui-se, então, que não há cousa pior do que ser burro”⁷.

Cena 3: final de semana....

Mayara:

Sábado tem baile com quermesse, com conferência e teatro.

Lili:

É muito bom ter o sábado assim.

Bia:

Poderiam ser todos os sábados, mas é uma trabalhadeira... das boas, né?

Flávia:

E como se não bastasse os infiltrados na fábrica nos centros de cultura e nas ligas, no sábado também tem sempre o zoiudo, o apalpar...

Mayara:

Vai lá para apalpar a gente.

Flávia:

Não deixe!

Mayara:

Mas a gente nunca sabe se o sujeito não é um dos nossos recém-chegados!

Bia:

Por isso que eu gostei dessa decisão de não vender bilhete a qualquer um. Nos festejos deles só vão eles. E quando fazem comemoração para operários e lavradores é para agradecer o patrão. Na fazenda e na fábrica. Os patrões até doam comidas e a maldita cachaça...

Mayara:

Dançar é isso mesmo. Se esfregar um pouco...

Bia:

É preciso também ter um pouco de moral, não?

Lili:

Sim. Eu sou casada é só danço com amigos.

Mayara:

Mas quando você era mais jovem...

Lili:

Eu sabia me comportar...

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Mayara:

Mas não somos todas iguais. E tem companheiros que também são bem saidinhos!!!!

Flávia:

Tem muitas de nós que acabam grávidas.

Mayara:

Burras!

Lili:

Não custa nada dar um pouco de orientação... Basta usar Phylagina, único preparado que evita gravidez sem causar estragos à saúde. Tem nas drogarias. Cada caixa dá para 15 dias! Usa boba! Isso não é um reclame, é uma constatação. A mulher anarquista pode ter filho quando quiser e porque quer!

Flávia:

Eles nos querem como mães da pátria, parindo filhos para a fábrica e a nação. Para o lucro e para a guerra.

Bia:

Criaram até esse negócio de amor materno, como se a gente fosse naturalmente assim.

Lili:

Para eles a gente é naturalmente mães do amor à pátria que pari filhos para morrer por eles.

Bia:

Eu gosto do sábado. Eu fico muito concentrada na conferência, às vezes até esqueço que devo ajudar na quermesse.

Mayara:

Gosto de tudo. Acho lindo quando as crianças fazem a apresentação de canto ou poesia entre os atos da peça. Isso é a nossa Escola Moderna. Isso que é escola! Não vejo a hora de poder fazer teatro. Queria ser todas aquelas mulheres... sei como elas são.

Flávia:

Eu queria ser um homem. Os melhores papéis são sempre dos homens. Até parece que eles sabem mais que nós.

Lili:

Mas seria esquisito, né?

Bia:

Acho melhor que alguma de nós escreva peças também, para mostrar que a gente é mais que mocinha burra latifundiária, velha matrona, inocente operária ou mãe corajosa. Vocês não acham que a gente é conduzida pelos homens?

Flávia:

Só na greve é que tudo isso desaparece.

Bia:

Não só, nas conversas, nas conferências, na escola, entre nós e nossos companheiros...

Flávia:

Mas é estranho que no teatro e nos livros a gente é ainda como os homens nos veem.

Lili:

Esses escritores precisavam usar óculos.

Bia:

Ou então serem mais verdadeiros com a vida que levam.

Mayara:

Mas eu gosto quando nos sábados voltam a falar contra a bebida.

Bia:

Eu também. Mas é difícil para muitos homens, e para algumas de nós, escapar da bebida ou beber só por divertimento.

Lili:

Meu companheiro está muito bravo porque, lá na fábrica, querem formar um time de futebol. Começa assim, até terminar como time de futebol como aquele Bangu do Rio de Janeiro, fundado por um escocês, que eu nem sei como fala o nome dele, mas pouco importa, é o dono fábrica de tecidos. Aí eles dizem que é um clube de proletários, desde 1904!!!

Bia:

Mas eles gostam de futebol. Eu acho muito besta aquele monte de marmanhões correndo atrás de uma pelota.

Flávia:

É que na fábrica eles querem fazer um time de futebol para jogar contra outras fábricas. Fazer o operário vestir a camiseta do patrão. Virar jogador do time, ganhar um extra, sugar o talento do coitado e calar a boca dele com uns trocados... Rimou!

Mayara:

Meu marido disse que nem por diversão... E ele é louco por futebol.

Flávia:

Não só ele. Aqueles jogos que tem na rua são muito divertidos.

Bia:

E quantos sapatos já não foram perdidos...

Lili:

E os machucados. Porque jogar descalço deve ser terrível...

Flávia:

Mas eles se divertem.

Mayara:

Eu não gosto. Porque depois fica fedido e cansado...

Bia:

Eu gosto do sábado, de festas, de bailes, e de quase — quase, né — todo mundo cheiroso e de banho tomado.

Lili:

Mas quando não tem baile, palestra, cantos e comidas juntos, tudo fica mais triste!

Flávia:

“Invoca-se também a defesa da pátria. Bravo! Que a defendam os proprietários, os que gozam da riqueza do país. Nós, os assalariados e proletários, nada podemos defender porque não gozamos de patrimônio algum, não possuímos casa, não temos eira nem beira.

Mayara:

O Brasil não pertence aos brasileiros, pertence por uma lei injusta, aos capitalistas, muitos deles nascidos fora do país. Eles que o defendam. Nós, pelo fato de nascermos acidentalmente nesta terra, não temos dever algum de arriscar a pele em defesa da propriedade que os burgueses detenham.

Lili:

Não somos cães de guarda (...). Em nome de quem, pois, se justifica a intervenção do Brasil e de outros países na grande chacina [da Guerra Mundial]: em nome da democracia liberal e da humanidade civilizada?”⁸.

Bia:

“Revoltando-se, a mulher enquanto mãe e educadora servirá de exemplo aos filhos que, por sua vez, também se rebelarão.

Lili:

E poderá compreender ainda que a noção de pátria é uma ilusão, ‘que os vossos filhos nenhum dever têm a cumprir para com ela e que quando, em nome dessa pátria, os vieram arrancar aos vossos braços, deveis revoltar-vos contra semelhante lei’.

Flávia:

(...) para [a mulher] a educação é uma arma importante de luta, revela a recusa do modelo de feminilidade instituído pelo imaginário social”⁹.

Bia:

“Angelina Soares conheceu o anarquismo em Santos. Em 1914, transferindo-se para São Paulo, começou a ajudar seu irmão — Florentino de Carvalho — a fazer o jornal *La Barricata*, em italiano, que virou *Germinal*, em português.

Flávia:

Escreveu artigos, fez palestras, trabalhou no teatro anarquista (São Paulo e Rio de Janeiro) com suas irmãs, fundou e dirigiu grupos de cultura social; enquanto exercia o magistério particular em escolas anarquistas, discursou e foi presa por suas ideias ácratas”¹⁰.

Mayara:

“A partir de 1909, no momento em que se inicia a campanha para a fundação da primeira Escola Moderna (segundo os moldes do ensino racionalista de Francisco Ferrer, em Barcelona), o número infantil torna-se uma constante do espetáculo.

Bia:

Não envolve necessariamente a participação na peça encenada, mas constitui os entreatos líricos ou musicais. As crianças declamando lembram ao público que o benefício do espetáculo reverterá primeiramente para a educação infantil”¹¹.

Gus:

As crianças comunicam que hoje, último dia do ano, não apresentarão nenhum número. Querem somente brincar! Dando prosseguimento ao espetáculo...

Mayara:

“Combatendo vigorosamente a colaboração de anarquistas,

como Kropotkin, na Primeira Guerra Mundial, Florentino de Carvalho propõe a insubordinação em vez da adesão à guerra. A insubmissão contra os governos deveria orientar as atitudes dos revolucionários, partindo para uma ação direta junto à população no sentido de sua libertação econômica e social através da formação de grupos revolucionários”¹².

Lili:

Mas só existe esse Florentino de Carvalho para falar?

Gus:

Só coincidência. Muito se louva os ensaístas e intérpretes do Brasil. Mas eles estão do outro lado. Entre os anarquistas há grandes nomes, como o Florentino, o Edgard Leuenroth, o Lima Barreto, o Fábio Luz, o José Oiticica... Mas poucos sabem disso, nas escolas não se ensina o Brasil visto pelos anarquistas e não se ensinará.

Cena 4: de conversa em conversa

Vitor:

Não dá mesmo para conversar. Há uma questão prévia: devemos entender que a fábrica é o melhor para nós, porque nos dá empregos; que o patrão nos paga; que temos contrato a cumprir... É aí que a porca torce o rabo. Porque tudo tem que estar no contrato. E o contrato é nossa adesão ao patrão.

Flávia:

Se a nossa vida fosse só na fábrica, reduzida a essa merda de migalhas de salário e cansaço... Mas a nossa vida não tem valor algum. Dizem que a riqueza da nação é seu povo. Para eles, o povo reproduz como rato, vive como baratas e percevejos, é sujo e empestado, mas deve ser devoto e cumprir o contrato.

Bia:

Na Europa, eles ainda fazem algumas políticas de saneamento básico. Nesse Brasil, quando tem é para nos atirar

A Greve Geral de São Paulo, 1917

para fora da cidade. Eles não querem nossas casas limpas, nossos filhos com saúde; eles querem nosso espaço, nossos corpos e nossas cabeças de gado. E nos atiram fácil, fácil, para as marginais da cidade.

Acácio:

Não temos escolas de padres, nem do Estado. E as nossas, que inventamos, eles chamam de lugares de subversão. Nada de ser alfabetizado, saber de leis, basta crer na palavra do patrão. Nossas Escolas Modernas são lugares perigosos, de terroristas. Porque mostramos que sabemos nos governar, sabemos educar e ensinar; nós, os sujos e sem cultura, somos inteligentes e guerreiros. Sabemos fazer por nós mesmos.

Gus:

“Podemos desde já garantir que o ensino livre, racional, alheio às injunções do clero mentiroso, vai ser um fato podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em São Paulo. (...) A Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que *sabe* porque estudou, porque refletiu, porque analisou, porque fez a si mesmo uma consciência própria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como fonógrafos as virtudes de Moisés e para se curvarem sem dignidade ao Direito Romano, pequenos nos ódios e nos entusiasmos, crescendo e vivendo sem possuir uma concepção real da vida, inimigos de si mesmos e da humanidade.

Vitor:

Estas são as normas fundamentais que servirão de base à Escola Moderna e que por meio de conferências e publicações avulsas serão vulgarizadas para que todos compreendam o que queremos”¹³.

Mayara:

Agora, ouçam só o libelo publicado no jornal *A Gazeta do Povo*, em 19/02/1910:

Lili:

“Todo mundo já sabe que em São Paulo trata-se de fundar uns institutos para a corrupção do operário, nos moldes da Escola Moderna de Barcelona, o ninho do anarquismo de onde saíram os piores bandidos prontos a impor suas ideias, custasse embora o que custou. Ora, uma tal casa de perversão do povo vai constituir um perigo máximo para São Paulo. E é preciso acrescentar que não somos só nós os católicos que ficaremos expostos à sanha dos irresponsáveis que saíssem da Escola Moderna. Brasileiros e patriotas, havemos todos de sentir o desgosto, uma vez realizados os intuitos da impiedade avançada, de se ver insultada a pátria, achincalhadas as nossas autoridades, menosprezadas as nossas tradições do povo livre, por estrangeiros ingratos que abusam do nosso excesso de hospitalidade e tolerância. (...) A Escola Moderna vai pregar a anarquia, estabelecer cursos de filosofia transcendental, discutir a existência de Deus e semear a discórdia... Depois, será a dinamite em ação”¹⁴.

Vitor:

“Foram criadas no período de 1895 a 1920 mais de 40 escolas e centros de estudos [libertários], inclusive a Universidade Popular”¹⁵.

Gus:

“Considerando que [o] ensino [oficial] baseia-se no sofisma e afirma-se no misticismo e na resignação; [o II Congresso Operário, de 1913,] aconselha aos sindicatos e às classes trabalhadoras em geral, tomando como princípio o método racional e científico, promova a criação e vulgarização de escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, promovendo conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc.”¹⁶.

Mayara:

“A dependência dos cofres públicos era considerada uma heresia. Por outro lado, as mensalidades cobradas não eram

A Greve Geral de São Paulo, 1917

suficientes para cobrir as despesas. As taxas não podiam ser muito altas, já que isso dificultaria o acesso dos filhos do trabalhador.

Bia:

A necessidade de envolver os alunos, os pais e a comunidade em geral na manutenção financeira das instituições escolares era a única maneira de garantir a autonomia do projeto pedagógico libertário.

Flávia:

Os meios para angariar fundos eram aqueles tradicionalmente usados pelo movimento para manter as suas associações: festas, quermesses, conferências, listas de subscrição, venda de livros, etc. (...)

Mayara:

Os preços das aulas noturnas eram estipulados em comum acordo entre o professor e os alunos”¹⁷.

Lili:

“Realizou-se ontem às 19hs, na Escola Moderna, à avenida Celso Garcia n. 261, uma sessão comemorativa do aniversário da [execução] de Ferrer, tendo o seu diretor, João Penteado, feito uma conferência sobre a vida e obra do inolvidável precursor do ensino racionalista”¹⁸.

Bia:

“A imprensa era a divulgadora da escola libertária e ao mesmo tempo o seu *material escolar*, pois trazia, além de informações de ciência e arte, notícias atuais sobre a situação dos trabalhadores, seus filhos, habitações, saúde e informava sobre as variadas sociabilidades anarquistas.

Flávia:

A escola não era um prédio ou uma instituição, mas um espaço, um meio, um método, muitas vezes somente uma ideia, utilizada por sindicalistas, ligas anticlericais, grupos de estudos pró-escola moderna, maneiras de levar a cada traba-

lhador envolvido em uma luta específica subsídios intelectuais que mantivessem e ampliassem a gana em contestar a ordem, resistir ao poder e inventar uma existência”¹⁹.

Lili:

“A escola afirmava um espaço físico de formação e informação e, também, de aglutinação de diversas ideias-força libertárias.

Mayara:

Educação, escola e revolução eram indissociáveis e simultâneos; aconteciam no momento em que o jornal era escrito, quando era distribuído, ao inflamar os leitores para luta imediata, e ao sinalizar para a utopia igualitária”²⁰.

Lili:

Tem jornal para tudo; é muito interessante que a escola Moderna use os jornais para alfabetizar nossos meninos e meninas, nossos companheiros e companheiras. Tudo em classe mista, como é na casa, sem a professorinha que se faz de mãezinha ou mãezona, sem padrecos e cantilenas.

Flávia:

A classe mista foi invenção dos anarquistas. O Paul Robin, no século passado, fez isso no Orfanato de Cempuis, que serviu de referência para a escola racionalista de Ferrer.

Acácio:

Dizem que não sabemos nada de engenharia, de medicina, de contabilidade... Dizem isso para que fiquemos de joelhos. Que somos ignorantes, que somos mulas de carga.

Gus:

Aqui na cidade e na lavoura. Lá, então, a gente nem pode se mostrar. Somos os imigrantes que vieram para substituir os negros que nos ensinaram a capoeira. Dizem que José Oiticica tornou-se um hábil capoeirista. Mas nós não fomos criados como escravos. Eles nos querem como escravos. Não somos. Lima Barreto não foi escravo. É negro

A Greve Geral de São Paulo, 1917

anarquista. Incrível como são poucos... Ficaram perdidos pelas ruas, foram apanhados pela burocracia do Estado como servidor — note o nome da profissão, servidor público. Tem, entre eles, seu Olavo Bilac, o “seu” Ruy Barbosa, o Machado de Assis, o mulato literato.

Mayara:

Poxa, mas ele escreve bem.

Vitor:

Como branco que é. Diferente do negro anarquista suburbano do Rio de Janeiro, o Lima Barreto. Ou não? Esse, os brancos não consideram escritor.

Flávia:

Para eles, nossos livros são uma merda. Chamam de literatura social. Mas o Fábio Luz, que também é mulato e médico, baiano e um dos fundadores da Universidade Livre no Rio de Janeiro em 1904, é escritor de peças de teatro e livros, até um publicado com pseudônimo de mulher, e inventou o açucareiro com tampa para evitar a disseminação de doenças pelas moscas. Sabia?

Bia:

A terra não é de ninguém, nem de brancos, nem de negros, nem de índios, de raça nenhuma.

Gus:

o caso do ‘Satélite’, a cujo bordo foram, por ordem do governo, passados pelas armas, sem culpa mais de cinquenta cidadãos brasileiros;

Acácio:

o massacre dos marinheiros nacionais, na Ilha das Cobras;

Bia:

as deportações, para os inóspitos sertões, de pessoas pacíficas, entre as quais se contam mulheres e velhos sexagenários;

Lili:

Aquele filho da puta do Lombroso colocava negros e anarquistas como delinquentes.

Bia:

Não existem fronteiras na terra. Na terra há frutos, animais, alimentos e gente; nosso trabalho é dar mais e melhor sem destruir a formosura da natureza.

Lili:

Nada disso de separar brancos, negros e índios. Isso é conversa de eugenista! Conversa de médicos brancos e intelectuais brancos. No máximo esses brancos que nada têm em comum conosco quererão dar direitos a esses ex-escravos, aos índios que matam e evangelizam. Direito de serem governados!

Acácio:

Para eles, a natureza é deles. Nós somos a parte que trabalha pra eles. Nossos filhos são comidas para eles. Eles dizem que há canibais e selvagens, mas são eles os canibais. Aproveitam de nossas meninas, sugam o sangue e o suor de nossos filhos no trabalho, querem todos como novilhos de corte, mãozinhas calejadas de colher café, corpinhos deformados pelo trabalho na fábrica...

Flávia:

Foi assim, é assim. Só tem sentido a greve se dela seguir nossa luta pela revolução. E quem disse que todos precisamos de todas as descobertas lucrativas da ciência burguesa? Não precisamos dos sacerdotes da ciência. Não precisamos de sacerdotes! Não somos os filhos da puta!

Vitor:

Para nós, saúde não é só com vacinas obrigatórias ou posto médico. Nossa saúde é maior que a da medicina.

Lili:

Isso mesmo, quem diz que é assim como está que deve continuar? Essa história de administrar o que existe é uma besteira. Nós os operários não podemos querer saber administrar o que tem. Não queremos esses meios de produção. Queremos outros. E a dívida não é nossa, nem a da fábrica, nem a da fazenda, nem a do comércio, nem a do Estado.

Bia:

Eu não quero que porco algum meta a mão na minha filha.

Mayara:

Lembra do caso Idalina?

Lili:

A imprensa anticlerical iniciada pelo jornal *La Battaglia*, noticiou, entre 1907 e 1912, o desaparecimento da menina órfã Idalina Stamato, do Orfanato Cristovam Colombo, fundado, em 1895, nas colinas do Ipiranga.

Vitor:

Ela desapareceu! Os missionários justificaram de várias formas: que ela estaria em Monte Alto na casa de um padre (constatou-se que era mentira); que ela foi levada para a Itália por três freiras (constatou-se que era mentira); que estava viva, mas curiosamente passou a ser uma garota mulata (não precisa nem constatar a mentira); que ela teria sido retirada do orfanato por uma mulher que disse ser sua mãe (as freiras desmentiram); que ninguém da direção do orfanato a tinha molestado e enterrado.

Mayara:

Essa foi a lebre levantada pela imprensa anarquista.

Flávia:

“Os corvos que dirigem o orfanato devem prestar contas dessa criança que lhes foi confiada; devem ser obrigados a esclarecer esse mistério que evidentemente envolve um crime monstruoso”²¹.

Bia:

A nossa convicção é: “abre-se aqui um campo imenso a suposições, todas as hipóteses são admissíveis e, portanto, conhecidos como são os instintos dos tonsurados, existindo uma extensa lista de crimes praticados em estabelecimentos religiosos, é claro que a suposição única é essa: Idalina fora vítima de um crime nefando, violaram-na e receosos que o delito descoberto, os pusesse a mercê de uma vindicta tremenda apressam-se em fazer desaparecer a prova evidente de sua torpeza”²².

Flávia:

Depois de Idalina, outra órfã foi estuprada e assassinada: Josefina, órfã de pai e internada pela mãe. Nesse momento, a sessão feminina do orfanato já havia sido transportada para Vila Prudente.

Mayara:

“Josefina foi tomar um banho. O quarto de banho, muito afastado, é um lugar propício. O padre Faustino que há muito a cobiçava, entrou logo atrás dela, fechou a porta à chave e antes de ter a menina tempo de gritar tapou-lhe a boca com a mão submeteu-a violentamente a sua luxúria bestial. Em seguida estrangulou-a. (...) Muitas meninas a viram, ficaram de tal modo aterradas que muitas saíram e não quiseram voltar. Como e onde foi enterrado o cadáver dessa estrangulada ninguém mais soube (...). Há motivos para crer que o número de delitos seja muito maior”²³.

Lili:

As freiras do orfanato, solidárias ao padre Faustino, publicam no Diário Popular carta se comprometendo a depor em favor do padre. A polícia e a justiça permanecem omis-sas. Uma garota chamada América declara livremente ao anarquista Oreste Ristori que viu a morte de Josefina. A declaração da garota América foi descartada pelas autoridades sob a alegação de que ela era histérica.²⁴

Bia:

Notícias como estas não cessam! Nada foi esclarecido. Foi assim; é assim. Onde está Idalina?

Todos:

Onde está Idalina?

Flávia:

Onde está?! O coronel José Piedade, que foi o advogado de defesa do Orfanato, agora vereador, pretende propor, com apoio dos socialistas legalistas, uma lei de proteção ao menor trabalhador. Como destacou o companheiro Florentino de Carvalho, nos comícios do Largo da Concórdia e em outros, esse politiquês está armando uma lei para ser mexida pelos interesses dos industriais. Até *A Gazeta* tá metendo a pua! Essa lei Piedade vem para tentar por um fim no nosso Comitê Popular de Agitação. Idalina permanece desaparecida e os milhares de menores trabalhadores estão raquíticos, doentes e exauridos.

Cena 5: a greve

Acácio:

Depois que termina cada um conta a história a seu modo.

Bia:

É difícil para muita gente compreender que num acontecimento muitas forças se aglutinam; que há um monte de coisas a todo o momento, e que não é nada fácil levar adiante.

Gus:

Mesmo porque, o que se conta depois é o resultado favorável aos patrões e sempre nossos defeitos e intransigências.

Lili:

É que na greve geral são poucos os que compreendem a preparação da revolução social; muitos se contentam com as reformas e acreditam que a greve geral é para reformas imediatas (e às vezes contra as reformas de governo).

Acácio:

Na greve geral de 1917, em São Paulo, os jornalistas diziam “governar é prevenir”. Naquela ocasião, eles compuseram o grupo de mediadores entre patrões e grevistas.

Vitor:

A greve de 1917 ficou na história, mas não se esqueçam das greves de 1907 e 1912 que a anunciaram.

Acácio:

Os anarco-comunistas e anarcossindicalistas concordavam com a greve geral, apesar dos anarco-comunistas desconfiarem sempre dos anarcossindicalistas considerando-os reformistas. A aproximação definitiva dos dois grupos foi expressa nos jornais *La Bataglia* (dos anarco-comunistas) e dos continuadores d'*O amigo do povo* (dos anarcossindicalistas), e foi pelos companheiros do *Guerra Sociale*, em outubro de 1916, que se formou a Aliança Anarquista.

Bia:

E trouxeram muitos socialistas.

Flávia:

As relações de trabalho eram de exploração intensa, baixos salários, desemprego, ocupação das crianças e mulheres no trabalho noturno, uma carestia interminável e a gente sendo preso pela polícia.

Bia:

Os anarquistas sempre foram o alvo. Quando a American Federation of Labour, em seu congresso de 1884 decidiu pela greve geral e a levou adiante em 1º maio de 1886, pela jornada de oito horas, o resultado, para nós, foi a execução de quatro anarquistas em 1887, no episódio que ficou conhecido como Haymarket em Chicago.

Lili:

Aqui não foi diferente. Quando, no dia 10 de julho de 1917, ocorreu o confronto na porta da fábrica Mariângela, o sapateiro espanhol José Iñiguez Martinez de 21 anos foi

A Greve Geral de São Paulo, 1917

morto. Ele pertencia ao grupo teatral *Os Jovens Incansáveis*, que publicava em nossos jornais... Não deu mais pra aguentar.

Mayara:

E logo em seguida mataram o pedreiro Nicola Salermo!

Flávia:

O Comitê de Defesa Proletária (CDP), formado no dia anterior, decidiu iniciar a greve durante o cortejo do funeral que foi da Rua Caetano Pinto, no Brás, até o Cemitério do Araçá, e agrupou mais de 10 mil.

Bia:

Um comitê de mulheres parou diante da Repartição Central da Polícia exigindo a libertação de Antônio Nalepinski preso na véspera e que teve, em seguida, a sua casa invadida, metralhada e saqueada pelos cães de guarda da burguesia, que aterrorizaram a sua mulher e seus cinco filhos, inventando que já haviam liquidado o marido. A polícia teve de prometer que depois do enterro libertaria Nalepinski. E cumpriu.

Gus:

Era um tanto de oradores se pronunciando a cada momento parando o funeral.

Mayara:

Lembrava-se da condição de exploração, das paralisações dos têxteis em maio, da quebra da carroça de bebidas da Antártica, da presença da polícia defendendo os patrões e o governo, que polícia e soldado é filho de proletário, da presença ativa de mulheres e crianças, da solidariedade necessária, de que fechar acordos com patrões era necessário, mas não solução, e que a greve não pode parar. Mesmo porque, os patrões dispostos a negociar não eram mais do que 5%.

Gus:

Em 11 de julho, já eram 20 mil grevistas e 54 fábricas paralisadas.

Flávia:

Balas perdidas durante os dias de greve atingiram operários, crianças

Todos:

— não há bala perdida! —

Flávia:

e a polícia teve a cara de pau de publicar o laudo de autópsia de Martinez, declarando que a bala que o matou era de um companheiro seu. Todos canalhas!

Acácio:

Os confrontos de rua aumentaram. Os grevistas usaram cortiças e roletes para derrubar a cavalaria. Adesões vieram de todos os lugares. O Congresso Nacional, sempre adormecido, despertou assustado.

Vitor:

Os jornalistas se apresentaram como mediadores, a partir iniciativa de Nereu Rangel Pestana, diretor de *O Combate*, para se reunirem na redação do jornal O Estado de S. Paulo. O CDP sentou para conversar. Levaram as propostas para o comício, que ocorreu no Prado da Mooca, em 13 de julho, com 3 mil pessoas; e as conversas duraram até 15 de julho, com decisões para libertarem presos grevistas, acordo com representantes do governo para controle de preços e fiscalização dos produtos, regulamento do trabalho e fim do trabalho noturno para mulheres e crianças.

Gus:

“Em 16 de julho a greve geral chegou ao fim”²⁵.

Acácio:

Viriam outras. Viria a perseguição ainda mais violenta contra anarquistas, viria até a Revolução Russa, em outubro!

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Lili:

E nela também havia muitos anarquistas que foram esquecidos daquela história oficial.

Flávia:

É sempre a história do Estado! É a história das reformas, às vezes com título de revolução.

Gus:

Se a greve geral é acontecimento da revolução social, só a continuidade de práticas radicais a consolida.

Acácio:

É preciso estar atento, porque somos sempre os criminosos.

Gus:

“Há um único direito inviolável e sagrado no esplendido código da natureza: é o direito à vida! E antes de morrer de fome é preferível morrer combatendo”²⁶.

Cena 6: imprensa e Aliança Anarquista

Vitor:

Eu não fico surpreso de ver como é grande a imprensa anarquista.

Lili:

E é a gente que sustenta.

Flávia:

Nossa greve foi impressionante! *A Lanterna* deixou de ser um jornal anticlerical para ser declaradamente anarquista como *A Plebe*, com Edgard Leuenroth e seus camaradas. O nosso grande jornal foi o *Guerra Sociale*, com Ângelo Bandoni, Florentino de Carvalho, Gigi Damiani, Carlo Molaschi, Francesco Cianci.

Mayara:

E tem as irmãs do Florentino de Carvalho e muitas mulheres...

Vitor:

Italianos, brasileiros... e espanhóis.

Gus:

A Plebe é anarcossindicalista declaradamente; o *Guerra Sociale*, anarco-comunista.

Acácio:

A Plebe crê no sindicato como modo de fazer deslanchar a revolução; o *Guerra Sociale* defende a tática sindical no momento, mas quer a anarquia imediatamente.

Flávia:

A Plebe também.

Acácio:

A Plebe quer revolução. Acredita numa virada. O *Guerra Sociale* quer revolução todo dia, mudar o mundo conosco a cada dia.

Lili:

A Plebe será mais lida. É toda em português. Quase todo mundo já fala português. A língua será um empecilho para o *Guerra Sociale*?

Vitor:

Só o tempo dirá.

Gus:

Não dá para responder, apesar de, ultimamente, no *Guerra Sociale* ter cada vez mais a predominância da língua portuguesa. Sabemos que a imigração italiana vem sendo reduzida e a imigração de espanhóis e portugueses tem aumentado.

Bia:

Nesses três países o anarquismo é muito forte, vindo do campo e se fortalecendo na cidade. Também na Rússia e na Ucrânia a revolução social começa no campo. Mas aqui no Brasil começa na cidade industrial.

Lili:

Mas a questão sindical é urgente. E teremos de tomar cuidado com o sindicato dos patrões, o sindicato dos patrões com o Estado.

Acácio:

Para os anarquistas europeus a questão sempre foi o trabalho onde quer que se realizasse. Foi assim que do campo chegou à CNT na Espanha e da Ucrânia para a Rússia e seus conselhos. Aqui não, a lavoura é submissa à oligarquia. É com a indústria que tudo se anarquiza.

Gus:

Na Argentina também começou no campo e rapidamente se juntou com o movimento na cidade.

Flávia:

Tudo isso mostra nosso crescimento, nossas perspectivas, nossas diferenças entre iguais. Tomara que a Aliança Anarquista seja um bem.

Mayara:

Que ela dure. Porque o que vamos tomar de porrada da polícia e das leis não dá nem para imaginar. É bom também ficar menos eufóricos, porque daqui a pouco os socialistas vão querer mandar nela. É eles gostam de mandar e de desagregar.

Lili:

Nós anarquistas sabemos disso desde a AIT, em 1872, quando Marx passou a perna em Bakunin.

Acácio:

Eu acho que essa querela vai dar pano para manga por muitos anos...

Gus:

Eu acho que haverá anarquistas que pensarão que dá para compor com eles... Verão sempre a conjuntura como oportuna.

Flávia:

São os anarquistas que agem pensando na vitória, são devotos da estratégia. Querem comandar como os socialistas? Serão anarquistas?

Mayara:

Mas o anarquismo precisa se organizar.

Bia:

E quem disse que organizar é fazer uma estrutura de comando dos que tem a verdade da consciência revolucionária?

Mayara:

Porra, você está com a língua solta.

Bia:

A língua viva.

Gus:

Eu quero muito que tudo isso não acabe nestas disputas de salão.

Vitor:

Então é preciso estar atento para o que acontece. Lá na Europa tem os sociais-democratas que querem o socialismo pela luta no Estado, no parlamento etc e tal.

Flávia:

Os comunistas também acreditam em uma única estratégia a ser executada por um partido exclusivo, atuando na

A Greve Geral de São Paulo, 1917

luta parlamentar, mas conspirando pela revolução. Para eles, aliança é a subordinação de todos ao seu comando.

Lili:

Então os dois, o partido exclusivo e os anarquistas estrategistas, são parceiros. Concorde?

Bia:

A língua viva é a d'*A Plebe* e do *Guerra Sociale*: a revolução se faz, também, no sindicato. Mas não é só uma luta econômica para se instalar num lugar exclusivo.

Vitor:

Há sempre o risco do sindicato vir a ser o meio exclusivo da luta. Assim, ele pode acabar por cumprir papel semelhante ao partido exclusivo e os centros de cultura ficarão a reboque dos sindicatos. Aí, os anarco-comunistas vão se enfezar.

Flávia:

Bem, no momento o que importa é solidificar a Aliança Anarquista.

Gus:

É preciso federação. Não dá para ficar só entre os anarquistas... Mas nós estaremos federados. É preciso ir adiante desta merda de vida. É preciso unir todos os combatentes.

Acácio:

Como a Aliança da Democracia Socialista de Bakunin na Primeira Internacional, que levou a anarquia para Espanha com Luigi Fanelli e se tornou a obsessão de Marx e Engels em seus ataques ao socialismo libertário.

Vitor:

Eu não quero juntar nem com os socialistas, mas não quero que eles fiquem impedidos de fazer suas coisas, e nem que tentem nos impedir.

Bia:

Não dá pra juntar com todos. Mas nesse momento... o que importa é juntar todos os anarquistas!

Mayara:

Todos os anarquistas juntos. Todos os socialistas conosco e nós com eles, pela greve, neste momento.

Lili:

A Aliança Anarquista eu topo. Outra união é craca, é compor numa frente em favor de quem comanda. É ajeitar a vida das lideranças. No final, elas sempre se dão bem. Sempre terão empregos... nada de aliança com socialistas, isso é coisa de burocratas da revolução...

Flávia:

Você está coma língua afiada!

Mayara:

Está com a língua solta.

Lili:

Estou com a língua viva!

Acácio:

O CDP explicitou o início da revolução social. Os patrões exibiram sua retórica e se apegaram à regulamentação de trabalho de menores e mulheres para mostrar como compreenderam bem a situação. O governo explicitou como exercitaria a repressão imediata dali em diante...

Gus:

O CDP prestou auxílio a todos os operários e suas famílias, que passaram necessidades em consequência da greve, com dinheiro, alimento e acompanhamento dos processos.

Lili:

Comentários de um plebeu:

Acácio:

“É um fato incontroverso e reconhecido pela unanimidade da imprensa e da opinião pública que esta vasta cidade, capital do mais rico estado da federação brasileira, esteve, três dias e três noites, sob o domínio, não legal, mas real, das heroicas massas proletárias. (...) Que cada proletário medite como deve a lição da ‘nossa’ semana vermelha”²⁷.

Vitor:

A nossa greve repercutiu no Rio de Janeiro e a Federação Operária do Rio aderiu aos nossos propósitos em 28 de julho, divulgando suas reivindicações próprias.

Cena 8: a aliança entre nós

Gus:

A aliança libertária é como o amor livre. Acontece e pronto.

Flávia:

A gente se mistura, se modifica, se junta, pode se separar ou ficar mais agarradinho ainda, né?

Gus:

Eu gosto disso, sabe? Não aprecio essa coisa de anarquista isso, anarquista aquilo, somos todos anarquistas: isso e aquilo.

Flávia:

Nossa vida hoje e no futuro depende da gente ser assim diferente.

Gus:

Você tem razão. Se os socialistas gostam de mandar, que mandem no seu quintal, mas que não queiram fazer disso regra geral. Se não é ser igual aos capitalistas, aos burgueses, aos pequeno-burgueses, aos operários conformistas e aos colonos de cabeça baixa...

Flávia:

Isso mesmo. Se eles quiserem casar, que casem. Eu, nós, queremos muito amor livre.

Gus:

Deixe seu marido escutar...

Flávia:

Ele ouve toda vez que quer ser meu dono... que um dia eu arranjo outro que me entenda.

Gus:

Ele não te entende?

Flávia:

Entende, mas é ciumento; essa coisa de macho criado desde o berço na teta da mamãe.

Gus:

Essa coisa de amor materno, de mulher cabeça baixa, de que ter outros amores é coisa de... mariposa. Eles podem ter outras mulheres... é coisa de homem, natural! Pra mim não dá! Vou fazer como você, não vou casar!

Flávia:

Ouvi um monte até do meu irmão que é carne e osso comigo. Mas agora, ninguém mais fala...

Gus:

Fala pelas costas, com uma pontinha de inveja.

Flávia:

Todo mundo sabe que desde jovem fui uma garota que não temeu o sexo.

Gus:

Eu também... Nenhum.

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Flávia:

Nem eu. E pode ter certeza que muitos deles também...

Gus:

O que você quer dizer?

Flávia:

Que entre nós há alguns que gostam de sexo com seus iguais... Conheço vários deles.

Gus:

Escondidos. Mas um dia virá que isso será possível para qualquer um. Por isso as mulheres são importantes para quebrar esse governo masculino do sexo.

Flávia:

Você anda informado...

Gus:

Eu ouvi uma companheira falar das palestras da Emma Goldman sobre sexo, aborto, amor livre, contracepção. Ela está certa. Se a gente quebra com o domínio masculino no sexo e com o casamento, abriremos veredas para os escondidos.

Flávia:

Você tinha que ser a nossa Emma!

Gus:

Aliança anarquista é união pela liberdade dos operários na fábrica e para que todas as liberdades aconteçam. Eu não tô falando de liberdade de imprensa como quer a burguesia, dizer, escrever, etc., eu tô falando de fazer, de acontecer sem medos, agora.

Flávia:

Tem gente que fala que medo é natural. Medo só existe porque alguém falou que algo é proibido, atinge o respeito

pela obediência; é amedrontador porque se justifica pelo sobrenatural, pelos pecados, pela desobediência.

Flávia e Gus:

Medo é o que governa o prudente.

Cena 9: o cumprimento da palavra dos empresários e governo

Acácio:

“Acusaram-nos de pedir o impossível. Nós, porém, estávamos certos de haver pedido o mínimo que era possível”²⁸.

Flávia:

“Se é permitido ao comércio roubar escandalosamente o povo consumidor, a ponto de o colocar na contingência acabrunhadora de perecer à fome, aconselhamos a todos nossos irmãos de infortúnio que defendam o seu inconteste direito à vida, indo buscar a subsistência onde quer que elas se encontrem aferrolhadas”²⁹.

Gus:

“A expropriação é, para o esfomeado, um direito, o direito em virtude do qual se força um explorador do trabalho alheio à restituição daquilo que não lhe pertence”³⁰. Até o Moisés saqueou o armazenamento de trigo do faraó junto com os judeus. E não esqueçam que os governantes se dedicam a uma atividade ordinária: favorecer os fazendeiros, os comerciantes e os industriais, além de procurar dinheiro para emprestar-lhes.

Mayara:

É usam as Forças Armadas contra o povo para proteger a ordem e a liberdade dos Matarazzo, Gambas, Crespi, Hoffman, da Cia Inglesa, a Light, do capital nacional e estrangeiro.

Flávia:

E os seus ratos, os delegados de polícia. Entre eles, “destingiu-se este cavalheiro [Bandeira de Melo] pelo zelo inexcusável com que serviu à horda e à ordem que o alimentam. Ele próprio, em pessoa, espancou, prendeu, perseguiu inúmeros operários (...). É o imbecil moderno como a sociedade burguesa os cria, repleto de vaidosa ignorância, tolo e cruel, covarde e vingativo”³¹.

Vitor:

“Sempre que a expressão anarquista fere os tímpanos auditivos da corja parasitária e exploradora, é certo vê-la esgazeirar muito os olhos em sintoma de pavor”³².

Bia:

Em 13 de setembro de 1917 começam as perseguições. A polícia infiltrara agentes no meio operário que produzem uma lista imensa.

Lili:

Como instigadores foram acusados: Edgard Leuenroth e Antonio Nalepinski;

Mayara:

como “cabeças”: Florentino de Carvalho, Manuel Martinez, Antonio Candeias Duarte, José Fernandez e Francisco Cianci;

Vitor:

e como “homens da rua”: João Minieri, Joaquim Arganaz, Antonio Lopes, Mario Bernardo, Emília Gutler e Francisco Siepletz.³³

Acácio:

Edgard Leuenroth foi preso acusado de instigar a invasão e o saque no Moinho Santista. Foi para a Cadeia Pública. Aguarda seu julgamento pelo Tribunal do Júri no ano que vem, sob a acusação de ser “o autor psíquico-intelectual” da Greve Geral de julho de 1917.

Gus:

Em março de 1918, Edgard Leuenroth foi absolvido por unanimidade. O fato da justiça inocentar um réu não impede que o governante o transforme em alvo de contínuas vigilâncias e novas acusações.

Todos:

As sedes das associações foram invadidas.

Vitor:

Do salão Germinal, na Rua do Carmo, onde se davam as reuniões de anarquistas, roubaram o mobiliário.

Todos:

E gente sendo presa!

Vitor:

A gráfica Piratininga, que rodava *A Plebe*, foi invadida e roubaram os originais da edição de 15 de setembro, aí o jornal passou a ser impresso, por um tempo, nas oficinas de *O Combate*.

Acácio:

As ligas operárias foram fechadas por serem consideradas ajuntamentos ilícitos, sociedades secretas e perigosas.

Flávia:

Muitos anarquistas foram encarcerados em navios e vão fugindo da embarcação pelos portos do Recife, de Belém do Pará, do Rio de Janeiro.

Acácio:

Gigi Damiani não foi localizado pela polícia.

Gus:

“O realejo do governo, assumido como lhe compete a defesa dos salteadores de farda, ejaculou na quarta-feira a seguinte calinada:

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Lili:

O que a polícia fez foi acabar com as forças das ligas libertárias, que não passavam de centros de anarquismo...

Acácio:

É claro que se as ligas fossem libertárias, seriam *ipso facto* centro de anarquismo. Mas como a bestia não vê um palmo diante do nariz, ignora que os termos libertário e anarquista são uma e a mesma coisa”³⁴.

Bia:

E hoje em dia, velhacos e moçoilos, democratas neoliberais, arrotam que libertários são eles. O roubo aos anarquistas pelos patrões e sua bestia continua solto. Os otários, os mal-intencionados e os crápulas os acompanham, disseminando que libertário é o neoliberal.

Todos:

Fodam-se!

Acácio:

Tudo parece mudar para permanecer como era.

Flávia:

Greves, comitês de negociações, acordos com patrões e Estado para melhorar minimamente nossas vidas, acabam sempre em mais sofrimento.

Bia:

Decreto 4.247 de 6 de janeiro de 1921 — Regula a entrada de estrangeiros no território nacional, contra os anarquistas; Decreto 4.269 de 17 de janeiro de 1921, assinado pelo presidente Epitácio Pessoa, regula a repressão ao anarquismo. De 1922 a 1926, o Presidente Arthur Bernardes governou sob o estado de sítio.

Cena 10: mudar para manter...

Gus:

Tem que ser como eles querem. E quando eles nos quiserem organizados ao seu modo é que nos darão o mínimo. Se não é greve, que é empolgante, mas que depois é a volta ao estado anterior com ligeiras alterações.

Vitor:

Isso é evolução, isso é progresso...

Gus:

A legislação só aprova o que não prejudica os patrões. A gente precisa se manter alerta. A fábrica cresce e eles precisam cada vez menos de nós e mais das máquinas.

Vitor:

Precisam de nós mais qualificados, ordeiros, e não como encostos baderneiros. Também temos de colaborar para ter mais fábricas, mais empregos, trabalho decente para nossos filhos no futuro.

Gus:

Nós não falamos mais a mesma língua. Você virou amarelo.

Vitor:

É esse português todo errado. Eu quero falar o português certo, entende?

Gus:

Eu quero falar a língua dos vivos que se recusam a ser trabalhadores encarcerados nas fábricas e nas fazendas ou nas vilas operárias e colônias rurais.

Vitor:

Você vive no passado europeu. Aqui é Brasil, temos que colaborar para o país ser o gigante que é.

Gus:

Você é do mesmo passado, mas passado a limpo. Nem mais no Centro Libertário você vai. Só quer descanso depois do trabalho, comidinha da patroa...

Vitor:

É, todo mundo em casa. Eu quero ser o provedor. A rua é o lugar da perdição dos operários, das mulheres e das crianças.

Gus:

Mas manter essa sujeira toda é o que patrões e o governo querem.

Vitor:

Mas se a gente não se organizar, para uma luta justa e limpa, nunca vai melhorar. É preciso votar, e amar esta nova pátria; um dia teremos democracia e quem sabe, um operário na presidência. Veja, essa merda de guerra na Europa só fez aumentar a carestia; nosso povo precisa estar organizado para entrar na guerra e botar um fim nisso. A gente precisa de uma nova organização, se modernizar... Essa tal de revolução russa, você acha que vai chegar aqui?

Gus:

Ninguém imaginava que ela chegaria lá! Até os próprios comunistas achavam que seria impossível... Mas eles estão fazendo, mostrando que não dá para ter acertos com o Estado. Mas não basta revolução se não cuidamos dela, se deixamos para alguém nos governar ela virará alguma coisa parecida com essas merdas de melhorias que estão prometidas aqui em que você tanto acredita. Não dá para fazer revolução crendo no Estado e na propriedade, seja ela de quem for. É preciso acabar com a propriedade e o Estado.

Vitor:

Você quer dizer que os revolucionários poderão ser os novos patrões e donos do Estado? Merda pior ainda...

Gus:

Se não cuidarem, os mesmos operários que fazem a revolução voltarão a ser operários sob o chicote da polícia e do Estado.

Vitor:

Viu, você mesmo concorda que a revolução é uma merda. Tira um e põe outro no lugar para melhorar! Então o melhor é melhorar sem revolução.

Gus:

O que eu disse é que não se faz revolução e ponto. Tem de cuidar, cada um por cada um.

Vitor:

Já está tarde e a patroa me espera.

Gus:

Que pena!

Entra e fecha a porta.

Cena 11: nós permanecemos anarquistas

Flávia:

Estamos no início de um século e não podemos prever como ele será. As notícias de misérias e guerras chegam com atraso; pouco importam as notas impressas, todos nós sabemos que a miséria impera!

Vitor:

Mesmo sem saber pelos jornais ou pelos relatos de amigos e conhecidos, muita fome permanece, muita gente fazendo greve, a polícia crescendo e recrutando seus quadros entre nós, compondo milícias contra nós, a maioria de trabalhadores desempregados.

Lili:

Somos muitos nas ruas e não tememos a força da polícia, das armas, do Estado que diz existir para nos proteger. Quando eles vêm para cima de nós é nos acusando de bandidos ou delinquentes. Devemos responder com barricadas.

Mayara:

Temos sempre de aceitar o diálogo com os patrões, quando há, com o Estado e seus representantes, com a boa e tranquila sociedade. Morremos pela pátria, morremos pela nossa luta, morremos executados pela polícia e por nossos parceiros de miséria.

Acácio:

Somos mortos por muitos ilegalismos aos quais somos empurrados a praticar para sobreviver; somos uma massa que funciona para os ilegalismos burgueses. Somos a massa ébria que deve crer no contrato de trabalho e no contrato social, nos tratados de paz e declarações de guerra, na diplomacia. E temos a obrigação de crer no Estado. Mas, nós somos os inimigos do Estado. Somos os inimigos do Estado e sem o qual ele não se alimenta. E temos a obrigação de nele crer.

Gus:

Eu não entendo como a gente, os milhares nas lutas, tememos a força policial que é diminuta; eles são poucos com suas armas, nós somos muitos com nossa força. Não devemos permitir que nos matem, prendam, intimidem.

Bia:

A eles só interessa repor a dominação ou que simplesmente adoremos o tirano da ocasião, com ou sem direito ao voto. O resto é fome, insalubridades, doenças, sujeiras que nos culpam de produzir porque somos sujos e, por isso, perigosos à vida sadia, à sociedade sadia, à higiene dos maiores. No máximo eles nos querem limpinhos como eles, e agradecidos.

Lili:

E tem tanta gente entre nós que gosta de ser agradecido, de obedecer a qualquer regra ou lei, de se submeter ao grito ou às armas. Porque tem de ser assim. Porque assim é melhor, porque é assim na natureza, nas espécies animais. Eles são os homens e dizem que nos querem emancipados da condição de animais se formos semelhantes a eles.

Flávia:

Mas a gente é diferente mesmo sendo um animal. Há muita gente que nos faz permanecer animal, como a presa acuada e apavorada submetida à lei do mais forte, porque tem de ser assim.

Acácio:

Somos a revolta e a revolução. Crer na revolução como meta para o paraíso é uma besteira; ela só pode ser um episódio na continuidade das revoltas, sim, daquilo que é a revolta, a expressão do insuportável de cada um por cada um.

Gus:

Noticiam uma revolução na Rússia. Isso é bom; até os soldados passaram para o lado dos revolucionários. Não há pátria, mas gente vivendo junto. Nada mais de polícia. Nada de ameaça de outros exércitos para repor a ordem. Nós contra as pátrias, as propriedades e os exércitos. Somos muito mais que maioria. A propriedade é um roubo!

Todos:

E o resto você já sabe, nós permanecemos anarquistas. Vamos para a quermesse e o baile. Viva a anarquia!

Final do segundo movimento da 5ª Sinfonia de Beethoven.

Todos:

VIVA O ANO NOVO!

FIM

Notas

¹ Aula-teatro 22 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Beatriz. S. Carneiro, Edson Passetti, Eliane. K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Helena Wilke, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Mayara de Martini, Ricardo Abussafy, Salette Oliveira, Sofia Osório, Thiago Rodrigues e Vitor Osório. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Mayara Cabeleira, Vitor Osório. Operadora de Luz e Sonofonia: Helena Wilke. Coordenação e Ambientação: Edson Passetti.

² União das Costureiras de Sacos. Terra Livre, São Paulo, junho de 1906, apud Lúcia Soares da Silva. *Mulheres e Punição: uma história das Delegacias de Defesa da Mulher*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2001, pp. 30-31.

³ *Guerra Sociale*, n. 44, ano III, 31 de março de 1917.

⁴ Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, n. 10, 1914, p. 25 in Maria Alice Rosa Ribeiro. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. Campinas, Editora da Unicamp, 1988, pp. 118-119.

⁵ *Terra Livre*, São Paulo, 23 de fevereiro de 1907, n. 27 in Maria Alice Rosa Ribeiro, 1988, op. cit., pp. 141-142.

⁶ Cf. Pedro Catallo. “Subsídios para a história do movimento social no Brasil” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 11, 2007, pp. 13-14.

⁷ Grupo de Alienados. “Maluquices” in *Guerra Sociale*, n. 32, ano II, 11 de abril de 1916.

⁸ Florentino de Carvalho. “Contra a intervenção do Brasil na Guerra” in *Guerra Sociale*, n. 46, ano III, 01 de maio de 1917.

⁹ Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil 1890-1930)*. São Paulo, Paz e Terra, 2014, pp. 131-132.

¹⁰ Francisco Correia. “Mulheres libertárias: um roteiro” in Antonio Arnoni Prado (org.). *Libertários no Brasil: Memórias, Lutas, Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 46.

¹¹ Mariângela Alves de Lima e Maria Thereza Vargas. Teatro Operário na Cidade de São Paulo. São Paulo, IDART, 1980, p. 38.

¹² Rogério H. Z. Nascimento. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2000, p. 165.

¹³ *A Lanterna*, n. 7, ano IV, 24 de novembro de 1909.

¹⁴ Neiva Beron Kassick. “Experiências Pedagógicas Libertárias no Brasil” in Stéla de Sá Siebert (et. al.). *Educação Libertária: textos de um seminário*. Rio de Janeiro, Achiamé, Movimento-Centro de Cultura e Autoformação, 1996, p. 85.

¹⁵ Idem, ibidem.

¹⁶ A Voz do Trabalhador, 1 de outubro de 1913, p. 4, apud Eduardo Valladares. “A educação anarquista na república velha” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 7, 2005, pp.165-166.

¹⁷ Eduardo Valladares, 2005, op. cit., pp.162-163.

¹⁸ *A Plebe*, n. 17, 14 de outubro de 1917.

¹⁹ Edson Passetti & Acácio Augusto. *Anarquismos e educação*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008, pp. 57-58.

²⁰ Idem, p. 64.

²¹ *A Lanterna*, n. 9, ano IV, 11 de dezembro de 1909.

²² Idem.

²³ *A Lanterna*, n. 59, ano X, 29 de outubro de 1910. Suplemento extraordinário ao n. 55.

²⁴ Cf. *A Lanterna*, n. 59, ano X, 26 de novembro de 1910.

²⁵ Sobre a greve geral, em especial Christina. R. Lopreatto. *O espírito da revolta: a greve anarquista de 1917*. São Paulo, Anablumme, 2000.

²⁶ *A Plebe*, n. 6, ano I, 21 de julho de 1917.

²⁷ *A Plebe*, n. 7, ano I, 28 de julho de 1917.

²⁸ *A Plebe*, 21 de julho de 1917, op. cit.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem, ibidem.

³¹ *A Plebe*, 28 de julho de 1917, op. cit.

³² *A Plebe*, n. 8, ano I, 4 de agosto de 1917.

A Greve Geral de São Paulo, 1917

³³ Cf. *A Plebe*, 4 de agosto de 1917, op. cit.

³⁴ *A Plebe*, n. 14, ano I, 22 de setembro de 1917.

***The General Strike in São Paulo, 1917*, Edson Passetti & Acácio Augusto.**

aula-teatro 22 
nu-sol puc-sp

21 e 22 tucarena
de novembro 2017
19h30 retirada de
programa de ingressos
estudos pós- no local
graduados em ciências
sociais, puc-sp

grave geral em são paulo, 1917

contra o confusionismo
pela lógica — pela organização
anarquista — falsa e perigosa ilusão¹

florentino de carvalho

sejamos consequentes

A cada passo se encontram pessoas que, seja por ignorância ou por ambição, nunca se acham satisfeitas, mudando de ideias ou de partidos como quem muda de camisa. Que esta mudança sobrevenha após aturadas e profundas meditações, tendo-se reconhecido a falsidade dessas ideias preconcebidas, bem está. Mas que, pelo sim, pelo não, abandonem-se os camaradas de luta e a propagação de um ideal para aderir a um novo partido e entregar-se a novas propagandas, é fazer obra de divisão, contribuir para enublar os espíritos e dar consequentemente uma singular ideia da própria mentalidade.

Não custa admitir, por exemplo, que socialistas sinceros abandonem o Partido Unificado, que durante a guerra, e mesmo depois, tantos e tão variados motivos de descontentamento lhes originou; compreende-se, também, que certos

Florentino de Carvalho (1883-1947), pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, foi professor nas Escolas Modernas 1 e 2, editou e escreveu em jornais anarquistas como A Plebe e Germinal!.

sindicados procurem fora da C.G.T. um terreno mais propício, mais favorável ao emprego da sua energia e atividade. Uns e outros foram ludibriados, enganados e buscaram um novo caminho, tomando novas direções, formando ou aderindo a novos partidos. Estão dentro do seu papel e continuam a obra da sua emancipação moral, que pode, que deve fatalmente conduzi-los até nós, até a Anarquia.

Mas o que não se compreende é que alguns anarquistas, ou pelo menos pretensos anarquistas, abandonem a propaganda de um ideal que ainda ontem faziam seu, e isto porque em vão procuraríamos os motivos sérios da sua nova atitude. Estes, consciente ou inconscientemente, entregam-se a um péssimo labor, e é contra o seu confucionismo, contra a perturbação que eles contribuem a perpetuar, que nós queremos rebelar-nos, denunciando-os.

em guarda!

Vai o vento de feição para o comunismo, posto em foco pela revolução russa, comunismo que cada um interpreta a seu modo, consoante às necessidades da causa. Ao passo que antes da guerra só os anarquistas se chamavam simultaneamente *comunistas*, agora, e um pouco por toda a parte, existem grupos de tendência mais ou menos comunista, soviética, III Internacional: dissidentes do Partido Socialista, sindicalistas descontentes e anarquistas (?) em cisão com a Anarquia. Publicam-se diferentes jornais e revistas, todos se apresentando como órgãos da III Internacional, grupos e jornais reclamizam-se de Mascóvia, de Lênin, de Trotsky, etc., e especulam, é preciso dizê-lo, com o prestígio da Revolução Russa, do soviétismo, do comunismo, da ditadura do proletariado.

Tudo isto causa nas ideias e nos espíritos uma deplorável confusão. Cada um procura interpretar o marxismo, o comunismo e mesmo o anarquismo de diferentes modos, procurando conciliar os inconciliáveis. Difícil tarefa...

Esta confusão, que se manifesta quase sempre por uma ação incoerente, não parece, pelo menos neste momento, opor-se ao fim almejado — a revolução. Parece mesmo decuplicar os esforços de uns e de outros. Mas que amanhã surjam os acontecimentos que todos nós esperamos, e ver-se-á então à luz radiosa do sol, mas demasiadamente tarde, os erros, as faltas e as puerilidades de uns e de outros. Daí um grave perigo, na mesma hora em que uma linha de conduta bem clara, perfeitamente determinada, deveria ser a regra de cada um.

É tempo, pois, mais do que tempo, de nos erguermos contra a confusão das ideias e dos espíritos. Confusão que será amanhã, caso não nos ponhamos em guarda, o quebracostas onde se pulverizarão todos os nossos esforços.

entendamo-nos — o que nós queremos?

Dois grandes princípios se têm achado sempre em luta no decorrer da história. Dois grandes princípios trouxeram sempre às mãos as minorias e as maiorias, os povos e os governantes. A estes dois princípios não escapam os próprios elementos revolucionários, que lhes sofrem as garras. Eles dividiram sempre os homens e hoje sabe-se que a harmonia só será possível quando tivermos decidido por um, eliminando o outro. Estes dois princípios, o princípio de autoridade e o princípio de liberdade, não podem, pois, conciliar-se, e os anarquistas, precisamente porque são

anarquistas, fizeram há muito a sua escolha, erguendo-se sempre, e violentamente o fizeram, contra os métodos e práticas autoritários. Práticas que, qualquer que seja o fim prosseguido, tiveram sempre por resultado meter à bulha, dividindo-os por consequência, um partido, um grupo ou uma casta, contra outros partidos e outros grupos, quando não contra o conjunto de toda uma população.

Foram estas práticas que, quando da nossa Grande Revolução, arremeteram os jacobinos contra o povo, permitiram a volta da reação no termidor (julho, 1794), e prepararam o regresso e depois o reinado de Napoleão. Está ali todo um capítulo de história que é preciso relembrar e que deve servir-nos de lição.

Estes dois princípios acharam-se em antagonismo desde os inícios da Internacional Operária, cimentaram fundamente a dissidência entre Marx e Bakunin, e nós sabemos por quais meios pouco honestos o primeiro eliminou o segundo. É preciso decididamente fazer uma escolha, e com todo o conhecimento de causa optar pelo socialismo autoritário, o marxismo, que nos conduzirá fatalmente à ditadura, à constituição de um novo Estado, e, quer o queiram, quer não, à reação — que a essência do Estado é conservar e quebrar as iniciativas e as energias — ou, então, optar pelo socialismo antiautoritário, libertário, pela Anarquia, que se oporá a toda a ditadura, a toda a organização centralizada, burocratizada, e nos conduzirá ao federalismo, à organização comunista.

a força da anarquia

Para demonstrar a potência do nosso ideal não remontaremos a Sócrates, nem mesmo a Rebelais, por

mais bem inspirados que tivessem sido. Limitar-nos-emos, modestamente, a constatar a sua influência nos acontecimentos atuais.

Não se pode negar, com efeito, que na Rússia, no próprio seio da III Internacional, entre os bolchevistas — estes marxistas! —, as ideias anarquistas tenham de algum modo pesado sobre as diretrizes, orientando as decisões. As moções contra a defesa nacional, contra o parlamentarismo, e outras mais, ainda que não fossem de natureza essencialmente libertária, estão, não obstante, fortemente impregnadas da ideia. As inovações — os comitês de operários, o sistema sovieta, que alguns (certamente nascidos ontem para as questões sociais...) acham tão engenhosos, são em suma senão a organização de baixo para cima, a descentralização preconizada sempre pelos federalistas, pelos anarquistas?

Mas ali os princípios ainda se encontram viciados, falseados nas suas bases, se dermos crédito a Kropotkin, pois que só os bolchevistas têm voz no capítulo. Estes fatos revelam-nos, apesar de tudo, que para fazer a revolução os bolchevistas tiveram de decalcar o marxismo, e, à medida que se consolidam e se tornam um governo forte, apressam-se a demolir o que tinham construído e o que poderia incomodar a sua política.

As resoluções do último Congresso de Moscú dão-nos disso uma excelente prova: fez-se antiparlamentarismo até o dia em que houve a certeza de boas eleições, etc., etc... E, como todo o governo que se respeita, o bolchevismo pratica o oportunismo.

Não é propícia a hora para o abandono dos nossos ideais, sobretudo neste momento em que eles afirmam

a superioridade da sua lógica e a eficácia da sua ação. Quando tal político, que ontem ainda solicitava os sufrágios da multidão, demonstra-nos hoje as nocividades do parlamento; quando fulano de tal, que colaborou durante cinco anos na defesa da pátria, a vem enxovalhar no último instante; quando um dado jornal, que se encarniçava na apologia de certos renegados, os passa a atacar inopinadamente, assiste-nos o direito de encolher os ombros e de dizer que há muito que os anarquistas tomaram posições não esperando pelas ordens de Lênin para agir neste ou naquele sentido.

* * *

A Revolução é coisa demasiadamente grande para que pensemos que um punhado de homens ou um partido qualquer possa realizá-la com êxito. É preciso, para que triunfe, a colaboração de todos os elementos que tiverem concorrido para a precipitar. E, sobretudo, será preciso ter em conta as iniciativas populares, colaborações, sociedades, obras de todas as espécies, das quais muitas existem já fora da gerência do Estado. Todas estas atividades se revelarão em maior grau logo que o Estado deixe de lhes por entraves. Só então nós poderemos julgar os resultados das inumeráveis associações que se criarem, tendo como elemento coordenador a Federação e como base a Comuna: o Atelier, o agrupamento intercorporativo, a Assembleia toda poderosa dos indivíduos componentes destes sistemas de organização, e que se chamará Soviete ou qualquer outro nome à escolha do freguês. Mas não confundir com a organização soviética

rusa que não é presentemente mais do que o reflexo do partido comunista e não do conjunto da população.

o perigo... o remédio

Se, numa revolução, as ideias, as iniciativas de cada um se discutem, se confrontam, nós podemos esperar estar seguros do sucesso. Mas se essas ideias se opõem violentamente pelo fato de que um partido, tendo conquistado o poder, tenta esmagar tudo o que não seja dimanado de si próprio, então haverá tudo a temer do novo governo e o êxito da Revolução restará problemático.

“O grande perigo que poderia aniquilar todos os benefícios da Revolução e fazer recuar a humanidade reside no fato dos violentos conseguirem utilizar a força do maior número, a força social, para sua única vantagem, como instrumento da sua própria vontade — isto é, constituir um governo, organizar o Estado.

Os anarquistas, que lutam hoje para destruir todos os órgãos da violência, terão por missão, amanhã, impedir que renasçam esses órgãos por obra ou por conta dos antigos ou dos novos dominadores”. (Errico Malatesta)

* * *

Eis aí a série de raciocínios que oferecemos à meditação dos nossos camaradas dos diferentes agrupamentos revolucionários, soviéticos, comunistas ou outros.

Eles creem ter achado o seu caminho, e enganam-se redondamente! Estão em plena Torre de Babel...

Nós pedimos-lhes desde já um pouco de lógica e de coerência. Não abusem da palavra comunismo, antes de saber e fazer saber o que entendem ao certo por este termo. É preciso escolher entre o comunismo de Estado e o comunismo-anarquista. A não ser que se pretenda ficar no equívoco, em que tanto se comprazem certos *camaradas*, é mister decidirem-se pela ditadura ou pela Anarquia. Pois pode bem suceder que amanhã seja muito tarde, e que bom número dos que julgaram andar bem enfraquecendo o anarquismo — ou não ousando, ou não pensando dever ir até ele —, tenham de roer as unhas, único desforço dos parvos, apercebendo-se que contribuíram pela sua atitude equívoca de hoje a entronizar uma nova categoria de governantes e de políticos.

A vós, camaradas socialistas, sindicalistas, soviéticos, comunistas, todos os que quereis sinceramente trabalhar por uma revolução profunda, a vós cabe decidir da vossa orientação e da vossa ação, cabendo-vos também meditar esta eloquente frase de Kropotkin: “Dois partidos somente estão em face um do outro, o partido da coerção e o partido da liberdade: os anarquistas, e, contra eles, todos os outros partidos, qualquer que seja o rótulo”.

É concludente: ou com os autoritários ou com os libertários. Conosco ou contra nós. Mas, por piedade!, dai-nos a conhecer o vosso pensamento para que se saiba com quem estais!...

Evitemos a confusão que já se prolonga demasiadamente.

Contra o confucionismo...

E nós convidamos os grupos e os indivíduos que estão conosco a aderir sem demora à Federação Anarquista, a única organização capaz de realizar a tarefa e a propaganda acima indicadas.

* * *

maus princípios

Na sua maior parte, quando discutimos o estado revolucionário dos nossos adversários, a sua ditadura, e lhes opomos à nossa concepção do comunismo libertário; quando os levamos à situação irredutível de escolherem entre a autoridade e a liberdade, notando o perigo que constituem, no fim de contas, para a *Revolução Social*; os métodos, as instituições estatais, eles nos respondem que o comunismo autoritário será apenas uma forma de organização transitória, uma plataforma, estabelecida até ao dia em que, pela educação, o comunismo libertário, a organização federalista, comunista, a *anarquia* sejam possíveis.

Declaram que, para educar as massas, para as fazer optar pela nova organização social, uma ditadura e um Estado forte são necessários. Isto é, entendem que devem impor-se como novos senhores e, como tais, admitirem uma só verdade — a sua — e impedirem a livre crítica, a livre discussão: todas as sugestões, enfim, que não saiam da sua própria direção. Dão prova, desta maneira, de uma falta de confiança, quase absoluta, nas massas que imaginam “salvar” de uma desconfiança certa e não dissimulada nos

outros revolucionários, que não são da sua escola, e querem, por tais razões, impor-se como diretores de consciência.

Estranha concepção que pretende, no fim de contas, impor um novo dogma, e que só admite a salvação pela submissão e pela repressão, deixando apenas à escolha a abdicação ou a rebelião.

Eis uma sobrevivência do “direito do mais forte” que se manifesta de tão bela maneira nas nossas sociedades capitalistas, e que, desde os mais remotos tempos, sempre fez curvar sob o seu jugo, dolorosamente, a Humanidade.

Contudo, é a esse extremo que nos conduz a concepção marxista, bolchevista, da *Revolução*.

Ora, não é assim que nós, anarquistas, compreendemos a luta pela conquista da *Liberdade*, pelo estabelecimento de uma nova ordem de coisas, e entendemos que não devemos prestar-nos a uma tal maneira de conceber a *Revolução Social*...

condições necessárias...

A *Revolução Social* só pode ser possível por um movimento da massa, por um levantamento geral, visto que já se vai o tempo dos golpes de mão, das revoltas de uma minoria. E os bolchevistas nunca teriam conquistado o poder se a revolta do povo russo, farto de guerra, não tivesse derrubado anteriormente a autocracia czarista.

As revoltas localizadas, os movimentos corporativos, as *greves*, não são mais do que os indícios certos de um estado de espírito revolucionário, que tende a manifestar-se cada vez mais.

Mas só dão resultado, só levam à derrocada do edifício social, quando o conjunto dos trabalhadores e dos revolucionários de todo um país se solidariza em um movimento geral, de protesto e de revolta.

É a concepção clássica, por assim dizer, da *Revolução*, pela greve geral expropriadora. Assim, se somos forçados a contar com um movimento geral, é porque, já sob a pressão das necessidades, uma nova mentalidade terá surgido no seio do povo.

Além disso, se a *Revolução* pode ser determinada, em uma larga medida, pelos acontecimentos, pode o ser, e certamente o é, noutro sentido: pela propaganda constante, diária, das minorias revolucionárias.

Nesse caso, por que é, que, desde já, em vez de habituar os indivíduos à ideia da necessidade de uma ditadura, de um governo revolucionário, não se lhes dão indicações precisas a fim de os tornar capazes de se guiarem e organizarem sem senhores?

o que deve ser o comunismo

O *comunismo*, sendo um método de organização, produção, divisão, consumo, não pode consequentemente ser a ideia diretriz das massas em revolta.

E quem diz organização diz, por isso mesmo, que deve ser largamente feito apelo à iniciativa de todos, e não apenas ao valor de alguns homens, por mais competentes e melhor intencionados que sejam.

Quem diz produção pretende referir-se aos interessados, aos produtores e aos técnicos.

Quem diz divisão pressupõe a ideia de que os trabalhadores da alimentação terão a seu cargo o mecanismo de importantes serviços de distribuição.

Quem diz consumo compreende que não se pode medir a parte que toca a cada um e que não se deve perder de vista, logicamente, a garantia da satisfação normal das necessidades gerais.

Para isso, a sociedade de amanhã, apesar de todas as dificuldades que podem surgir, e para resolver justamente todas as dificuldades que não hão de deixar de surgir, não terá de recorrer aos bons ofícios de ditadores, de ministérios, de burocratas, de Estado revolucionário, que nunca podem ter todas as aptidões desejadas, supondo mesmo que sejam íntegros, sinceros; a sociedade de amanhã, dizíamos, deverá, ao contrário, apelar para o espírito de decisão, de iniciativa, de solidariedade, de auxílio mútuo, de que poderão dar seguras garantias os trabalhadores que, tendo feito a *Revolução*, serão qualificados para a tarefa da reconstrução.

E é na fileira, entre a massa, que os revolucionários sinceros devem aspirar a lutar, para apresentarem as suas críticas, sugestões, indicações, e não à testa de organismos antiquados, corruptores e opressores, como são os ministérios do Estado, incluindo os do Estado bolchevista.

um pouco de filosofia e de... psicologia

Duas grandes necessidades que se podem chamar leis fisiológicas, aproximaram sempre os homens e aconselharam-lhes a união para um menor esforço e um maior benefício.

Estas leis impelem e impelirão cada vez mais para a *Associação*, para o *Comunismo*, porque encerram em si os princípios de auxílio *mútuo* e de *Sociabilidade* sem os quais toda a existência seria impossível, pois que eles implicam a conservação e a existência da espécie.

Estas leis que constituem a função do homem são: a necessidade de se sustentar — é preciso comer para viver —, e a necessidade de trabalhar — produção de tudo o que é necessário à sua subsistência.

Não há precisão de forçar a demonstração da necessidade de nos curvamos em face das *leis naturais*... Portanto, para estabelecer o *Comunismo*, não são necessárias a autoridade ou a ditadura, visto que o nosso objetivo não é mudar de governantes, nem de política, mas sim viver sem senhores e fora de toda a política.

Se uma ou mais ideias e filosofias têm a intervir na *Revolução*, devem fazê-lo apenas para aconselhar, esclarecer as consciências e provar a sua força, o seu valor pela demonstração, pacificamente.

Que necessidade temos de repetir que não se impõe nem se destrói uma ideia pela força?

Concede-se ao raciocínio, aos acontecimentos, o poder de demonstrar aos homens o valor ou a mediocridade dos seus princípios...

contra o estado “comunista”

A concepção de um Estado revolucionário é, pois, falsa e das mais perigosas. Não venham mais dizer-nos que a conquista e o exercício do poder podem auxiliar

a transformação social. Desde há muito que ouvimos essa cantilena, entoada de outras maneiras, é certo, mas partindo sempre do mesmo princípio:

“A ignorância, a inconsciência das massas, torna necessária a direção dos negócios públicos por parte de mandatários, deputados, funcionários, competências, etc. (?)”. Eis o ponto melindroso da questão e que demonstra que grande número de vedetas revolucionárias se preocupam mais com o seu interesse particular do que com o interesse geral.

E se combatemos sempre a ilusão da “conquista dos poderes públicos”, se combatemos sempre o funcionalismo sindicalista, não o fizemos para sermos hoje os aliados do bolchevismo, nem da ditadura do proletariado.

O governo “Comunista”, baseando-se nos mesmos princípios dos outros governos, não reconhecendo outra autoridade, outra verdade que não sejam as suas, erigindo em sistema a violência para com aqueles que não os adoram, proclamando, *sobretudo*, a preponderância do Estado e qualificando como delito ou crime todo o ato tendente ao não reconhecimento ou à destruição dessa preponderância (que dizeis vós, bolchevistas da prisão atual, se presos fordes, presos por motivo de complô contra a “segurança do Estado”), não se mostra, conseqüentemente, em princípio, nem melhor, nem pior do que os outros governos.

Assim, ardentes partidários da *Revolução Social*, principais e desinteressados defensores da *Revolução Russa*, adversários declarados de toda a intervenção contra a *Rússia revolucionária*, ficai sabendo que não renegamos nada da obra revolucionária do povo russo, mas como inimigos declarados de todos os métodos autoritários,

recusamo-nos à *Revolução* com o bolchevismo, que dela é apenas uma simples expressão...

últimas provas e conclusões

Para justificar a nossa oposição, temos provas em abundância não só nos feitos e gestos dos marxistas russos, mas até outras de significativo valor de demonstração. O próprio Bertrand Russel, professor na Universidade de Cambridge (Inglaterra), num estudo publicado em *The lebrator*, revista comunista americana, intitulado “Democracia e Revolução”, que lemos traduzido no *Phare*, outra revista comunista suíça, declara que, se os bolchevistas “pudessem governar a Europa durante uma geração, a oposição no fim desse espaço de tempo não viria das forças moribundas do passado, mas sim de algum novo movimento que possa manifestar-se para realizar os ideais socialistas que os bolchevistas poderiam ter esquecido nesse intervalo...”.

Não é sugestivo?

Mas, contrariamente ao que parece crer Bertrand Russel, a oposição não esperará uma geração para se manifestar, porque se manifesta por toda a parte e são os anarquistas que hoje, como ontem, proclamam com toda a sua integridade os *princípios de Liberdade*, que guiam a *Humanidade* para a perfeição, para a beleza...

Que nos entendam bem e não interpretem falsamente as nossas palavras.

Não negamos a coragem, a firmeza, a convicção, a sinceridade dos bolchevistas da Rússia e de outros países.

Erguemo-nos contra a concepção da reorganização social dos marxistas, como infinitamente perigosa para

uma *Revolução* que desejamos profunda, radical, ao que diz respeito, sobretudo, à supressão do Estado.

Apelamos para todos os revolucionários sinceros, socialistas, sindicalistas, comunistas, pedindo-lhes que nos leiam e que pesem seriamente os nossos argumentos. É impossível que depois de refletir e discutir não sintam, como nós, o perigo que a todos ameaça, se deixarmos os políticos apoderarem-se do movimento revolucionário que pode surgir e guiá-lo para fins políticos, atuais...

Apelamos para os nossos camaradas libertários, anarquistas, para que se organizem seriamente, a fim de difundirem as nossas doutrinas antiautoritárias, e evitem que a sociedade de amanhã, baseada no comunismo libertário, tenha de sofrer os horrores de uma organização política, seja ela qual for!

Apelamos, finalmente, para todas as boas vontades, para todos aqueles que nos compreendem, organizações ou camaradas isolados, pedindo-lhes que venham engrossar as fileiras da *Federação Anarquista*, único agrupamento que não concede benefícios, lucros ou honrarias pessoais na *Revolução*, e que procura com desinteresse realizar a obra de renovação: luta contra a sociedade capitalista e lançamento de alicerces para a gloriosa tarefa da reconstituição social...

Notas

¹ Texto publicado originalmente pela Biblioteca A nova aurora em Porto, Portugal, 1920.

Resumo

O texto é uma alerta contra a confusão entre comunismo libertário e comunismo de Estado ou marxista. No furor da bem-sucedida Revolução Russa, muitos anarquistas declararam simpatia ao Estado soviético. O texto lembra que este se baseia no princípio de autoridade, enquanto o anarquismo no princípio de liberdade. Por este motivo são inconciliáveis. Contra o confucionismo é preciso retomar as diferenças entre marxismo e anarquismo e seus efeitos diversos em uma revolução social.

Palavras-chave: Revolução Russa, comunismo libertário, comunismo autoritário, revolução social.

Abstract

The article is a wake-up call to the differences between libertarian communism and marxist communism. In the ecstasy of the successful Russian Revolution, many anarchists have declared sympathy for the Soviet state. The article reminds us that the Soviet state is based on the principle of authority while anarchism is based on the principle of freedom, and are therefore, irreconcilable. The differences between marxism and anarchism must be addressed to fight against confucianism.

Keywords: Russian Revolution, libertarian communism, authoritarian communism, social revolution.

Against confucianism. Logically - through the anarchist organization - false and dangerous illusion, Florentino de Carvalho.

Recebido em 15 de setembro de 2017. Confirmado para publicação em 27 de outubro de 2017.

a revolução russa e o partido comunista¹

alexander berkman

Prefácio

A clareza de ideias não é uma característica da mentalidade mediana. Muitas pessoas ainda continuam a falar e a considerar a Revolução Russa e os Bolchevistas como se os dois fossem idênticos. Em outras palavras, como se nada tivesse acontecido na Rússia durante os últimos três anos.

A grande urgência hoje é tornar nítida a diferença entre aquele grande acontecimento social e o partido político dominante — uma diferença tão fundamental quanto tem sido fatal à Revolução.

As páginas seguintes apresentam um claro e historicamente verdadeiro quadro dos ideais que

Alexander Berkman foi Imigrante russo que se tornou proeminente anarquista nos EUA. Cometeu um atentado contra um industrial durante uma greve operária e passou 14 anos na prisão. Em 1919, devido a contundentes manifestações contra a guerra, foi deportado para a Rússia junto com vários anarquistas, inclusive Emma Goldman, sua companheira na vida amorosa e política. Depois de dois anos, deixaram o país e prosseguiram na crítica libertária aos rumos autoritários da revolução russa e das ações do partido comunista. Berkman morreu aos 66 anos, na França, em 1936.

inspiraram a Revolução e o papel desempenhado pelos Bolchevistas. Este folheto prova de uma vez por todas o que É a Revolução Russa e o que NÃO É o Estado Bolchevista, também conhecido como Partido Comunista.

Considero esta brochura, enquanto leitura popular, uma análise bem qualificada e suficientemente completa sobre a Revolução Russa e as causas da sua destruição. Pode ser considerada como uma expressão autorizada do movimento anarquista da Rússia, pois foi escrita por anarquistas de diferentes escolas, todos bem versados e alguns deles participantes nos acontecimentos da Revolução. É o trabalho conjunto de quatro conhecidos anarquistas de Moscou cujos nomes não podem ser mencionados no momento, tendo em vista que alguns deles estão ainda na Rússia. Tampouco tais nomes são importantes neste contexto, antes importam o assunto e sua explanação. Aceito aqui a total responsabilidade pelo conteúdo das páginas seguintes, assim como sou responsável pela tradução do manuscrito russo para o inglês.

Aproveito a ocasião para corrigir a declaração errônea contida no Prefácio de Rudolf Rocker à edição alemã deste panfleto em relação à sua autoria. Esta brochura foi escrita em Moscou, em junho de 1921, e secretamente encaminhada para Rocker. Por causa de um mal entendido, o camarada Rocker atribuiu a autoria do manuscrito a uma pessoa aludida veladamente, mas não citada no Prefácio de Rocker. A realidade da autoria está indicada acima.

Julho de 1922

A Revolução Russa e o Partido Comunista

A Revolução de Outubro não foi uma descendente legítima do marxismo tradicional. A Rússia pouco se assemelhava a um país no qual, segundo Marx, “a concentração dos meios de produção e a socialização das ferramentas do trabalho atingiram o ponto em que não podem mais ser contidas na concha capitalista. A concha explode...”.

Na Rússia, “a concha” explodiu inesperadamente. Explodiu em um estágio de baixo desenvolvimento técnico e industrial, quando a centralização dos meios de produção tinha feito pouco progresso. A Rússia era um país com um sistema de transporte mal organizado, com uma burguesia fraca e um proletariado fraco, mas com uma população camponesa numericamente forte e socialmente importante. Em suma, era um país em que, aparentemente, não havia debate sobre o antagonismo irreconciliável entre as forças de trabalho industrial consolidadas e um sistema capitalista plenamente amadurecido.

No entanto, a combinação de circunstâncias em 1917 envolveu, particularmente para a Rússia, um estado de coisas excepcional que resultou no catastrófico colapso de todo o sistema industrial. “Foi fácil para a Rússia”, escreveu justamente Lênin na época, “começar a revolução socialista na situação peculiarmente única de 1917”.

As condições especialmente favoráveis para o início da revolução socialista foram:

- 1) a possibilidade de misturar os slogans da Revolução Social com a demanda popular pelo término da guerra

mundial imperialista, a qual tinha acarretado esgotamento e enorme insatisfação entre as massas;

2) a possibilidade de permanecer, pelo menos durante um certo período depois de se ter deixado a guerra, fora da esfera de influência dos grupos capitalistas europeus que continuaram a guerra mundial;

3) a oportunidade de começar, mesmo durante o curto período de tempo desta pausa, o trabalho de organização interna e de preparar os alicerces para a reconstrução revolucionária;

4) a posição excepcionalmente favorável da Rússia em caso de possível nova agressão por parte do imperialismo da Europa Ocidental, em decorrência de seu vasto território e dos meios de comunicação insuficientes;

5) as vantagens de tal condição em caso de guerra civil;

6) e a possibilidade de satisfazer quase imediatamente as exigências fundamentais do campesinato revolucionário, não obstante o fato de que o ponto de vista essencialmente democrático da população agrícola fosse inteiramente diferente do programa socialista do “partido do proletariado” que tomou as rédeas do governo.

Além disso, a Rússia revolucionária já tivera o benefício de uma grande experiência — a experiência de 1905, quando a autocracia czarista conseguiu esmagar a revolução pelo real motivo desta última ter se empenhado em ser exclusivamente política e, conseqüentemente, não poder insuflar os camponeses nem mesmo inspirar uma parte considerável do proletariado.

A guerra mundial, ao expor a completa falência do governo constitucional, serviu para preparar e acelerar o

maior movimento das pessoas, um movimento que, em virtude de sua própria essência, só poderia se desenvolver em uma revolução social.

Antecipando as medidas do governo revolucionário, muitas vezes até desafiando-o, as massas revolucionárias começaram, muito antes dos dias de outubro, a pôr em prática seus ideais sociais por sua própria iniciativa. Tomaram posse da terra, das fábricas, das minas, dos moinhos e das ferramentas de produção. Livraram-se dos representantes mais odiados e perigosos do governo e da autoridade. Em uma grande explosão revolucionária, destruíram cada forma de opressão política e econômica. Nas profundezas da Rússia, a Revolução Social estava atizada, quando a mudança de outubro aconteceu nas capitais de Petrogrado e Moscou.

O Partido Comunista, que visava a ditadura, julgou corretamente a situação desde o início. Jogando ao mar as tábuas democráticas de sua plataforma, proclamou energicamente os slogans da Revolução Social a fim de ganhar o controle do movimento das massas. No decorrer do desenvolvimento da Revolução, os bolchevistas deram forma concreta a certos princípios e métodos fundamentais do comunismo anarquista, como, por exemplo, a negação do parlamentarismo, a expropriação da burguesia, as táticas de ação direta, a apreensão dos meios de produção, o estabelecimento do sistema de Conselhos de Trabalhadores e Camponeses (os sovietes) e assim por diante.

Além disso, o Partido Comunista explorou todas as demandas populares do momento: o término da guerra, “todo o poder para o proletariado revolucionário”, a terra

para os camponeses, etc. Como veremos adiante, esta demagogia básica revelou-se de tremendo efeito psicológico em acelerar e intensificar o processo revolucionário. Mas, como disse Lênin, se foi fácil começar a Revolução, o desenvolvimento e fortalecimento posteriores ocorreriam em um ambiente difícil.

A posição externa da Rússia, como foi caracterizada por Lênin em meados de 1918, continuou sendo “inusitadamente complicada e perigosa”, e “sedutora para os Estados imperialistas vizinhos devido à sua fraqueza temporária”. A República Socialista Soviética estava em uma “posição internacional muito crítica e extraordinariamente instável”.

E, de fato, toda a história externa subsequente da Rússia está cheia de dificuldades em consequência da necessidade de lutar incessantemente, muitas vezes em várias frentes ao mesmo tempo, contra os agentes do imperialismo mundial e mesmo contra aventureiros comuns. Somente depois da derrota final das forças de Wrangel² foi, enfim, colocado um ponto final na direta interferência armada nos assuntos da Rússia.

Não menos difícil, complexa e até caótica era a situação interna do país. O colapso completo de todo o tecido industrial; o fracasso da economia nacional; a desorganização do sistema de transporte, a fome, o desemprego; a relativa falta de organização entre os trabalhadores; as condições inusitadamente complexas e contraditórias da vida camponesa; a mentalidade do “pequeno proprietário”, inimigo do novo regime soviético; a sabotagem do trabalho soviético pela categoria dos técnicos; a grande ausência no Partido de trabalhadores

treinados conhecedores das condições locais e a ineficiência prática dos chefes partidários; finalmente, de acordo com a franca confissão do reconhecido líder dos bolchevistas, “o grande ódio e a desconfiança, pelas massas, de tudo que fosse governamental” — essa foi a situação na qual os primeiros e mais difíceis passos da Revolução tiveram que ser dados.

Deve também ser ainda mencionado que havia outros problemas específicos com os quais o governo revolucionário teve de lidar. Especificamente, as contradições profundas e até os antagonismos entre os interesses e as aspirações dos vários grupos sociais do país. Destes, os mais importantes foram:

1) o mais avançado e, nos centros industriais, o mais influente grupo de proletários de fábrica. Não obstante o relativo atraso cultural e técnico, esses elementos favoreceram a aplicação de verdadeiros métodos comunistas;

2) a numericamente poderosa população camponesa, cuja atitude econômica foi decisiva, particularmente em um momento de prostração industrial e bloqueio. Esta classe olhava com desconfiança e até mesmo ódio todas as tentativas do governo comunista de se colocar como tutor e de controlar as atividades econômicas;

3) o enorme e psicologicamente influente (no sentido de formar a opinião pública, mesmo com um caráter de pânico) grupo dos cidadãos comuns: o resíduo da burguesia superior, técnicos especialistas, pequenos comerciantes, chefetes, agentes comerciais de todos os tipos — um grupo numeroso, no qual também se encontravam funcionários do antigo regime que se adaptaram e serviam ao governo

soviético, sabotando-o de vez em quando; os elementos atraídos pelas oportunidades da nova ordem das coisas e em busca de fazer uma carreira, e, finalmente, pessoas arrancadas de seus modos habituais de vida e literalmente famintas. Esta classe foi estimada em aproximadamente 70% dos funcionários das instituições soviéticas.

Obviamente, cada um desses grupos considerava a Revolução com seus próprios olhos, julgava as novas possibilidades a partir do próprio ponto de vista e, com sua própria maneira peculiar, reagia às medidas do governo revolucionário.

Todos esses antagonismos rasgando o país e, com frequência, colidindo em conflitos sangrentos, inevitavelmente tendiam a nutrir a contrarrevolução, não mera conspiração ou rebelião, mas a formidável convulsão de um país experimentando dois cataclismos mundiais ao mesmo tempo: guerra e revolução social.

Assim, o partido político que assumiu o papel de ditador enfrentou problemas de dificuldade sem precedentes. O Partido Comunista não retrocedeu de sua resolução, e aí se encontra seu imortal mérito histórico.

A despeito dos numerosos e profundos antagonismos, apesar da aparente ausência das condições necessárias para uma revolução social, era tarde demais para discutir sobre como mandar de volta hóspedes não convidados e aguardar uma oportunidade nova e mais favorável. Somente os cegos, dogmáticos ou efetivamente reacionários poderiam imaginar que a Revolução poderia ter sido “feita de forma diferente”. A Revolução não era e nem poderia ser um produto mecânico da vontade humana abstrata. Foi a explosão de um processo orgânico com a força elementar

das reais necessidades das pessoas, a partir da complexa combinação de circunstâncias que determinavam sua existência.

Retornar ao firme antigo regime político e econômico, aquele do feudalismo industrial, estava fora de questão. Era impossível, e antes de tudo porque era a negação da maior conquista da Revolução: o direito de todo trabalhador a uma vida humana decente. Era também impossível devido aos princípios fundamentais da nova economia nacional: o antigo regime era intrinsecamente inimigo do desenvolvimento de relações sociais livres e não havia espaço para a iniciativa trabalhista.

Era evidente que a única solução sadia e direta — que salvaria a Revolução de seus inimigos externos, libertá-la da luta interior que ocupava o país, ampliar e aprofundar a própria Revolução — se colocava na iniciativa direta e criativa das massas trabalhadoras. Somente aqueles que durante séculos suportaram os encargos mais pesados poderiam, através de um esforço consciente e sistemático, encontrar o caminho para uma sociedade nova e regenerada. E isso deveria ser o ponto culminante de um zelo revolucionário sem precedentes.

Ao responder em um de seus textos à pergunta: “Como deve ser mantida a disciplina do partido revolucionário do proletariado, como deve ser fortalecida?”, o próprio Lênin disse de forma clara e definitiva: “Conhecendo como se encontrar, se coligar e, se assim se quiser, até certo ponto se amalgamar com as grandes massas dos trabalhadores, principalmente com o proletariado, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias”.

No entanto, esse pensamento como um todo esteve e permanece em um conflito irreconciliável com o espírito do marxismo em sua interpretação oficial bolchevista e, particularmente, com a visão autoritária de Lênin.

Durante anos, treinados em uma peculiar filosofia social “subterrânea”, na qual uma fé fervorosa na Revolução Social encontrava-se estranhamente misturada com uma não menos fanática fé na centralização do Estado, os bolchevistas conceberam uma totalmente nova ciência de táticas. É no sentido de que a preparação e a consumação da Revolução Social exigem a organização de um corpo conspiratórios especial, composto exclusivamente pelos teóricos do movimento, investido de poderes ditatoriais com o objetivo de esclarecer e aperfeiçoar de antemão, pelos próprios meios conspirativos, a consciência de classe do proletariado.

Assim, a característica fundamental da psicologia bolchevista foi a desconfiança nas massas, no proletariado. De acordo com a convicção bolchevista, as massas deixadas por si mesmas só poderiam ascender ao nível de consciência do pequeno reformador.

A estrada que conduz à criatividade direta das massas foi assim abandonada.

De acordo com a concepção bolchevista, as massas são “obscuras”, mentalmente aleijadas por tempos de escravidão. São multicoloridas: ao lado da vanguarda revolucionária, estão incluídos um grande número de indiferentes e muitos oportunistas. As massas, segundo a velha, mas ainda correta, máxima de Rousseau, devem ser liberadas pela força. Para educá-las para a liberdade, não se deve hesitar em usar coação e violência.

“Coação proletária em todas as suas formas”, — escreve Bukharin, um dos principais teóricos comunistas — “começando com a execução sumária e terminando em trabalho obrigatório, é, por mais paradoxal que seja, um método para retrabalhar o material humano da época capitalista para a humanidade comunista”.

Esse doutrinação cínico, essa fanática quase-filosofia com sabor a molho pedagógico comunista e auxiliada pela pressão de “funcionários canonizados” (expressão do líder comunista e trabalhista Shliapnikov) representam os métodos reais da ditadura do Partido, que retém a marca registrada de ditadura do “proletariado” apenas para assuntos de gala em casa e para propaganda no exterior. Já nos primeiros dias da Revolução, no início de 1918, quando Lênin anunciou pela primeira vez ao mundo seu programa socioeconômico em seus mínimos detalhes, os papéis do povo e do Partido na reconstrução revolucionária foram estritamente separados e definitivamente estipulados. De um lado, um rebanho socialista absolutamente submisso, um povo burro; de outro lado, o onisciente Partido Político controlador de tudo. O que é inescrutável para todos, é um livro aberto para “Ele”. Na terra pode haver apenas uma fonte indiscutível de verdade: o Estado. Mas o Estado comunista é, na essência e na prática, apenas a ditadura do Partido, ou, mais corretamente, a ditadura do seu Comitê Central. Todo cidadão deve ser, em primeiro lugar, o servo do Estado, seu obediente funcionário, executando inquestionavelmente a vontade de seu mestre, se não como uma questão de consciência, então por medo. Toda iniciativa livre, tanto do indivíduo como da coletividade, é eliminada da visão do Estado. Os soviets do povo são transformados em setores do Partido

Governante; as instituições dos soviets tornam-se escritórios sem alma, meros transmissores da vontade do centro para a periferia. Todas as expressões da atividade do Estado devem ser carimbadas com o selo aprovador do comunismo, conforme interpretado pela facção no poder. Todo o resto é considerado supérfluo, inútil e perigoso.

Este sistema de absolutismo de quartel, apoiado por bala e baioneta, subjugou todas as fases da vida, não parando antes da destruição dos melhores valores culturais, nem antes do desperdício mais estupendo da vida e da energia humanas.

Declarando *L'état c'est moi*, a ditadura bolchevista assumiu toda a responsabilidade pela Revolução em todas as implicações históricas e éticas.

Ao paralisar os esforços construtivos do povo, o Partido Comunista pôde, doravante, contar apenas com sua própria iniciativa. Por que meios, então, a ditadura bolchevista esperava aproveitar melhor os recursos da Revolução Social? Qual caminho escolheu, não apenas sujeitar as massas mecanicamente à sua autoridade, mas também educá-las, inspirá-las com ideias socialistas avançadas e estimulá-las — esgotadas como estavam por uma longa guerra, ruína econômica e regras policiais — com nova fé na reconstrução socialista? O que substituiu o entusiasmo revolucionário que antes havia incendiado tão intensamente? Duas coisas, que compreenderam o início e

o fim das atividades construtivas da ditadura bolchevista:
1) a teoria do Estado comunista e 2) o terrorismo.

Em discursos sobre o programa comunista, em discussões, em conferências e congressos, e em seu célebre panfleto *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, Lênin moldou gradualmente essa doutrina peculiar do Estado comunista destinada a desempenhar um papel dominante na atitude do Partido e a determinar todas as etapas subsequentes dos bolchevistas na esfera da prática política. É a doutrina de uma estrada política em ziguezague: de “refúgios” e “tributos”, acordos e compromissos, retiros lucrativos, retiradas e rendições vantajosas — uma verdadeira teoria clássica do compromisso.

Desprezando as “risadinhas e gracejos dos lacaios da burguesia”, Lênin convoca as massas trabalhadoras para “orientar o vento”, para recuar, esperar e observar, para ir devagar, e assim por diante. Não mais o espírito ardente do comunismo, mas sim um comercialismo sóbrio é que pode negociar com sucesso algumas migalhas do socialismo vindas da burguesia ainda não conquistada — essa é a “necessidade da hora”. Encorajar e desenvolver as virtudes do comerciante, o espírito de parcimônia e negociação rentável: esse é o primeiro mandamento para as pessoas “regeneradas”.

No referido panfleto, Lênin patrulha toda a moralidade estereotipada e compara as táticas de seu Partido com as de um comandante militar, ignorando o abismo que os divide e a seus objetivos. Todos os meios são bons se levam à vitória. Existem compromissos e compromissos. “Toda a história do bolchevismo antes e depois da Revolução de Outubro” — Lênin prega aos “ingênuos esquerdistas

comunistas alemães” que estão sufocando em seu próprio fervor revolucionário —, “está repleto de casos de acordos e compromissos com outros partidos, a burguesia incluída”. Para provar sua afirmação, Lênin enumera com grande detalhe vários casos de negociação com os partidos da burguesia, começando com 1905, e até a adoção pelos bolchevistas, na época da Revolução de outubro, “da plataforma agrária dos socialistas-revolucionários, no todo, sem mudança”.

Compromisso e barganha, com os quais os bolchevistas tão justa e impiedosamente denunciaram e estigmatizaram todas as outras facções do socialismo de Estado, agora se tornaram a Estrela de Belém apontando o caminho para a reconstrução revolucionária. Evidentemente, tais métodos não podiam deixar de conduzir, com fatalidade inevitável, ao pântano do conformismo, hipocrisia e falta de princípios.

A paz de Brest Litovsk; a política agrária com suas oscilantes mudanças da mais pobre classe de camponeses para o explorador camponês; a atitude perplexa e apavorada em relação aos sindicatos; a política vacilante em relação aos técnicos especialistas, com a oscilação teórica e prática de uma gestão colegiada das indústrias para o “poder de um só homem”; os apelos insistentes ao capitalismo da Europa Ocidental, passando por cima do proletariado estrangeiro e da casa, e, finalmente, a última, inconsistente e ziguezagueante, mas incontestável e segura, restauração da burguesia abolida — tal é o novo sistema do bolchevismo. Um sistema de descaramento sem precedentes praticado em uma escala monstruosa, uma política de dupla operação ultrajante em que a mão esquerda do Partido Comunista começa conscientemente

a ignorar, e até mesmo negar, a princípio, o que faz a mão direita. Por exemplo, proclama-se, de um lado, que o problema mais importante do momento é a luta contra a pequena burguesia (e, aliás, contra elementos anarquistas na estereotipada fraseologia bolchevista), enquanto de outro lado, são emitidos novos decretos criando as condições tecno-econômicas e psicológicas necessárias para a restauração e fortalecimento da mesma burguesia — essa é a política bolchevista que permanecerá para sempre como um monumento completamente falso, completamente contraditório, preocupado apenas com a autopreservação da política oportunista da ditadura do Partido Comunista.

Por mais alto que a ditadura possa gritar sobre o grande sucesso de seus novos métodos políticos, permanece o fato mais trágico de que as piores e mais incuráveis feridas da Revolução foram tratadas pelas mãos da própria ditadura comunista.

Uma consequência inevitável do governo do Partido Comunista foi também o outro “método” da gestão bolchevista: o terrorismo.

Há muito tempo, Engels disse que o proletariado não precisa do Estado para proteger a liberdade, mas dele necessita com o propósito de esmagar seus oponentes, e que, quando for possível falar de liberdade, não haverá governo. Os bolchevistas adotaram essa máxima não apenas como seu axioma sócio-político durante o “período de transição”, mas deram-lhe uma aplicação universal.

O terrorismo sempre foi e continua a ser a *ultima ratio* do governo alarmado sobre a própria existência. O terrorismo é sedutor devido as suas tremendas

possibilidades. Oferece uma solução mecânica, por assim dizer, em situações sem esperança. Psicologicamente, é explicado como uma questão de autodefesa, enquanto necessidade de eliminar a responsabilidade para melhor atacar o inimigo.

Mas os firmes princípios do terrorismo repercutem inevitavelmente em um dano fatal à liberdade e à revolução. O poder absoluto corrompe e derrota seus partidários não menos do que aos oponentes. Um povo que não conhece a liberdade se acostuma à ditadura: combatendo o despotismo e a contrarrevolução, o próprio terrorismo se torna uma eficiente escola.

Uma vez no caminho do terrorismo, o Estado necessariamente se distancia do povo. Deve reduzir ao mínimo possível o círculo de pessoas investidas de poderes extraordinários em nome da segurança do Estado. E, então, nasce o que pode ser chamado de “pânico autoritário”. O ditador, o déspota, é sempre covarde. Ele suspeita de traição em todo lugar. E quanto mais aterrorizado ele se torna, mais selvagemmente enfurece sua imaginação assustada, incapaz de distinguir o perigo real do imaginado. Ele semeia descontentamento, antagonismo, ódio. Ao escolher esse rumo, o Estado está condenado a segui-lo até o fim.

O povo russo permaneceu em silêncio e, em seu nome, sob o pretexto do combate mortal à contrarrevolução, o governo iniciou a mais implacável guerra contra todos os opositores políticos do Partido Comunista. Todo vestígio de liberdade foi arrancado pelas raízes. A liberdade de pensamento, de imprensa, de assembleia pública, a autodeterminação do trabalhador e dos sindicatos, a liberdade de trabalho — tudo isso foi declarado lixo velho, absurdos doutrinários,

“preconceitos burgueses” ou intrigas para o renascimento da contrarrevolução. Ciência, arte, educação ficaram sob suspeita. A ciência seria apenas para investigar e ensinar as verdades do Estado comunista: as escolas e as universidades são rapidamente transformadas em escolas do Partido.

As campanhas eleitorais, como, por exemplo, as recentes reeleições para o Soviete de Moscou (1921), envolvem a suspensão e prisão de candidatos da oposição não aprovados pelas autoridades. Com total impunidade, o governo expõe candidatos não-comunistas ao insulto e escárnio públicos nas páginas dos jornais oficiais colados em quadros de avisos. Mediante inúmeros estratagemas, os eleitores são sucessivamente persuadidos e ameaçados, e o resultado das assim chamadas eleições é a deturpação completa da vontade do povo.

O terrorismo de Estado é exercido por meio de órgãos governamentais conhecidos como Comissões Extraordinárias (Tcheka). Comprometidos com poderes ilimitados, independentes de qualquer controle e praticamente irresponsáveis, possuindo suas próprias formas “simplificadas” de investigação e procedimentos, e com inúmeras equipes de agentes ignorantes, corruptos e brutais, essas Comissões tornaram-se, em pouco tempo, não apenas o terror de uma contrarrevolução real ou fantasmagórica, mas também — e muito mais do que isso — a úlcera mais virulenta no corpo revolucionário do país.

Os métodos policiais secretos que em tudo penetram, inseparáveis do sistema de provocação, a divisão da população entre bem-intencionados e mal dispostos, transformaram gradualmente a luta pelo novo mundo em uma orgia desenfreada de espionagem, pilhagem e violência.

Nenhum regime reacionário jamais dominou a vida e a liberdade de seus cidadãos com tanta arbitrariedade e despotismo quanto a alegada “ditadura do proletariado”.

Como nos velhos tempos do czarismo, a *okhrana* (seção de polícia secreta) governa o país. As prisões soviéticas estão repletas de socialistas e revolucionários de vários matizes da opinião política. A violência física contra os prisioneiros políticos e as greves de fome na prisão estão novamente na ordem do dia. As execuções sumárias, não apenas de indivíduos, mas em massa, são ocorrências comuns. O Estado socialista não hesitou em recorrer a uma medida que até mesmo os governos burgueses mais brutais não se atreveram a usar: o sistema de reféns. Uma amizade ou mesmo um relacionamento casual torna-se base suficiente para uma perseguição implacável e, com bastante frequência, para a pena de morte.

O desprezo bruto e bárbaro pelos direitos humanos mais elementares tornou-se um axioma do governo comunista.

Com uma inevitabilidade lógica, as Comissões Extraordinárias cresceram gradualmente em um mecanismo autocrático monstruoso, independente e inexplicável, com poder sobre a vida e a morte. Uma apelação é impossível, inexistente. Mesmo os órgãos supremos da autoridade do Estado são impotentes diante das Comissões Extraordinárias, como comprovado por amarga experiência.

O Partido Bolchevista não tem o hábito de desprezar qualquer deturpação da verdade para estigmatizar cada crítica ou protesto contra os bolchevistas como “conspiração” de um dos partidos sociais “da direita”: o social-democrata Partido Menchevique e o Partido dos Socialistas Revolucionários. Os comunistas procuram assim justificar repressões brutais contra os “elementos direitistas”. Em relação aos anarquistas, no entanto, o terrorismo bolchevista não pode ser “justificado” por tais argumentos.

A propósito, segue aqui o esboço, embora muito breve, acerca das relações mútuas entre anarquismo e bolchevismo durante a Revolução.

Nos primeiros dias da Revolução, em 1917, quando as massas trabalhadoras começaram a destruir o sistema de propriedade privada e do governo, os anarquistas trabalharam ombro a ombro com eles. A Revolução de Outubro seguiu instintivamente o caminho marcado pela grande explosão popular, naturalmente refletindo as tendências anarquistas. Destruiu o antigo mecanismo do Estado e proclamou o princípio da federação dos soviets na vida política. Utilizou o método de expropriação direta para abolir a propriedade capitalista privada: os camponeses e os trabalhadores expropriaram os proprietários, perseguiram os financistas dos bancos, tomaram as fábricas, minas, moinhos e lojas. No campo da reconstrução econômica, a Revolução estabeleceu o princípio da federação de comitês de lojas e fábricas para o gerenciamento da produção. Os comitês de moradia cuidaram da adequada atribuição das habitações.

Nessa fase inicial da Revolução de Outubro, os anarquistas ajudaram as pessoas com todo o poder a seu alcance e trabalharam de mãos dadas com os bolchevistas para apoiar e fortalecer os novos princípios. Entre a legião de lutadores entusiastas da Revolução, que até o fim permaneceu fiel aos ideais e métodos do anarquismo, podemos destacar aqui Justin Zhook, fundidor da famosa fábrica de pólvora de Schluselburg³, que perdeu a vida ao desempenhar o dever militar revolucionário; também Zheleznyakov⁴, que com rara força e coragem dispersou a Assembleia Constituinte e, depois, lutou contra a invasão contrarrevolucionária.

Mas, assim que os bolchevistas conseguiram controlar o movimento das massas, o trabalho de reconstrução social sofreu uma mudança acentuada na forma e no caráter. Então, abrigados sob a ditadura do proletariado, os bolchevistas usaram todos os esforços para construir um Estado burocrático centralizado. Todos os que interpretaram a Revolução Social principalmente como a autodeterminação das massas e a introdução do comunismo livre e não governamental, estiveram condenados à perseguição. Esta perseguição foi dirigida, em primeiro lugar, contra os críticos da “esquerda”, os anarquistas. Em abril de 1918, o Partido Comunista dominante decidiu abolir todas as organizações anarquistas. Sem aviso prévio, na noite de 12 de abril, o clube anarquista de Moscou foi cercado pela artilharia e por metralhadoras, e os presentes nas instalações receberam ordens para se renderem. Abriu-se fogo sobre aqueles que resistiram. Os alojamentos anarquistas foram invadidos e, no dia seguinte, toda a imprensa anarquista foi suprimida.

Desde então, a perseguição aos anarquistas e a suas organizações assumiu um caráter sistemático. De um lado, nossos camaradas estavam perecendo nas frentes militares que lutavam contra a revolução; do outro lado, eram quebrados pelo Estado bolchevista por meio das Comissões Extraordinárias.

Quanto mais o partido governante se afastava do rumo marcado pela Revolução de Outubro, com mais determinação oprimia outros elementos revolucionários e particularmente os anarquistas. Em novembro de 1918, todos os membros da Conferência Pan-Russa dos Anarcossindicalistas, realizada em Moscou, foram presos. As outras organizações anarquistas foram destruídas e ameaçadas. Devido à completa impossibilidade de uma atividade legal, alguns anarquistas decidiram “ir para a clandestinidade”. Vários deles, em cooperação com alguns socialistas-revolucionários de esquerda, recorreram ao terrorismo. Em 25 de setembro de 1919, explodiram uma bomba no prédio em que o Comitê de Moscou do Partido estava em sessão. As organizações anarquistas de Moscou expressaram publicamente a desaprovação das táticas do grupo subterrâneo, não considerando o terrorismo como uma solução das dificuldades. O governo, no entanto, respondeu com repressão contra todos os anarquistas. Muitos membros do grupo subterrâneo foram executados, uma série de anarquistas de Moscou foi presa e, nas províncias, cada expressão do movimento anarquista foi suprimida. A descoberta, durante uma busca, de literatura anarquista, como obras de Kropotkin ou Bakunin, levava à prisão.

Apenas na Ucrânia, onde o poder dos Bolchevistas era comparativamente mais fraco devido ao extenso

movimento rebelde camponês conhecido como Makhnovismo (de seu líder, o anarquista Makhno), o movimento anarquista continuou até certo ponto ativo. O avanço de Wrangel no coração da Ucrânia e a incapacidade do Exército Vermelho em interromper seu progresso fizeram com que Makhno suspendesse temporariamente a luta contra os bolchevistas em favor de soviets livres e da autodeterminação das massas trabalhadoras. Ofereceu ajuda aos bolchevistas para combater o inimigo comum: Wrangel. A oferta foi aceita e um contrato foi oficialmente concluído entre o governo soviético e o exército de Makhno.

Wrangel foi derrotado e seu exército se dispersou, com Makhno desempenhando uma parte nada desprezível neste grande triunfo militar. Mas, com a liquidação de Wrangel, Makhno tornou-se desnecessário e perigoso para os bolchevistas. Foi decidido livrar-se dele, pôr um fim ao Makhnovismo e, por acréscimo, eliminar os anarquistas em geral. O governo bolchevista traiu Makhno: as forças do Exército Vermelho cercaram traiçoeiramente o exército makhnovista exigindo a rendição. Ao mesmo tempo, todos os delegados que chegaram em Kharkov para participar do Congresso Anarquista, para o qual foram concedidas permissões oficiais, foram presos, bem como os anarquistas residentes em Kharkov e os camaradas ainda a caminho do Congresso.

No entanto, apesar de todas as táticas provocadoras e terroristas dos bolchevistas contra os anarquistas da Rússia, eles se abstiveram, durante todo o período de guerra civil, de protestar em favor dos trabalhadores da Europa e da América — mesmo por aqueles da própria Rússia, temendo que tal ação pudesse prejudicar os

interesses da Revolução Russa e pudesse ajudar o inimigo comum: o imperialismo mundial.

Porém, com o término da guerra civil, a posição dos anarquistas tornou-se ainda pior. A nova política dos bolchevistas de compromisso aberto com o mundo burguês tornou-se mais clara, mais definida, e a ruptura com as aspirações revolucionárias das massas trabalhadoras tornou-se cada vez mais aguda. A luta contra o anarquismo, até então muitas vezes mascarada pela desculpa de lutar contra o “banditismo sob a aparência do anarquismo”, tornou-se uma guerra aberta e franca contra ideais e ideias anarquistas.

Os eventos de Kronstadt ofereceram aos bolchevistas o pretexto desejado para “liquidar” completamente os anarquistas. Foram realizadas prisões por atacado em toda a Rússia. Independente da adesão faccionária, praticamente todos os anarquistas russos conhecidos foram arrastados pela rede policial. Até hoje, todos permanecem na prisão, sem que tenham sido proferidas acusações contra eles. Na noite de 25 para 26 de abril de 1921, todos os presos políticos da prisão de Butyrka (Moscou) — mais de 400 pessoas —, representantes das alas direita e esquerda de partidos socialistas e membros de organizações anarquistas foram forçosamente tirados da prisão e transferidos. Naquela ocasião, muitos detentos sofreram violência brutal: as mulheres foram arrastadas pelos cabelos ao longo dos degraus e uma série de políticos sofreu sérios ferimentos. Os prisioneiros foram divididos em vários grupos e enviados para diversas prisões nas províncias. Do seu destino posterior, não conseguimos receber informações definitivas até agora⁵.

Os bolchevistas responderam desse modo ao entusiasmo revolucionário e à fé profunda que tinham inspirado as massas no início da sua grande luta pela liberdade e justiça — uma resposta que se expressou na política de acordos no exterior e em terrorismo em casa.

Essa política mostrou-se fatal: corrompeu e desintegrou a Revolução, envenenou-a, alojou-se em sua alma, destruiu seu significado moral e espiritual. Devido ao despotismo; ao paternalismo obstinado e mesquinho; à perfídia que substituiu o antigo idealismo revolucionário; ao formalismo sufocante e à indiferença cruel em relação aos interesses e aspirações das massas; à covarde suspeição e à desconfiança em relação ao povo em geral, a “ditadura do proletariado” rompeu inveteradamente com as massas trabalhadoras.

Empurrado para longe da participação direta no trabalho construtivo da Revolução, acossado a cada passo, vítima de uma constante supervisão e do controle do Partido, o proletariado está se acostumando a considerar a Revolução e seus destinos subsequentes como um assunto privado e pessoal dos Bolchevistas. Em vão, o Partido Comunista busca por novos decretos para preservar a sua vida. O povo tem se dado conta do significado subjacente da ditadura do Partido. Conhece o dogmatismo estreito e egoísta, o oportunismo covarde deste; está consciente da decadência interna, das intrigas nos bastidores.

No país onde deveria ter surgido, depois de três anos de tremendo esforço, de um sacrifício terrível e heroico, a maravilhosa flor do comunismo, infelizmente até mesmo os seus botões murchos são destroçados em desconfiança, apatia e inimizade.

Assim, surgiu a era da estagnação revolucionária e da esterilidade que não pode ser curada por nenhum dos métodos de um partido político e que demonstra a completa atrofia social.

O pântano de acordos em que a ditadura bolchevista tinha afundado foi fatal para a Revolução: esta se tornou envenenada por um miasma nocivo. Em vão, os bolchevistas apontam a guerra mundial imperialista como a causa da ruptura econômica da Rússia; em vão, atribuem-na ao bloqueio e aos ataques da contrarrevolução armada. Não estaria neles a verdadeira fonte do colapso e da derrocada.

Nenhum bloqueio, nenhuma guerra com reação estrangeira poderiam desanimar ou conquistar o povo revolucionário, cujo heroísmo, auto sacrifício e perseverança sem igual derrotaram todos os inimigos externos. Pelo contrário, é provável que a guerra civil realmente tenha ajudado os bolchevistas. Serviu para manter vivo o entusiasmo popular e fomentou a esperança de que, com o fim da guerra, o Partido Comunista dominante tornaria efetivos os novos princípios revolucionários e asseguraria ao povo o gozo dos frutos da Revolução. As massas aguardavam com expectativa a oportunidade de liberdade social e econômica. Paradoxalmente como pode parecer, a ditadura comunista não teve um aliado melhor, no sentido de fortalecer e prolongar sua vida, do que as forças reacionárias que lutaram contra ela.

Foi apenas o término das guerras que permitiu uma visão completa da desmoralização psicológica à qual a política cegamente despótica da ditadura levou o país revolucionário. Tornou-se então evidente que a mais tremenda ameaça para a revolução não estava fora, mas

dentro do país: um perigo resultante da própria natureza dos arranjos sociais e econômicos que caracterizam o atual “estágio transitório”.

Constatamos plenamente o erro grosseiro dos teóricos da economia política burguesa que ignoram deliberadamente o estudo da evolução histórica do ponto de vista histórico-social e confundem estupidamente o sistema de capitalismo de Estado com o da ditadura socialista. Os bolchevistas têm plena razão quando insistem que os dois tipos de desenvolvimento socioeconômico são “diametralmente opostos em seu caráter essencial”. No entanto, é errado e inútil fingir que tal forma de vida industrial tal qual expressa no sistema atual de ditadura do proletariado seria algo essencialmente diferente do capitalismo de Estado.

De fato, tal como existe realmente, a ditadura do proletariado não é de modo algum diferente do capitalismo de Estado.

As características distintivas deste último— os inerentes antagonismos sociais — são abolidas apenas formalmente na República Soviética. Na realidade, esses antagonismos existem e são profundamente arraigados. A exploração do trabalho, a escravização do trabalhador e do camponês, a anulação do cidadão como ser humano, como pessoa, e sua transformação em uma parte microscópica de um mecanismo econômico universal apropriado pelo governo; a criação de grupos privilegiados favorecidos pelo Estado; um sistema de serviços de trabalho obrigatório e os respectivos órgãos punitivos, tais são os traços característicos do capitalismo de Estado.

Todas essas características também podem ser encontradas no atual sistema russo. Foi de uma ingenuidade imperdoável ou de uma hipocrisia ainda mais imperdoável, como o fizeram os teóricos bolchevistas, especialmente Bukharin, fingir que o serviço universal de trabalho obrigatório no sistema da ditadura proletária é, em oposição ao capitalismo de Estado, “a auto-organização das massas para fins de trabalho”, ou que a “mobilização da indústria existente é o fortalecimento do socialismo” e que “a coerção do Estado no sistema de ditadura do proletariado é um meio de se construir a sociedade comunista”.

Um ano atrás, no Décimo Congresso do Partido Comunista da Rússia, Trotsky vociferou contra a “noção burguesa” de que o trabalho compulsório não é produtivo. Procurou convencer seu público de que o principal problema seria o de “atrair o trabalhador para o processo de trabalho, não por métodos externos de coerção, mas por meios internos, psicológicos”. Mas quando abordou a aplicação concreta desse princípio, defendeu um “sistema muito complexo, envolvendo métodos de natureza ética, bem como prêmios e punições, a fim de aumentar a produtividade do trabalho em consonância com os princípios de compulsão de acordo com os quais estamos construindo toda a nossa vida econômica”.

O experimento foi feito e deu resultados surpreendentes. Se a antiga “noção burguesa” se revelou correta, ou se o mais novo socialismo foi “interna, psicologicamente compulsório”, ineficaz em “atrair o trabalhador para o processo de produção” por meio de prêmios, punições etc., ao menos de algum modo, o trabalhador recusou-se a ser capturado pela fórmula tentadora de “coerção psicológica”.

Evidentemente, a ideologia, bem como a prática do bolchevismo, convenceu os trabalhadores de que os ideais socioeconômicos dos bolchevistas são, incidentalmente, também um passo adiante além da exploração mais intensiva do trabalho. Pois o bolchevismo, longe de salvar o país da ruína e de modo algum melhorar as condições de existência das massas, está tentando transformar o servo de ontem em um escravo completo. O quão pouco o Estado comunista está preocupado com o bem-estar dos trabalhadores é percebido a partir da declaração de um proeminente delegado comunista ao Décimo Congresso do Partido: “Até agora, a política soviética foi caracterizada pela ausência total de qualquer plano para melhorar as condições de vida da mão de obra”. E ainda: “Tudo o que foi feito a esse respeito aconteceu acidentalmente, ou foi feito aos trancos e barrancos pelas autoridades locais sob a pressão das próprias massas”.

Isso é, então, sistema de ditadura do proletariado ou capitalismo de Estado?

Acorrentados ao seu trabalho, privados do direito de abandonar o cargo sob pena de prisão ou execução sumária por “deserção trabalhista”; intimado e espionado por supervisores do Partido; divididos em ovelhas qualificadas (artesãos) e bodes não qualificados (trabalhadores)⁶ e recebendo rações desiguais de alimentos; com fome e insuficientemente vestidos; privados do direito de protestar ou lutar — tais são os proletários modernos da ditadura comunista. Essa “auto-organização” das massas trabalhadoras não seria um passo para trás, um retorno à servidão feudal ou à escravidão negra? A mão do executor do Estado comunista seria menos implacável do que a do chicote do chefe da plantação? Apenas a escolástica ou

um fanatismo cego podem ver aqui, nessa mais dolorosa forma de escravidão, a emancipação do trabalho ou mesmo algo minimamente próximo a isso.

É o ponto culminante da tragédia que o socialismo de Estado, enredado em antíteses lógicas, não pode dar ao mundo nada melhor do que a intensificação dos males do próprio sistema cujos antagonismos produziram o socialismo.

A ditadura do Partido aplica, em todos os detalhes, a mesma política também ao campesinato. Aqui, igualmente, o Estado é o mestre universal. A mesma política de serviço obrigatório do trabalho, de opressão, espionagem e expropriação sistemática dos frutos do trabalho dos camponeses: o antigo método de requisição que muitas vezes despojava os camponeses das coisas necessárias à vida; ou o recém-iniciado, mas não menos predatório, imposto alimentar; um firme disparate, um desperdício enorme de alimentos resultante do inconveniente sistema de centralização e da política alimentar bolchevista; a destruição de distritos camponeses inteiros para retardar a fome, a doença e a morte; expedições punitivas, massacrando famílias camponesas pelo atacado e derrubando aldeias inteiras ao menor sinal de resistência à política de pilhagem da ditadura comunista — tais são os métodos do domínio bolchevista.

Desse modo, nem a política nem a exploração econômica do proletariado industrial e agrário cessou. Somente a forma mudou: a exploração anterior era puramente capitalista; agora, rotulada como “governo dos trabalhadores e dos camponeses” e batizada de “economia comunista”, é capitalista de Estado.

Contudo, este sistema moderno de capitalismo de Estado é pernicioso não só porque degrada o ser humano vivo e o transforma em uma máquina sem alma. Contém outro elemento, não menos destrutivo. Por sua própria natureza, este sistema é extremamente agressivo. Longe de abolir o militarismo, no sentido estrito do termo, aplica o princípio da militarização — com todos os seus atributos de disciplina mecânica, autoridade irresponsável e repressão — a cada uma das fases do esforço humano.

O militarismo socialista não é apenas admitido, mas defendido e justificado pelos teóricos do Partido. Assim, Bukharin, em seu trabalho sobre *Economia do Período de Transição*, escreve: “O governo dos trabalhadores, ao empreender a guerra, procura ampliar e fortalecer os fundamentos econômicos em que é construído, isto é, formas de produção socialistas. Aliás, é claro que, em princípio, até mesmo uma agressiva guerra revolucionária socialista é permitida”. E, de fato, já estamos familiarizados com algumas pretensões imperialistas da ditadura dos “trabalhadores”.

Dessa maneira, os “preconceitos burgueses” expulsos pela janela reentram pela porta.

É evidente que o militarismo da ditadura “trabalhista”, como qualquer outro militarismo, exige a formação de um gigantesco exército de não produtores. Além disso, tal exército e todos os seus vários órgãos devem receber recursos técnicos e meios de existência, o que coloca encargos adicionais aos produtores, isto é, aos trabalhadores e aos camponeses.

Outro, e o mais importante perigo interno, é a própria ditadura. A ditadura que, despótica e implacável, alienou-

se das massas trabalhadoras, estrangulou a iniciativa e a liberdade, reprimiu o espírito criativo dos elementos que suportaram o peso da Revolução e instila lenta e eficazmente seu veneno nos corações e mentes da Rússia.

Assim, a própria ditadura semeia contrarrevolução. Nem conspirações de fora, tampouco as campanhas dos Denikins e Wrangels são a espada de Dâmocles da Rússia. O maior perigo real é a desilusão, o ressentimento e o ódio do despotismo bolchevista em todo o país, essa atitude contrarrevolucionária do povo em geral, que é a legítima prole da própria ditadura do Partido Comunista.

Mesmo nas fileiras do proletariado está amadurecendo, com força cumulativa, o protesto contra a reacionária política “big stick”⁷ do bolchevismo.

O movimento organizado dos trabalhadores da Rússia se desenvolveu imediatamente após a Revolução de fevereiro. A formação de comitês de lojas e fábricas foi o primeiro passo para o controle real do trabalho das atividades dos proprietários capitalistas. Tal controle, no entanto, não poderia ser geral sem a coordenação do trabalho de todos os outros comitês similares e, assim, ganharam vida os sovietes ou conselhos gerais de comitês de lojas e fábricas, e o respectivo Congresso Pan-Russo dos Sovietes.

Desta forma, os comitês de lojas e fábricas foram os pioneiros no controle trabalhista da indústria, com a perspectiva de que, no futuro próximo, eles gerenciariam

as indústrias inteiras. Os sindicatos, por outro lado, empenharam-se em melhorar as condições de vida e o ambiente cultural de seus membros.

Mas depois da Revolução de Outubro, a situação mudou. Os métodos de centralização da ditadura bolchevista penetraram também nos sindicatos. A autonomia dos comitês de lojas foi declarada supérflua. Os sindicatos foram reorganizados em princípios industriais, com o comitê da loja castrado como um mero “embrião” da coligação e totalmente submetido à autoridade dos órgãos centrais. Assim, toda independência de ação, toda a iniciativa foi arrancada das mãos dos próprios trabalhadores e transferida para a burocracia sindical. O resultado desta política foi a completa indiferença dos trabalhadores em relação aos sindicatos e ao destino das indústrias.

Em seguida, o Partido Comunista começou a preencher os sindicatos com os próprios membros do partido. Eles ocuparam os escritórios sindicais. Isso foi feito facilmente, porque todos os outros partidos políticos foram proibidos e não havia nenhum órgão de imprensa pública exceto as publicações oficiais bolchevistas. Não é de admirar que, dentro de pouco tempo, os comunistas demonstraram uma maioria esmagadora em todos os comitês executivos provinciais e centrais, e tiveram nas mãos a administração exclusiva dos sindicatos. Usurparam o papel dominante em todos os órgãos do trabalho, incluindo até organizações nas quais conjunto dos seus membros (como o Sindicato dos Funcionários dos Sovietes) estava manifesta e mais duramente em oposição aos Bolchevistas. Sempre que um sindicato ocasional se revelasse refratário, como o dos gráficos, por exemplo, e se recusasse a ceder à

“persuasão psicológica interna”, os comunistas resolviam a dificuldade pelo simples expediente de suspender toda a administração sindical.

Tendo adquirido o controle do mecanismo político das organizações trabalhistas, o Partido Comunista formou em todos os locais de trabalho e fábricas pequenos grupos de seus próprios membros, as chamadas “células” comunistas, que se tornaram os mestres práticos da situação. A “célula” comunista é investida de poderes tais que nenhuma ação do comitê de loja ou de fábrica (mesmo que sejam comunistas) é válida a menos que seja sancionada pela “célula”. O órgão mais elevado do movimento trabalhista, o Soviete Central Pan-Russo dos Sindicatos Trabalhistas, está sob o controle direto do Comitê Central do Partido Comunista.

Lênin e outros líderes bolchevistas assumiram a posição de que o sindicato deve ser, em primeiro lugar, uma “escola do comunismo”. Na prática, o papel do sindicato na Rússia é reduzido ao de uma agência automática para a execução das ordens do partido no poder.

No entanto, esse estado de coisas está se tornando insuportável mesmo para aquele elemento trabalhista que ainda é fiel aos mandamentos do comunismo estatal. Nas fileiras do próprio Partido Comunista, tem sido desenvolvido um movimento de oposição contra a governamentalização militar dos sindicatos. Este novo movimento, conhecido como Oposição Trabalhista, embora ainda leal ao seu pai comunista, já percebeu o pleno horror da posição sem esperança, o “beco sem saída”, para o qual as políticas criminosamente estúpidas dos bolchevistas levaram o proletariado e a revolução russa.

A Oposição Trabalhista foi descrita pela boa comunista ortodoxa Kollontai⁸ como sendo “a guarda avançada do proletariado, classe consciente e consolidada pelos laços dos interesses de classe”, um elemento que “não se separou dos membros comuns das massas trabalhadoras e não se perdeu entre os detentores das agências dos soviets”. Esta oposição trabalhista protesta “contra a burocratização”, contra a distinção entre povo “superior” e “inferior”, contra os excessos da hegemonia do Partido e contra a política mutável e distorcida do poder central dominante. “O grande poder criativo e construtivo do proletariado”, diz a Oposição Trabalhista, “não pode ser substituído, na tarefa de construir a sociedade comunista, pelo mero emblema da ditadura da classe trabalhadora”, da ditadura que um proeminente comunista caracterizou no último Congresso do Partido Comunista como “a ditadura da burocracia do Partido”.

De fato, a Oposição Trabalhista justifica-se ao perguntar: “Nós, o proletariado, somos realmente a espinha dorsal da ditadura da classe trabalhadora, ou devemos ser considerados apenas como um rebanho sem vontade, bom o suficiente apenas para levar nas costas alguns políticos do partido que estão fingindo reconstruir a vida econômica do país sem nosso controle, sem nosso construtivo espírito de classe?”.

E, segundo Kollontai, esta Oposição Trabalhista “continua crescendo apesar da decidida resistência de parte dos líderes mais influentes do Partido e ganha mais e mais adeptos entre as massas trabalhadoras em toda a Rússia”.

Mas o Décimo Congresso do Partido Comunista da Rússia (abril de 1921) colocou seu veto decisivo sobre a Oposição Trabalhista. A partir de agora, este se encontra oficialmente condenado, a discussão de suas ideias e princípios está proibida por causa de “sua tendência anarcossindicalista”, como Lênin se expressou. O Partido Comunista declarou guerra à Oposição Trabalhista. O Congresso do Partido decidiu que “a propagação dos princípios da Oposição Trabalhista é incompatível com a adesão ao Partido Comunista”. A demanda para transferir o gerenciamento das indústrias para o proletariado foi colocada fora da lei.

A Revolução de Outubro iniciou-se com o grande grito de batalha da Primeira Internacional: “a emancipação dos trabalhadores deve ser realizada pelos próprios trabalhadores”. No entanto, vimos que, quando o período de destruição construtiva tinha passado, quando os fundamentos do czarismo tinham sido destruídos e o sistema burguês abolido, o Partido Comunista se considerou suficientemente forte para levar em suas mãos a administração inteira do país. Começou a educação dos trabalhadores dentro do espírito de um autoritarismo mais rigoroso e, passo a passo, o sistema soviético transformou-se em uma máquina policial burocrática e punitiva. O terrorismo tornou-se sua lógica e inevitável serva.

A indiferença e o ódio gerais, e a completa paralisia social foram o resultado da direção do governo. Uma

atmosfera de submissão servil, ao mesmo tempo revoltante e repugnante, permeia todo o país. Isso sufoca tanto os oprimidos quanto os opressores.

Qual a vantagem que o ponderado — e propenso a acordos — Lênin comece cada um de seus discursos com a confissão dos muitos e sérios erros cometidos pelo Partido no poder? Nenhuma acumulação de erros pelo “oportunista engenhoso”, como Lunacharsky apelida Lênin, pode consternar os campeões do bolchevismo embriagados com o domínio político de seu Partido. Os erros de seus líderes se tornam, na interpretação dos teóricos e publicistas comunistas, “uma necessidade eminente”, e as tentativas convulsivas de corrigi-las (toda a política agrária) são saudadas como atos da maior sabedoria, humanidade e lealdade aos princípios bolchevistas.

Em vão, o grito impaciente de Kollontai: “o medo da crítica, inerente ao nosso sistema de burocracia, às vezes atinge o ponto de uma caricatura”. Os anciões do Partido a estigmatizam como uma herege devido a esta aflição, o panfleto *A Oposição Trabalhista* está proibido, e o próprio Illitch (Lênin) crava nela alguns insultos pessoais sarcásticos. O “perigo” sindicalista está supostamente removido.

Enquanto isso, a oposição está crescendo, aprofundando-se, espalhando-se ao longo da Rússia trabalhadora.

De fato, o que um observador imparcial pensará sobre o quadro peculiar apresentado pela Rússia bolchevista? Numerosas greves trabalhistas, com dezenas de trabalhadores presos e muitas vezes executados sumariamente; revoltas e levantes camponeses, insurreições revolucionárias contínuas em várias partes

do país. Não é uma situação terrivelmente trágica, um absurdo hediondo? Não é a rebelião de trabalhadores e camponeses, por mais que falte consciência de classe em alguns casos, uma guerra real contra o governo dos operários e camponeses? O próprio governo que é carne da carne e sangue do sangue de operários e camponeses, que tinha sido chamado para proteger interesses destes e cuja existência só poderia ser possível na medida em que correspondesse às necessidades e exigências das massas trabalhadoras.

Os protestos populares não cessam. O movimento de oposição cresce, e em defesa própria o Partido deve apaziguar as pessoas de tempos em tempos, mesmo com o sacrifício de seus princípios. Mas onde é impossível aliviar o anseio de pão e liberdade mediante algumas poucas sopas, fecham-se as bocas famintas com bala ou baioneta, e a imprensa oficial estigmatiza os que protestam com o nome infame de “contrarrevolucionários”, traidores, contra o “governo dos trabalhadores e dos camponeses”.

A Rússia, a Rússia bolchevista, está, então, novamente quieta — com a quietude da morte.

A história dos últimos dias está repleta de ilustrações impressionantes de tal “quietude”.

Um desses exemplos é Kronstadt. Kronstadt, contra a qual foi perpetrado o crime mais horrível da ditadura do Partido, um crime contra o proletariado, contra o socialismo, contra a Revolução. Um crime multiplicado cem vezes pelas mentiras deliberadas e pérfidas espalhadas pelos bolchevistas em todo o mundo.

A história futura tratará adequadamente dessa vergonha gritante. Aqui, daremos apenas um breve esboço dos eventos de Kronstadt.

No mês de fevereiro de 1921, os trabalhadores de quatro fábricas de Petrogrado entraram em greve. Foi um inverno excepcionalmente difícil para eles e suas famílias: sofreram frio, fome e exaustão. Exigiram um aumento de provisões de alimentos, de combustível e roupas. Aqui e ali também se expressou a demanda por uma Assembleia Constituinte e pelo livre comércio. Os grevistas tentaram uma manifestação de rua, e as autoridades requisitaram militares contra eles, principalmente os *kursants*, jovens comunistas das escolas de treinamento militar.

Quando os marinheiros de Kronstadt entenderam o que estava acontecendo em Petrogrado, expressaram sua solidariedade com os grevistas em suas demandas econômicas e revolucionárias, mas recusaram-se a apoiar qualquer solicitação por uma Assembleia Constituinte e pelo livre comércio. No dia 1º de março, os marinheiros organizaram um comício público em Kronstadt, na qual também compareceram Kalinin, o Presidente do Comitê Central Executivo Pan-Russo (o dirigente da República da Rússia); Kuzmin, o Comandante da Fortaleza de Kronstadt; e Vassiliev, o presidente do Soviete de Kronstadt. A reunião, realizada com o conhecimento e permissão do Comitê Executivo do Soviete de Kronstadt, aprovou as resoluções sancionadas pelos marinheiros, pelos militares e pela assembleia de cidadãos com 16 mil pessoas. Kalinin, Kuzmin e Vassilyev discursaram contra tais resoluções. Os principais pontos destas foram: liberdade de expressão e imprensa livre para os partidos revolucionários; anistia para os revolucionários presos; reeleição dos sovietes por

votação secreta e ausência de interferência do governo durante a campanha eleitoral.

As autoridades bolchevistas responderam às resoluções começando a remover da cidade os suprimentos de comida e munição. Os marinheiros impediram a tentativa, fecharam as entradas da cidade e prenderam alguns dos comissários mais turbulentos. Kalinin foi autorizado a retornar a Petrogrado.

Tão logo as autoridades de Petrogrado tomaram conhecimento das resoluções de Kronstadt, iniciaram uma campanha de mentiras e difamação. Apesar de Zinoviev ter mantido uma comunicação telefônica constante com o presidente do Soviete de Kronstadt, e este lhe assegurasse que em Kronstadt tudo estava calmo e que os marinheiros estavam somente ocupados com os preparativos para as reeleições, a estação de rádio de Petrogrado manteve-se mobilizada enviando mensagens para o mundo anunciando uma conspiração contrarrevolucionária e um levante do Exército Branco em Kronstadt. Ao mesmo tempo, Zinoviev, Kalinin e colaboradores conseguiram persuadir o Soviete de Petrogrado a aprovar uma resolução que foi um ultimato para Kronstadt se render imediatamente, sob pena de aniquilação completa em caso de recusa.

Um grupo de revolucionários muito conhecidos e confiáveis, então em Petrogrado, percebendo o caráter provocador de tal política, apelaram para Zinoviev e para o Conselho de Defesa, do qual ele era o Presidente. Apontaram a natureza não-revolucionária e reacionária desta política e seu grande perigo para a Revolução. As exigências de Kronstadt estavam claramente estabelecidas: contra a Assembleia Constituinte, contra o livre comércio

e a favor da forma de governo dos soviets. Mas o povo de Kronstadt, como foi declarado com franqueza no respectivo boletim, não podia mais tolerar o firme despotismo do Partido e exigiu o direito de divulgar suas queixas e o reestabelecimento dos soviets livres. “Todo o poder para os soviets!” foi novamente a sua palavra de ordem, como tinha sido a do povo e dos bolchevistas em 1917. Recorrer à força armada contra Kronstadt foi o auge da insensatez; de fato, um crime terrível. A única solução correta e revolucionária repousa em se atender à solicitação de Kronstadt (telegrafada pelos marinheiros para Zinoviev, mas não transmitida por ele ao Soviete) para a escolha de uma Comissão imparcial para se atingir uma decisão amistosa.

Contudo, este apelo do grupo de revolucionários de Petrogrado foi ignorado. Muitos comunistas compreenderam claramente quão maliciosamente reacionária era a atitude do governo em relação a Kronstadt, mas servilmente aviltados e moralmente mutilados pelo jesuitismo do Partido, não ousaram falar e, calados, participaram do crime.

No dia 7 de março, Trotsky começou o bombardeio de Kronstadt e, no dia 17, a fortaleza e a cidade foram tomadas após inúmeros assaltos ferozes envolvendo sacrifícios e traições humanas fantásticas. Assim, Kronstadt foi “liquidada”, e o “complô contrarrevolucionário” extinto em sangue. A “conquista” da cidade foi caracterizada por uma selvageria implacável aos derrotados, embora nenhum dos comunistas presos pelos marinheiros de Kronstadt tenha sido por eles ferido ou morto. Mesmo antes do assalto da fortaleza, os bolchevistas executaram sumariamente numerosos soldados do Exército Vermelho, cujo espírito

revolucionário e solidariedade fizeram com que se recusassem a participar do banho sangrento.

A “conspiração” e a “vitória” foram necessárias para que o Partido Comunista se salvasse da ameaça de decomposição interna. Trotsky, que durante a discussão do papel dos sindicatos (em 30 de dezembro de 1920, na sessão conjunta do Partido Comunista, do Conselho Executivo Central dos Sindicatos e dos representantes no 6º Congresso dos Sovietes) fora tratado por Lênin como um menino mau que “não conhece o seu Marx”, mais uma vez provou ser o salvador do “país em perigo”. A harmonia foi restabelecida.

Poucos dias depois da “gloriosa conquista” de Kronstadt, Lênin disse no Décimo Congresso do Partido Comunista da Rússia: “Os marinheiros não queriam os contrarrevolucionários, mas eles também não nos queriam”. E — ironia do executor! —, naquele mesmo Congresso, Lênin defendeu o livre comércio, “como uma trégua”.

No dia 17 de março, o governo comunista celebrou sua sangrenta vitória sobre o proletariado de Kronstadt, e no dia 18, comemorou os mártires da Comuna de Paris. Como se não fosse evidente para todos os que tinham olhos e podiam ver que o crime cometido contra Kronstadt era muito mais terrível e enorme do que a matança da Comuna em 1871, pois fora feito em nome da Revolução Social, em nome da República Socialista. Doravante, às figuras vilãs clássicas de Thiers e Gallifet são adicionadas as de Trotsky, Zinoviev, Dybenko, Tukhachevsky.

Assim é o sacrifício humano levado ao Moloch do bolchevismo, à mentira gigantesca que ainda está crescendo e se espalhando por todo o mundo e enredando-o em sua rede de ruína, falsidade e traição. Nem se trata aqui apenas da liberdade e da vida de cidadãos individuais que são sacrificadas a este deus de barro, nem mesmo o bem-estar do país: são os ideais socialistas e o destino da Revolução que estão sendo destruídos.

Há muito tempo, Bakunin escreveu: “Todo o poder do czar russo é construído sobre uma mentira — uma mentira em casa e que está no exterior: um sistema colossal e astuto de mentiras talvez nunca testemunhado antes, em toda a história do homem”.

Mas um sistema desse tipo existe agora. É o sistema do comunismo de Estado. Os proletários revolucionários do mundo devem abrir os olhos para a situação real na Rússia. Deveriam aprender a descobrir o terrível abismo que, devido à ditadura cega e sangrenta, o Partido bolchevista governante trouxe para a Rússia e a Revolução Russa. Que o proletariado mundial dê ouvidos às vozes dos verdadeiros revolucionários, às vozes daqueles cujo objetivo não é o poder do partido político, mas o sucesso da Revolução Social, e para quem a Revolução é sinônimo de dignidade humana, liberdade e regeneração social.

Que o proletariado da Europa e da América, quando a revolução mundial vier, possa escolher uma trilha diferente da seguida pelos bolchevistas. O caminho do bolchevismo leva à formação de um regime social com novos antagonismos e distinções de classes; leva ao capitalismo de Estado, que apenas um fanático cego pode considerar

como um estágio de transição para uma sociedade livre na qual todas as diferenças de classe estão abolidas.

O comunismo de Estado, o governo soviético contemporâneo, não é e nunca pode se tornar o limiar de uma sociedade comunista livre, voluntária e não autoritária, porque a própria essência e natureza do comunismo governamental e compulsório exclui essa evolução. A consistente centralização econômica e política, a governamentalização e burocratização de cada esfera da atividade e esforço humanos, a inevitável militarização e degradação do espírito humano destroem mecanicamente todos os germes da nova vida e extinguem o incentivo do trabalho criativo e construtivo.

É a própria ditadura do Partido Comunista que efetivamente dificulta o desenvolvimento e aprofundamento da Revolução.

A luta histórica das massas trabalhadoras pela liberdade inevitável e necessariamente prossegue fora da esfera da influência governamental. A luta contra a opressão política, econômica e social, contra a exploração do homem pelo homem, ou do indivíduo pelo governo, é sempre simultaneamente também uma luta contra o governo enquanto tal. O Estado político, qualquer que seja sua forma, e o esforço revolucionário construtivo são irreconciliáveis. São mutuamente exclusivos. Toda revolução no rumo de seu desenvolvimento enfrenta essa alternativa: construir-se livremente, independente e a despeito do governo, ou escolher um governo com toda a limitação e estagnação envolvidas. O caminho da Revolução Social, da autoconfiança construtiva das massas organizadas e conscientes, está na direção do não-governo,

isto é, da anarquia. Nem o Estado, nem o governo, mas sim a reconstrução social sistemática e coordenada pelos trabalhadores que é necessária para a construção da nova sociedade livre. Não o Estado e seus métodos policiais, mas a cooperação solidária de todos os elementos de trabalho — o proletariado, o campesinato, os intelectuais revolucionários que se ajudam mutuamente em associações voluntárias, que nos emancipará da superstição do Estado e abrirá a passagem entre a antiga civilização abolida e o comunismo livre. Não por ordem de alguma autoridade central, mas organicamente, da própria vida, deve crescer a tão estreita federação das associações unidas, industriais, agrárias, etc., que deve ser organizada e gerenciada pelos próprios trabalhadores, e então — e só então — a grande aspiração do trabalho para a regeneração social terá uma sonora e firme fundação. Somente essa organização da comunidade criará espaço para uma humanidade realmente livre, criativa e nova, e será o verdadeiro limiar do comunismo anarquista não-governamental.

Assim, e somente assim, podem ser completamente varridos todos os remanescentes da nossa antiga e moribunda civilização, e a mente humana e o coração podem ser aliviados dos diversos venenos da ignorância e do preconceito.

O proletariado mundial revolucionário deve poder ouvir essa voz anarquista, que, desde então, para ele apregoa das profundezas das masmorras da prisão.

O proletariado mundial deve entender a grande tragédia dos trabalhadores da Rússia: a tragédia angustiante dos trabalhadores e camponeses que suportaram o peso da Revolução e que agora se encontram impotentes

na embreagem de ferro de um Estado paralisante. O proletariado mundial deve, ainda que tarde, afrouxar esse estrangulamento.

Caso contrário, a Rússia soviética, uma vez o coração da Revolução o mundo, se tornará o refúgio da reação mais retrógrada do mundo.

Moscou, junho de 1921.

Notas

¹ Série Revolução Russa, nº 2, 1922. Texto complementar a "Tragédia Russa", ensaio de Berkman publicado na revista *verve*, vol. 12, 2007.

² Pyotr Wrangel foi um oficial do Exército Imperial Russo e o último general do Exército Branco, que lutava contra os Bolchevistas. Capitulou em 1920 e exilou-se (N.T.).

³ O soviete da fábrica de pólvora de Schlüsselburg, localidade próxima a Petrogrado, participou decisivamente da Revolução de Outubro (N.T.).

⁴ Anatoly Zheleznyakov, anarquista morto em 1919, durante o combate às forças reacionárias do Exército Branco, comandadas por Denikins (N.T.).

⁵ Este panfleto foi escrito em junho de 1921, como mencionado no meu prefácio. Desde então, alguns dos anarquistas presos em Moscou foram deportados da Rússia, mesmo sendo nativos desse país; outros exilados para partes distantes, enquanto um grande número ainda está nas prisões (N.A.).

⁶ Referência à parábola bíblica (Mateus 25: 32), anunciando que quando Cristo voltar irá separar os povos como um pastor que separa as ovelhas dos bodes em seu rebanho (N.T.).

⁷ “*Big Stick*” ou “grande porrete” se refere ao estilo de política externa apresentada pelo presidente dos EUA, T. Roosevelt, em 1901, ameaçando usar da força caso não fossem aceitos conversas e compromissos favoráveis aos interesses do país (N.T.).

⁸ Alexandra Kollontai (N.T.).

Resumo

Alexander Berkman faz um balanço dos efeitos imediatos da Revolução Russa após três anos da instauração do governo bolchevista. Recorda o que constitui um partido, como o Partido Comunista se instituiu como partido único e mostra que a Revolução Russa foi algo diverso do que dela foi feito sob a direção do partido.

Palavras-chave: Revolução Russa, Partido Comunista, bolchevismo, anarquismo.

Abstract

Alexander Berkman evaluates the immediate effects of the Russian Revolution three years after the Bolshevik government was established. He addresses the elements that form a party; the institution of the Communist Party as a single party; and shows that the Russian Revolution turned into something different under the leadership of the party.

Keywords: Russian Revolution, Communist Party, Bolshevism, Anarchism.

The Russian Revolution and the Communist Party, Alexander Berkman.

Recebido em 9 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 28 de outubro de 2017.

manifesto da liga da não conscrição¹

emma goldman & alexander berkman

não à conscrição!²

A conscrição tornou-se um fato neste país. A Inglaterra demorou 18 meses para impor o serviço militar obrigatório a seu povo depois que entrou na guerra. Foi deixada para a América “livre” a aprovação de uma lei de Conscrição Militar seis semanas após ter sido declarada a guerra contra a Alemanha.

O que ocorreu com o orgulho patriótico da América para ter entrado na guerra europeia em nome do princípio da

Emma Goldman, russa, anarquista e feminista, chegou nos Estados Unidos com a irmã indo trabalhar como operária têxtil. Em pouco tempo tornou-se uma militante combativa juntamente com o seu companheiro Alexandre Berkman, o que lhe valeu alguns encarceramentos, um deles por ensinar publicamente o uso de contraceptivos. Emma Goldman participou criticamente da Revolução Russa, da Guerra Civil Espanhola e morreu em 1940, no Canadá. Seu corpo foi sepultado em Chicago, junto com os dos anarquistas de Haymarket. Alexander Berkman foi Imigrante russo que se tornou proeminente anarquista nos EUA. Cometeu um atentado contra um industrial durante uma greve operária e passou 14 anos na prisão. Em 1919, devido a contundentes manifestações contra a guerra, foi deportado para a Rússia junto com vários anarquistas, inclusive Emma Goldman, sua companheira na vida amorosa e política. Depois de dois anos, deixaram o país e prosseguiram na crítica libertária aos rumos autoritários da revolução russa e das ações do partido comunista. Berkman morreu aos 66 anos, na França, em 1936.

democracia? E isso não é tudo. Todos os países da Europa reconheceram o direito dos objetores de consciência, dos homens que recusam engajar-se na guerra por se oporem a tirar a vida de outrem. No entanto, neste país democrático não há nenhuma prescrição legal para aqueles que não cometerão assassinatos a pedido dos especuladores da guerra. Assim, a “terra dos livres e lar dos valentes”³ está pronta para coagir homens livres ao jugo militar.

Ninguém considere que o princípio fundamental da liberdade e da justiça como uma frase inútil, pode evitar dar-se conta de que a charlatanice patriótica, agora gritada pela imprensa, púlpito e autoridades, expõe um esforço desesperado da classe dominante deste país para jogar areia nos olhos das massas e cegá-las para a verdadeira questão que as confronta. Essa questão é a “prussianização” da América destruindo as poucas liberdades que as pessoas conquistaram por meio de uma luta incessante de muitos anos.

Todas as leis protetoras do trabalho já foram revogadas, e isso significa que, enquanto os maridos, os pais e os filhos são trucidados nos campos de batalha, as mulheres e as crianças serão exploradas em nossas fortalezas industriais para a profunda satisfação dos patriotas americanos com lucro e poder.

As liberdades de expressão, de imprensa e reunião estão prestes a serem jogadas no monte de esterco das garantias políticas. Mas há o crime de todos os crimes: a juventude do país está para ser forçada a assassinar, acreditando ou não na guerra ou na eficácia em salvar a democracia na Europa pela destruição da democracia em casa.

A liberdade de consciência é o mais fundamental de todos os direitos humanos, o pivô de todo progresso. Ninguém pode ser privado dela sem perder todo vestígio de liberdade de pensamento e ação. Nestes dias em que cada princípio e concepção de democracia e de liberdade estão sendo lançados no lixo sob o pretexto de democratizar a Alemanha, cabe a cada homem e mulher amante da liberdade insistir nos seus direitos de escolha individual para a determinação de suas vidas e ações.

A Liga da Não Conscrição foi formada com o objetivo de encorajar os objetores de consciência a afirmar sua liberdade de consciência e a fazer sua objeção ao abate humano se recusando a participar do assassinato de seus semelhantes. A Liga da Não Conscrição deve ser a voz do protesto contra a coerção feita sobre os objetores de consciência para que participem da guerra. Nossa plataforma pode ser resumida da seguinte forma:

- Nós nos opomos à conscrição porque somos internacionalistas, anti-militaristas e nos opomos a todas as guerras empreendidas pelos governos capitalistas.

- Lutaremos pelo que escolhermos lutar; nunca lutaremos simplesmente porque nos ordenaram lutar.

- Acreditamos que a militarização da América é um mal que ultrapassa, em seus efeitos antissociais e anti-libertários, qualquer benefício que possa vir da participação dos Estados Unidos na guerra.

- Resistiremos à conscrição por todos os meios ao nosso alcance, e vamos apoiar aqueles que, por razões semelhantes, se recusam a ser conscritos.

Manifesto da liga da não conscrição

Não desconhecemos as dificuldades em nosso caminho. Mas decidimos continuar e não poupar esforços para fazer da voz do protesto uma força moral na vida deste país. Os esforços iniciais dos objetores de consciência na Inglaterra estavam repletos de muitas dificuldades e perigos, mas, finalmente, o governo da Grã-Bretanha foi obrigado a prestar atenção ao crescente volume de protesto público contra a coerção sobre os objetores de consciência. Então, nós, também, nos Estados Unidos, sem dúvida enfrentaremos a severidade total do governo e a condenação dos jingles loucos da guerra, e estamos ainda determinados a ir em frente. Sentimo-nos confiantes em despertar milhares de pessoas que são conscientemente objetores do assassinato de seus semelhantes e para quem esse princípio representa o mais importante na vida.

Resista à Conscrição. Organize reuniões. Participe da nossa Liga. Envie-nos dinheiro. Ajude-nos a dar assistência a quem entra em conflito com o governo. Ajude-nos a publicar literatura contra o militarismo e contra a conscrição.

Consideramos essa campanha de extrema importância nos tempos atuais. Em meio a um odioso e covarde silêncio, uma voz poderosa e um vasto amor são necessários para que os mortos-vivos estremeçam.

LIGA DA NÃO CONSCRIÇÃO

East 125th St., 20; Nova York

Tradução do inglês por Eliane K. Carvalho e Beatriz Scigliano Carneiro.

Notas

¹ Texto do manifesto original em inglês, disponível em: <https://www.katesharpleylibrary.net/wpzhxw> (acesso em: 07/07/2017).

² A Lei de Conscrição, ou Lei do Serviço Seletivo, foi promulgada em 18 de maio de 1917, obrigando a todos os homens estadunidenses de idade entre 21 e 31 anos a se registrarem no Exército a partir do dia 5 de junho, podendo assim serem convocados, mediante sorteio, a lutar contra a Alemanha na guerra europeia iniciada em 1914. Os Estados Unidos haviam rompido com a Alemanha e assumido colocar suas Forças Armadas no conflito imediatamente, e para tal não podiam contar apenas com um minguido exército de voluntários. Dentre os grupos que protestaram veementemente contra essa legislação estavam os anarquistas. Em junho de 1917, foi formada uma liga por Emma Goldman e Alexander Berkman para se contrapor à obrigatoriedade e proteger aqueles que se recusavam a lutar. Divulgaram esse manifesto e organizaram comícios e reuniões até serem presos dias depois de um grande comício no dia 4 daquele mês [N. T.].

Manifesto of non-conscription, Emma Goldman & Alexander Berkman.

Recebido em 10 de agosto de 2017. Confirmado para publicação em 15 de setembro de 2017.

RIUNIONE LIBERTARIA

I compagni tutti di S. Paolo, dei sobborghi e quelli delle stazioni suburbane, sono chiamati ad una grande riunione che avrà luogo, domani, **Domenica 1.º Ottobre**, nella **rua Florencio de Abreu, 45, alle ore 1, 1½ del pomeriggio**. E' fatto caldo invito per comparire all'ora indicata. Che nessuno manchi poichè sono in discussione proposte che interessano la vitalità e lo sviluppo del movimento nostro.

N. B. — Il presente invito è diretto agli anarcici, non riguarda perciò chi non milita nelle nostre file, la riunione avendo carattere privato.

... E 9 MESES DEPOIS

Final do processo administrativo iniciado,
contra mim, em outubro de 2017:

Em conclusão: A Subcomissão que acompanhou e dirigiu o Processo Administrativo R-47/2016, instaurado pela então Magnífica Reitora Anna Maria Marques Cintra emite, portanto, decisão - reafirmada pelo Presidente da Comissão Sindicante Processante Permanente - pelo "arquivamento do processo, sem medida administrativa".

Seguem considerações da atual reitora reafirmando acompanhar e acolher a decisão e ressaltando que ninguém está acima da lei, das normas institucionais, e sua empatia com a funcionária. Depois de longos 9 meses de gestação de um processo equivocado fica o sabor de fel para quem se sente protegido pela prática da delação. Afinal, nem todas as leis e regras são capazes de superar, sequer se aproximar, da intensidade da conversação; muito menos as promessas de recompensas e castigos.

"Não precisa ir muito além dessa estrada
os ratos não sabem morrer na calçada
é hora de você achar o trem
e não sentir pavor dos ratos soltos na casa
sua casa." (*Trem de doido*, Lô Borges)

Tudo se passou durante o lançamento do livro de Heliana Conde, *Ensaaios sobre Michel Foucault no Brasil*, pós-doutorado realizado na PUC-SP. Sim, o mesmo filósofo cuja cátedra pleiteada com seu nome, desde a gestão da reitoria anterior, ainda não foi autorizada. Curioso e ao mesmo tempo preocupante. Agora, depois do encerramento do processo, posso entregar à presidente da comissão, a seu pedido durante a audiência, o livro autografado por Heliana Conde. Não o fiz antes para evitar ser acusado de presentear indevidamente uma autoridade, como é de praxe neste país. Sob o signo da paranoia e das boas intencionalidades é sempre bom evitar mais descabimentos. Permaneço abolicionista penal. O tribunal é a verdade do soberano, do superior, fundado na ilusão do universal da lei como direito. Mas, luta por direito é luta pela vida. E a vida livre ultrapassa as leis e os tribunais, porque esteve e estará antes, durante e depois deles. Não está abaixo ou acima: a vida livre está fora. As regras são móveis e voltadas para a liberdade quando dispensadas de recompensas e punições. Perguntava um jovem no século XVI, cujo escrito sobre a servidão voluntária seria violentamente interditado: como alguém prefere ser conduzido por alguém e não por si próprio? Um filósofo no século passado, com suas análises minuciosas, chamava atenção para o assujeitamento, essa conduta de declarado amor

à obediência de quem se coloca abaixo. Entregar-se a essa prática de amor é a maneira mais fácil de aniquilar a vida. Enfim, não há como viver sem as transgressões, tanto as que reafirmam e reformam as leis, como as que inventam novos costumes. Estou nesta instituição há mais de 40 anos e permaneço coerente com a ética da coexistência entre iguais diferentes. Não há paz ou convivência democrática livre sob o regime dos castigos e dos tribunais. Uma universidade que revolveu autoritarismos no passado recente ao se acomodar aos supostos do Estado de Direito sabe que estará subjugada aos procedimentos, subjetividades e à tresloucada busca por aumentar o consenso para seu governo, exercitando proselitismos. Nesta ou em qualquer instituição somos funcionários. Perante o tribunal somos todos funcionários, empregados, preventivamente suspeitos, réus e sentenciados. É o procedimento que julga, detém a suposta neutralidade e só existe porque é enunciado por quem o requer desta forma. Um filósofo do século XIX afirmava não haver fatos morais, apenas a interpretação moral dos fatos, característica inerente à linguagem de qualquer tribunal. É por isso, também, que uma ética livre e o julgamento são incompatíveis. Da mesma maneira, não há restauração que não seja retributiva. A insistência em sua distinção satisfaz tão somente à psicologia do apego à hermenêutica jurídica e às infundáveis

reformas dos modos de julgar. Trata-se de mais um artifício para tentar limpar a linguagem penal da vingança, do regime da prova, do saber do exame. Está na hora de revermos essa acomodação aos castigos e às migalhas das recompensas, para encontrar as palavras sãs. E isso não se faz dizendo ao outro o que deve ser porque é assim que deve ser. A história do uso do cigarro é semelhante à de qualquer outra droga, circunstancialmente ilícita ou ilegal, e desconheço quem leva bebidas alcóolicas para a universidade. Para azarar com bobagens, outro filósofo interessante do século passado dizia que bebia vinho para elaborar conceitos. Isso não o colocou sob suspeita, e tampouco sua afirmação o habilitou a ser enquadrado como pervertido. Foi o seu modo de produzir saber livre. Agradeço a todos que se surpreenderam com um processo como este na PUC-SP. E espero que permaneça assombrando aos colegas e demais pessoas. Todos somos funcionários: isso não é um prosélito acomodado, mas um incômodo.

Edson Passetti

[Publicado em *Flecheira Libertária. Comentários semanais do Nu-Sol sobre pessoas, coisas e o planeta*. n. 466, 25 de junho de 2017. Ano XI.]

sobre pluralismo, tolerância e monitoramentos: em marcha a perseguição aos anarquistas

Em 2009, sob o governo estadual de Yeda Crusius (PSDB), a sede da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), foi invadida pela polícia que roubou livros, computadores e material de propaganda. Na mesma época um professor anarquista foi executado e fez-se pensar que havia sido um suicídio (<http://www.nu-sol.org/agora/agendanota.php?idAgenda=310>).

Em 2013, em duas ocasiões (junho e outubro) novamente a sede da FAG e a casa de um de seus militantes foi invadida, desta vez sob o governo Tarso Genro (PT), que declarou se tratar de "grupos criminosos com financiamento internacional" (<http://www.nu-sol.org/flecheira/pdf/flecheira300.pdf>).

Não coincidentemente, na mesma época, na cidade do Rio de Janeiro, a "intelectual orgânica" do mesmo partido do governador pontificou do alto de sua autoridade de filósofa do Estado, para uma plateia de policiais militares, que os *black blocs* presentes em manifestações de rua eram fascistas.

Nas democracias liberais, os anarquistas são insuportáveis para o pluralismo governamental, pois não esperam nem praticam a tolerância e

são alvo dos monitoramentos que regularmente acionam as forças de polícia repressiva.

Desta vez, na madrugada de 26 de outubro de 2017, iniciou-se uma investigação da polícia civil chefiada por um delegado definido como especialista em crimes de intolerância, deflagrada com mandatos de busca e apreensão nas cidades de Viamão, Novo Hamburgo e Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul.

Os mandatos levaram a invasão da antiga sede da FAG (onde funcionava o ateneu Batalha da Várzea), da Ocupação Pandorga, da sede do Coletivo Parrhesia e de várias casas de militantes.

A polícia declara que são 30 investigados, sendo 15 deles colegas estudantes de pós-graduação em antropologia da UFRGS, alguns estrangeiros, mas não divulga os nomes.

Na operação a polícia roubou livros (que constavam no mandato como material perigoso), computadores, celulares, material serigráfico para confecção de camisetas, faixas de manifestações e garrafas pet com material de reciclagem utilizadas como tijolos para bioconstrução.

A feira de livros anarquistas que ocorreria em Porto Alegre, neste fim de semana, foi cancelada por decisão dos próprios organizadores do encontro. Esta foi a forma

de protesto encontrada por eles diante de mais um ataque abjeto da polícia do Estado.

Desta vez no interior desta escabrosa "Operação Ébero" - na mitologia grega, o filho do Caos -, forjam acusações contra os militantes e cometem o descalabro tacanho e burro de vincular anarquistas com fascistas e nazistas, etc... Este tipo de vinculação não é de espantar, é inerente à polícia e ao Estado que toma a sua própria estupidez por inteligência.

Não basta dizer que "protestar não é crime", pois isto nada mais é do que a velha batida que, dependendo da ocasião, tanto respalda o pluralismo que tolera até mesmo um fascista, como não titubeia em tentar destruir anarquistas e pretende distinguir o "preso comum" do "preso político". Ledo engano.

Todo preso é um preso político! E qualquer anarquista não deve ignorar isto. Da mesma maneira é preciso estar atento para o fato de não haver "fatos criminosos", pois o crime não passa de conduta considerada inaceitável para uma determinada ordem, num momento específico.

O crime é apenas uma construção moral e política que interessa ao Estado, ao capitalismo, aos proprietários e a todos que cultivam o apreço pelas penalizações, juízos e castigos. Todos, também, que posam de avançadinhos e coleguinhas de ocasião de pessoas ou grupos que lhes convêm, mas, não suportam anarquistas e pretendem em

vão riscá-los do mapa. São os cidadãos-polícia que censuram, atacam e pretendem obstruir práticas de liberdade.

Não surpreende que as democracias liberais, por meio de suas autoridades policiais gerais associem anarquismo à intolerância. Os anarquistas situam o insuportável, enquanto eles, pretendem determinar o governo do justo meio. Do justo que define a liberdade como um universal que nada mais é que sua particular segurança.

Não surpreende que, em plena democracia, repetem-se as violências do Estado amparadas pela Lei de Segurança Nacional, conduzidas pelas forças armadas durante a ditadura civil-militar contra a existência de espaços anarquistas. No final dos anos 1960, somada a prisão de jovens pertencentes ao Movimento Estudantil Libertário (M.E.L), é conhecido o arrombamento pela polícia de sedes de associações libertárias e o sequestro de materiais "explosivos" como livros, mimeógrafos, ventiladores, fichários, estatutos, alvarás de funcionamento, fotos de piqueniques.

Também não surpreende que a sua mídia retome a histórica associação entre anarquia e caos, violência e vandalismo, requentada, à esquerda e à direita, desde as revoltas de junho de 2013.

É inadmissível que a brutalidade do Estado

e a ignorância rocambolesca da mídia ataque espaços, associações e militantes libertários.

Essas operações desgovernadas alimentam o espetáculo da catástrofe em redes sociais e televisões, e pode destruir a vida de pessoas. Alguém ainda se importa em saber como estão os 23 encarcerados em Bangu, no Rio de Janeiro, durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014? Fala-se em contenção de ações violentas, mas quem questiona o imensurável aparato de espionagem e repressão construído pelo Estado e suas polícias não só por ocasião dos megaeventos?

Com golpe ou sem golpe, com governos mais ou menos à esquerda ou à direita, a perseguição aos anarquistas relacionados aos chamados crimes de ocasião e falsos testemunhos prossegue! Pelas polícias de Estado e pela cidadania policial que se espraia nas ruas, em universidades, empresas e locais públicos.

Os anarquistas são muitos, assim como são muitas as práticas dos anarquismos, pelas quais se convive muito bem com as diferenças e as divergências em práticas de liberdade.

Anarquistas não são pluralistas! Tampouco tolerantes, porque não são cabotinos e sabem que só há tolerância com o inferior que se dispõe a prosseguir sujeitado.

Não admitimos que toquem em nossos companheiros, que saqueiem nossas associações,

que interceptem nosso trabalho que, por vezes,
é silencioso e paciente, mas que está pronto
para o escândalo quando ameaçado.

Chamam-nos de monstros, vândalos, infantis,
violentos, e variadas desqualificações. Pouco
importa, porque classificados como anarquistas,
somos, mais uma vez, os desclassificados.

Porém, não existimos por autorizações, somos
inclassificáveis!

Tirem suas mãos imundas de sangue dos 30
perseguidos no Rio Grande do Sul. Nosso repúdio
à "Operação Ébero" é total e irrestrito! Quem
gosta de investigações, tribunais e prisões
que soçobrem com elas!

Nós somos a favor da vida livre!

Interrompam imediatamente essa investigação
absurda!

Ninguém é inocente!

Viva a anarquia!

Saúde!

nu-sol (núcleo de sociabilidade
libertária) puc-sp.

são paulo, 29 de outubro de 2017.

Não se distraia!

Os diligentes guardiões da ordem estão sequiosos de sangue. Isso não nos deve ser estranho e tampouco distante. Às vésperas da determinação repressiva na ditadura civil-militar no final dos anos 1960, estes zelosos servos da dominação atacaram estudantes contestadores e as artes no Brasil.

Por faltar-lhes imaginação eles repetem sempre a mesma arenga. Primeiro, em nome da moral e da *sua* liberdade contestam as artes; hoje em dia, se autoproclamam defensores do combate à pedofilia. Depois, invadem os espaços das universidades para impedir reflexões e modos de registrar eventos históricos.

Do primeiro caso, qualquer razoável pessoa já deve ter tomado um susto. Os idiotas acatam impedimentos aos *menores* de acompanharem a arte. Outros aceitam de pronto pequenas censuras. Ambos temem o corpo livre, os bichos e o sexo. Contra eles será sempre bem-vinda a exibição de *A origem do mundo* de Gustav Courbet (http://www.museeorsay.fr/fr/collections/oeuvrescommentees/recherche/commentaire_id/lorigine-du-monde-125.html).

No segundo caso, recentemente na UERJ, universidade na qual muitos professores e estudantes resistem ao seu desmantelamento

pelo governo do estado, realizou-se mais um evento relativo aos 100 anos da Revolução Russa. Nada mais apropriado que universidades sérias realizarem reflexões atualizadas sobre esse importantíssimo acontecimento. E se todo evento tem seus defensores e opositores, quem não o quer de um modo que o faça de outro, mantendo suas variações e debates. E universidade é isso!

Mas os catatônicos e os inteligentes da ordem não pensam assim. Para eles, deve-se pensar (?) como eles; caso contrário, agem como agressores interceptadores que simplesmente desejam calar os demais, quando não destruí-los. Dizem-se defensores da liberdade, contestam os socialistas como totalitários violentos, e agem como fascistas.

Esses agentes obtusos chegam ao absurdo de se chamarem libertários, praticando mais um roubo neoliberal aos anarquistas. Mas isso é irrelevante diante da ação violenta deles contra a palavra e a reflexão livres. Suas *seitas* pretendem dominar os ambientes. É preciso dar um basta a isso.

Não se trata de compensar essa conduta abominável relativizando haver em todas organizações e instituições bons e maus. Não é assim que eles agem sob o manto da polícia e das forças de segurança. Para estas, bons e maus são os cumpridores da ordem, do comando,

sejam eles policiais, forças armadas ou cidadão comum.

A universidade, os museus e as ruas são espaços facilitadores de práticas de liberdade. Quem é incompetente para fazer as suas que fique em casa ruminando suas próprias economias do desencanto com as *melhorias* que nunca serão suficientes. Os russos mostraram naquele ano de 1917 que não lhes bastavam migalhas. O que veio depois é efeito de arranjos políticos que cabe à universidade problematizar e equacionar.

Os fascistas grandes ou pequenos sempre serviram aos interesses capitalistas e liberais. Eles são bactérias que se fortalecem cada vez que as forças livres tentam aplicar antibióticos. Reproduzem-se até instaurar a praga. Eles existem para matar.

Ser livre é também impedir a expansão dos parasitas e vibriões!

nu-sol (núcleo de sociabilidade
libertária) puc-sp.

29 de outubro de 2017.

Escola Moderna N. 1

Instituto de Instrucção e Educação para menores e
:: adultos de ambos os sexos ::

Aulas diurnas e nocturnas

Ensino theorico e pratico, segundo os methodos da pedagogia moderna, com os quaes se ministra aos alumnos uma instrucção que os habilita para o inicio das actividades intellectuaes e profissionaes, assim como uma educação moral baseada no racionalismo scientifico

CURSO PRIMARIO — Rudimentos de Portuguez, Arithmetica, Calligraphia e Desenho.

CURSO MEDIO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Principios de Sciencias, Calligraphia e Desenho.

CURSO ADEANTADO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Noções de Sciencias Physicas e Naturaes, Historia, Geometria, Calligraphia, Desenho, Dactylographia.

Para as alumnas haverá tambem trabalhos manuaes: costura, bordado, etc.

Aulas diurnas

Horario: das 11 1/2 ás 16 1/2 (das 11 1/2 da manhã á 4 1/2 da tarde).

Mensalidades: Curso primario ou medio, 4\$000; curso adeantado, 5\$000.

Aulas nocturnas

Horario: Das 19 ás 21.

Mensalidades: Curso primario ou medio, 5\$; curso adeantado, 7\$

DIRECTOR — PROFESSOR FLORENTINO DE CARVALHO

Avenida Celso Garcia, 262 - Belemzinho - S. Paulo

roberto freire e o erotismo anarquista

O anarquista, escritor, dramaturgo, inventor da somaterapia, Roberto Freire, Bigode para os amigos, completaria 90 anos em 2017. Diferente de uma homenagem à efeméride, que tem pouco a ver com Roberto, a data é propícia para retomar a vitalidade do seu anarquismo somático declarado desde *viva eu viva tu viva o rabo do tatu* (1977). No frescor dessa vitalidade, reeditamos nesta **verve** a entrevista “um libertário” e o ensaio “erotismo libertário”, publicados originalmente em 1992. No início da década de 1990, depois da invenção da perspectiva libertária ao longo dos anos 1980 com livros como *Utopia e paixão*, *Coiote* e *Sem tesão não há solução*, Freire deslocou-se, brevemente, para Canoa Quebrada, litoral do Ceará, onde redigiu os contos que compuseram os dois volumes das *Histórias curtas e grossas*. A partir do seu lançamento, Freire situou a “erotização do cotidiano”, diferenciando, à maneira do escritor D. H. Lawrence, *erotismo* e *pornografia*. Desde então, viajou o Brasil e intensificou os trabalhos acerca do *amor libertário*. Pouco tempo depois da publicação da entrevista e do ensaio a seguir, animado pelo cinema de Mario Monicelli, Freire formou o coletivo libertário *Brancaleone*, grupo de jovens somaterapeutas que, durante os anos 1990 e 2000, viveu e levou adiante o *Tesão* da anarquia. Roberto Freire não apagou; ele queimou como a grande bomba de orgasmo

que preconizava e fabricava diariamente. Sua potência segue viva por aí, como centelhas de fogo que aquecem e iluminam práticas libertárias. Sua existência foi vibrante como o fogo, que transforma e realiza.

Gustavo Simões
outubro de 2017

um libertário¹

roberto freire

O terapeuta e escritor Roberto Freire, criador da Somaterapia e autor dos livros *Sem Tensão não Há Solução* e *Ame e Dê Vexame*, coordenou maratonas de soma, semana passada, em Belo Horizonte (no Cine Belas Artes-Liberdade) e Ouro Preto, com o objetivo de implantar novos grupos de terapia. Freire, que mora em Ilha Bela, no litoral norte de São Paulo, não mais coordena os grupos, apenas faz sua instalação e supervisiona o trabalho. Em Belo Horizonte, por exemplo, os trabalhos serão conduzidos por dois jovens – Rui Takeguma e João Da Mata. O escritor também lançou dois livros em BH – *Histórias curtas e grossas – Volume II* e *A Farsa ecológica*. Em entrevista à repórter Maria Gláucia Barreto, ele falou sobre a origem das neuroses, a importância das pessoas manterem sua originalidade — a despeito de tudo e de todos —, sexo e educação dos filhos.

Chama a atenção o fato de seus assistentes, que coordenam os grupos de somaterapia, serem muito jovens. O Rui tem 23 anos, não é?

É, os meus assistentes são todos muito jovens. O João tem 24. O mais velho é uma assistente minha de Florianópolis, que tem 40. Mas é preciso ter espírito de 25, porque a técnica, ao contrário de outras técnicas terapêuticas, não é um trabalho de erudição, não é um trabalho de modificação da personalidade. As outras teorias terapêuticas mexem na estrutura da personalidade para melhorar a vida das pessoas. Para mim, isso é impossível, muito perigoso e desnecessário. Eu acho que a gente tem de ajudar a pessoa a se livrar daquilo que a está impedindo de desabrochar. Acho que a pessoa que está neurótica não tem uma alteração da personalidade, ela tem bloqueios ao desenvolvimento da sua personalidade. Então, uma pessoa jovem que conheça as técnicas tem a mesmíssima competência que eu, que tenho 40 anos de experiência. Eles são médicos, engenheiros, atores...

Em que a somaterapia é diferente da terapia tradicional?

Eu fui psicanalista. Conheci todas as técnicas terapêuticas e vi que o índice de cura, a recuperação da neurose, eram muito baixos. O pessoal levava seis, 10 anos fazendo análise. Foi quando eu comecei a ver que a neurose era uma coisa muito mais simples do que parece. Não é problema de doença, é um problema de incompetência para viver. Cada pessoa nasce para ser um ser original e único. Numa sociedade autoritária, onde existe a *média*, há uma tentativa de massificar as pessoas, de fazer com que elas sejam iguais, parecidas. A originalidade é uma coisa

que não é muito tolerada. Com isso, impede-se a pessoa de ser ela mesma, de ter a originalidade, e ela começa a sofrer. Para mim, a neurose é o sofrimento de as pessoas não poderem ser o que elas são de fato. A neurose é um problema sócio-político, e não uma doença. Então, a soma ajuda as pessoas a voltarem a assumir o que elas são e passarem a enfrentar as repressões sociais. Quando elas começam a ser o que são, desaparecem todos os sintomas.

É como se a neurose viesse de fora para dentro?

De fora para dentro. O Wilhelm Reich provou isso na década de 30, contestando Freud, que achava que a neurose vinha de dentro para fora. Inclusive, ele provou também que a neurose não fica na cabeça. Ela se instala no corpo todo da pessoa, nos músculos. Eu posso compreender de onde vem a minha neurose, mas não consigo me livrar dela porque ela gera em mim uma tensão corporal enorme. O neurótico é uma pessoa absolutamente tensa, então a gente tem de desfazer essas tensões corporais através de massagens, movimentos, dança. O homem faz dança, espontaneamente como terapia, desde que ele existe. Nós descobrimos que, de todos os nossos exercícios, o melhor é a capoeira, tanto que é necessário fazer capoeira durante a soma. E, quando termina a soma, as pessoas continuam fazendo a capoeira e, com isso, aliviando as tensões sem estar fazendo terapia. Nós pesquisamos e descobrimos que as lutas orientais e ocidentais tinham um efeito tremendo sobre o que Reich chama de couraça neuromuscular, onde ficam as tensões. Descobrimos que o tai-chi, o kung-fu, o judô, essas lutas têm um poder enorme de liberação energética. Então, escolhemos a capoeira, que é uma luta

brasileira, nos dá muita força, muita energia e, além disso, das várias lutas pesquisadas é a que se aprende mais rápido.

O senhor está lançando um livro com contos eróticos, o Histórias curtas e grossas – Volume II, e a respeito deste trabalho o senhor fala que “o erotismo, quando vivenciado, é saudável; quando fica somente no pensamento, nas fantasias, se torna doentio, patológico, pornografia”. Qual seria a importância das fantasias para as pessoas?

Eu acho que as fantasias são tão importantes quanto as próprias experiências sexuais. Só que elas não podem substituir. Quando a pessoa vive da fantasia e não tem experiência nenhuma, ela vive da representação da coisa, portanto, não é a coisa. As fantasias são representações das coisas que a gente pode viver sexualmente. A experiência sexual, afetiva, erótica, é muito saudável. Mas, quando se fica só na fantasia, ela excita e não realiza. E se realiza sem nenhum contato com a realidade; se você consegue um orgasmo fantasioso numa masturbação, tudo bem, mas não é uma experiência em si completa. Se houver outras experiências sexuais e masturbação, não há problema nenhum. Mas, se a masturbação estiver substituindo as relações sexuais, é problema, porque ela é incompleta. É uma forma, não são todas as formas. Então, eu resolvi fazer esse livro para trabalhar sobre todas as possibilidades do erotismo e ver até que ponto nós podemos ficar dentro do erotismo puro, da arte, da poesia, sem cair na pornografia. E o nosso grande esforço na soma é fazer com que as pessoas consigam permitir que o erotismo, o prazer corporal, não fique restrito exclusivamente às relações sexuais.

Seria o que o senhor chama de “erotização do cotidiano”?

Sim, eu acho que nós devemos pegar essa energia libidinosa, que é enorme, e usá-la no cotidiano. Por exemplo, se eu vou ao mar, eu posso simplesmente sentir a água, mas eu também posso sentir o prazer do contato com a água. Eu posso dar ao meu amigo um prazer enorme de sentir a presença dele, a presença física dele, sem precisar fazer sexo com ele, mas que exista uma coisa gostosa na nossa relação. É importante a gente usar um pouco do erotismo na relação com os filhos, poder tocar nossos três filhos, sentir a presença física deles. Eles entram em casa e eu sei quem entrou. Então, o prazer de comer, de beber, de dançar, tem que ter um certo grau de sensualidade para ficar ainda mais gostoso. A maioria das pessoas foge disso, tem uma vontade enorme de fazer, mas morre de medo. A educação que nós recebemos é para cortar tudo isso. A sociedade não permite que a gente sinta carinho sensual pelas pessoas, pela mãe, pelo irmão, pelos amigos. Isso torna a vida muito seca, muito triste, e faz com que a gente comece a cobrar demais dos nossos amantes. Seu amante tem que ser sua mãe, seu pai, seu irmão, seu amigo, além de ser seu amante.

Hoje, uma coisa que tem sido muito falada é a dificuldade de relacionamento entre homem e mulher. A gente vê muitas mulheres sozinhas, se queixando de que os homens “sumiram”. Por que isso?

Esta pergunta me é feita frequentemente e eu acho que está acontecendo isso mesmo. Mas a coisa só pode ser entendida se for vista por outro ângulo. Estamos saindo de um patriarcado muito violento, em que a mulher era totalmente dominada pelo homem. Desde a década de 1960, sobretudo,

há a concepção da mulher independente, produtiva e que não seja submissa. Então, para não ser submissa, acabou-se com o casamento. As relações entre homem e mulher teriam de mudar fatalmente. Como é que se faz a relação entre duas pessoas independentes? E os homens não estão querendo aceitar a mulher independente. A mulher quer um homem que estabeleça com ela um relacionamento que não existiu ainda, que terá de ser inventado. Então, se tem de abolir muitas coisas, como a mulher não poder ter relações sexuais. Ela tem de ter relações sexuais o mais cedo possível para viver sua fisiologia independente de qualquer coisa. Depois, ela tem de ter uma profissão, para não depender do homem. Já o homem também teria que gostar de ter filhos, de tomar conta de criança, de cozinhar, limpar a casa, tarefas que ele acha que são femininas. Então, está havendo um processo de adaptação, desconfiança e dificuldades. Alguns casais estão descobrindo isso, outros ainda não. Por exemplo, se são independentes, por que cada um não vai morar na sua casa? Se tiverem uma criança, os dois criam juntos, mas quando a criança crescer não precisa mais deles ficarem juntos. É muito importante, sendo independentes, que haja amor livre. Por que esse compromisso? Há pessoas que precisam de outros relacionamentos, outras não precisam. Eu, por exemplo, não posso. Se eu estiver gostando de uma pessoa, é aquela pessoa. Vejo as outras, mas não tenho interesse. Todo mundo deveria ter o direito de fazer como bem entendesse. Não haver normas. Outra concepção burguesa é achar que o amor é para sempre. Por que o amor não pode começar, durar e acabar no tempo em que quiser?

Um libertário...

Os pais hoje estão muito confusos quanto à educação dos filhos. O que o senhor recomendaria?

Nós, anarquistas, desenvolvemos uma pedagogia libertária. Eu eduquei meus filhos dentro desta pedagogia. A experiência foi incrível, houve choques, houve problemas, mas eu acho que eles são pessoas bem livres e bem autônomas. O principal é admitir que a criança sabe tudo. Ela tem dentro dela o potencial de saber tudo. Então, a gente não deve ensinar nada que ela não esteja nos perguntando. Se ela faz uma coisa errada, ela percebe, você não precisa recriminar. Se ela pega uma faca, você fica com medo de que ela se corte e explica para ela que aquilo corta. Passa numa coisa e mostra que corta, que ela pode se machucar. Mas a vida, viver, não se deve ensinar às crianças. Elas aprendem sozinhas. E mais: elas aprendem muito mais entre as crianças do que com a gente. A criança aprende com o que ela vê e observa no adulto, não no que o adulto fala. Falar o menos possível, e viver da forma o mais correta possível para ela ver como é que se vive da forma correta. Em vez de fazer o discurso para a criança, viva de um jeito legal, que ela olhe você e aprenda. E sexo, eu acho um absurdo ensinar sexo às crianças. Acho aulas de educação sexual um crime. Primeiro, porque a criança só vai aprender quando tiver desejo sexual. Enquanto isto não acontecer, ela vai achar aquilo uma chatura, uma aula de matemática. Agora, se ela tiver curiosidade, aí você tem de responder tudo, claramente. Mas sempre colocando o prazer, a alegria e a beleza o tempo todo, para ela perceber que o sexo é uma coisa muito bonita. Estas três coisas devem estar o tempo todo na pedagogia.

erotismo libertário²

O puritanismo sempre foi a mais poderosa e eficaz arma do autoritarismo de Estado, visando o controle e a contenção da liberdade dos cidadãos, tanto a biológica quanto a cultural.

Como o Estado, em si mesmo, é desprovido de qualquer moralidade que justifique seu puritanismo, em geral, irá buscá-lo nas religiões, às quais, em troca, oferece poder e sustentação, sobretudo, às que o contestam originalmente, corrompendo-as. Logo, não há moral alguma no puritanismo pessoal, religioso e de Estado.

Esse foi o caso, por exemplo, do Império Romano, em sua fase decadente, com a Igreja Católica por ele retirada das catacumbas, oferecendo-lhes a grandeza e o poder atuais do Vaticano. Desse conluio deriva o puritanismo contemporâneo do Ocidente e, em especial, o que sempre vigorou no Brasil, desde a vinda dos jesuítas na época do descobrimento, em caravelas do estado português, até a do papa João Paulo II, recentemente, no Boeing da Alitalia.

Para mim, o grande poder do puritanismo de Estado é ele somar à culpabilidade subjetividade produzida nas pessoas pelas religiões quando são compelidas a satisfazer suas pulsões biológicas irreprimíveis de prazer, ao medo concreto das normas sociais e das leis civis e penais que as ameaçam. Daí resulta o mais completo e o mais poderoso dos autoritarismos: a culpa por estar vivo e gostar de viver perante Deus, e o medo concreto das leis humanas. É infalível, porque a culpa invalida os desejos e o medo impede qualquer ação.

Dessa forma, o cidadão perde a criatividade e teme sua natural espontaneidade. Não é mais livre. Está perfeitamente controlado pelo Estado, permanecendo a Igreja, inclusive, de mãos limpas, porém de consciência perfeitamente hipócrita: “a Deus o que é de Deus, a Cesar o que é de Cesar”.

Como afirmou Wilhelm Reich, com sabedoria psicológica e política, a família espelha e reproduz o Estado. Cabe à família, portanto, executar as ordens e, assim, perpetuar o puritanismo, de pai para filho, de geração em geração, enquanto houver família, como a burguesa, a serviço do autoritarismo de Estado.

É importante ressaltar que, visando restringir e controlar a liberdade do novo cidadão, para que aceite se submeter ao Estado, o caminho mais curto e mais eficiente para a família é *semicestrá-lo*, quer dizer, procurar exercer sobre ele forte repressão à satisfação sexual, sem impedir, de forma definitiva, a sua sexualidade glandular. Em outras palavras, neurotizá-lo.

Foi Wilhelm Reich quem descobriu o mecanismo fisiopatológico da repressão sexual gerando a neurose que, segundo ele, em síntese, vem de fora e não de dentro, se instala em todo o corpo e não apenas na mente. Ele descreveu a neurose corporal como uma couraça neuromuscular, impedindo a livre circulação da energia vital por todas as áreas corporais, ficando, assim, algumas com energia em demasia e, outras, sem energia suficiente para um funcionamento fisiológico satisfatório. Daí então, no neurótico, a sensação de incompetência e impotência para o exercício de funções vitais como as da sexualidade e de intelectualidade, por exemplo, favorecendo ainda

o aparecimento de sintomas típicos da neurose, como a ansiedade, a angústia e a repressão.

Uma pessoa neurótica é, portanto, incapaz de se autogerir, está fraca, é facilmente controlada e submetida ao poder familiar e de Estado. Reich descobriu também que o orgasmo sexual tem o poder de desfazer, temporariamente, a tensão crônica da couraça neuromuscular. Logo, o prazer sexual obtido de modo satisfatório e frequente combate a neurose e a dependência da pessoa a qualquer poder externo. Concluindo: o puritarismo invalida a pessoa para a sexualidade satisfatória e isto a torna dependente de qualquer poder exercido sobre ela. Assim, só o combate ao puritanismo permite naturalidade e saúde, quer dizer, liberdade.

O que se procura combater nas pessoas é sobretudo o erotismo, não apenas o sexual e genital, mas sobretudo o que dá beleza, alegria e prazer a todas as relações do ser humano com a vida, com a Natureza e com os próprios homens, todos, inclusive seus parceiros sexuais.

Mas, para que isso seja possível, faz-se necessário, é claro, que a sociedade humana viva sob o efeito e manipulação de uma ideologia muito poderosa que deu origem ao fascismo, ao nazismo, à “democracia” capitalista e ao socialismo autoritário — às diferentes expressões do autoritarismo político de nosso tempo.

Refiro-me à *ideologia do sacrifício*, mantida no cotidiano dos cidadãos de todo o mundo, especialmente pelas religiões, pela burguesia capitalista, pelo marxismo dos partidos comunistas e pelas terapias oriundas da Psicanálise. Note-se como todas essas manifestações espirituais, políticas e científicas se manifestam travestidas no mesmo e único puritanismo.

A essa *ideologia do sacrifício* se opõe a *ideologia do prazer*. Ideologia do solidarismo humano, do respeito ecológico, do trabalho em autogestão, do verdadeiro e saudável sindicalismo, do amor em liberdade, do socialismo libertário que sempre combateu todas as formas de autoritarismo e de puritanismo hipócrita e antinatural. Refiro-me ao que propõe o *Anarquismo*, hoje o único antídoto político e ético à *ideologia do sacrifício*.

O autoritarismo procura invalidar a vida no ser humano, através do medo à violência das armas e, sobretudo, pela mediocrização das pessoas, ao submetê-las à *ideologia do sacrifício*. Na vida social burguesa é muito difícil às pessoas livrarem-se disso, atingidas que são consciente e inconscientemente, inclusive aquelas de opção libertária. Os escritores anarquistas teriam de estar atentos a como a ideologia do sacrifício, especialmente devido à sua formação burguesa, pode atuar ainda sobre seu espírito e opções no ato de criar literatura, apesar de tudo. Dois dos maiores escritores de todos os tempos, para mim, D. H. Lawrence e Henry Miller, que ousaram vencer a *ideologia do sacrifício* de seu tempo, trabalhando com coragem, beleza, verdade e poesia a sexualidade e a liberdade humanas, foram dura e longamente censurados.

Essa censura aos mestres intimidou, certamente, muitas gerações de escritores. Desavisado e imprudente, na década de cinquenta escrevi uma peça de teatro que foi censurada e impedida de ser levada à cena durante alguns anos: *Quarto de empregada*. Depois disso, sem perceber claramente, submeti-me inconscientemente à censura e à autocensura, como a maioria dos escritores daquela época, e nunca mais escrevi nada de realmente libertário para teatro, a não ser uma peça sem palavras, *O&A* em

1967, que, mesmo assim, foi retirada de cena pela Polícia, prendendo os atores durante as horas do espetáculo.

Quando saiu o romance *Cléo e Daniel*, também na década de sessenta, não tive censura oficial alguma ao meu livro como recebia, violenta, em minha vida pessoal e profissional, por contestar e combater a ditadura militar. Porém, foi igualmente violento o repúdio ao livro por parte da Igreja Católica e da família burguesa. O puritanismo da censura atingiu fortemente também o meu trabalho para a televisão, mutilando-o, mutilando-me. No romance *Coio*, ousei um pouco mais, porém timidamente, do puritanismo instalado em mim pela censura e pela autocensura produzida pela família burguesa e pelo autoritarismo capitalista e militar.

Apenas agora, no início da década de noventa, descubro que, apesar de toda a minha luta contra a *ideologia do sacrifício* em vários campos da cultura, continuo vivendo, em parte submetido a uma espécie de puritanismo (autocensura) disfarçado, mas, de qualquer maneira, semicastrador artisticamente.

Consciente disso, descobri coragem em mim para escrever histórias vividas que tinha prontas dentro de mim, mas agora totalmente motivado e guiado pela *ideologia do prazer*, na busca e na realização do que chamo de *erotismo libertário* em literatura, de forma e conteúdo anarquistas.

Assim, foi publicado pela Editora Guanabara o primeiro volume de *Histórias curtas e grossas* que, espero, ajude a libertar as pessoas como, definitivamente, libertou a mim.

Roberto Freire,
dezembro de 1991.

Notas

¹ Entrevista de Roberto Freire para o jornal mineiro *Diário da Tarde*, publicada em 7 de dezembro de 1992.

² Ensaio de Roberto Freire publicado em *Palimpsesto*, junho de 1992.

Resumo

Na entrevista, “Um libertário” e no ensaio “Erotismo Libertário”, publicadas no início da década de 1990, Roberto Freire passa a afirmar o que denominou “erotização do cotidiano”, intensificando ainda mais a perspectiva do seu anarquismo somático.

Palavras-chave: Erotismo, somaterapia, libertário, Roberto Freire.

Abstract

In the interview “A Libertarian”, and in the essay “Libertarian Erotism”, both published in the early 1990s, Roberto Freire began to affirm what he called “eroticization of daily life”, further intensifying the perspective of his somatic anarchism.

Keywords: Erotism, somaterapia, libertarian, Roberto Freire

Libertarian eroticism. A Libertarian, Roberto Freire.

Recebido em 10 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 2 de novembro de 2017.

anarquismo e gastronomia: a utopia intensa de unir fogões, barricadas, prazer e liberdade¹

nelson mendez

De início, parece ao leitor pouco informado que estabelecer a relação que anuncia o título é, de algum modo, propor um exercício de erudição relativamente ocioso, particularmente se ele tiver noções erradas sobre o anarquismo — mal-entendido como quimera caótica e irracional — e sobre a gastronomia — vista no sentido restrito de desfrute elitista de iguarias. Mas como veremos ao longo deste trabalho, busca-se apresentar uma visão integral e precisa de ambos os temas, em que se compreenda, tanto a complexidade da teoria e prática política e da história do anarquismo, quanto a percepção da gastronomia enquanto realização sociocultural integral, que tem necessariamente dimensões sociopolíticas nas quais temos explorado, e certamente encontrado, nexos muito ricos com o anarquismo.

*Nelson Mendez é professor titular na Universidad Central de Venezuela.
Contato: nelson.mendez@ucv.ve.*

Dito isso, e entendendo que nossa interpretação destas ideias fundamentais, cuja vinculação é a razão deste trabalho, deve ser clara, referimo-nos em primeiro lugar a um texto anterior em que nos ocupamos exaustivamente da conceituação básica do anarquismo. Trata-se do livro *Bitácora de la utopía*, uma obra que escrevemos junto com Alfredo Vallota, da qual foram feitas duas edições, sendo impressa em cinco países latino-americanos e também com ampla difusão pela internet. Quanto à “gastronomia”, é evidente que não nos conformamos com nenhum dos três significados dados pelo Dicionário da Língua Espanhola, da Academia Real Espanhola e da Associação de Academias da Língua Espanhola, por isso nos inclinamos na perspectiva muito mais rica em relação a este assunto que sugere, por exemplo, o Dicionário Actual ou o Wikipédia.

Partindo então de tais bases conceituais, iniciamos uma jornada através do processo histórico interessante, complexo e, geralmente, desconhecido ou menosprezado da relação gastronomia-anarquismo, ocupando-nos das mais significativas reflexões, ações e debates que têm marcado o seu devir. Este itinerário não é, de modo algum, o vislumbre melancólico de um passado já superado, pois, para surpresa de alguns, trata-se de um tema atual e vivo no pensamento, nas discussões e com expressões práticas plurais que hoje estão presentes tanto no anarquismo como na gastronomia.

Um último parágrafo desta introdução é para apontarmos que, escrevendo a partir da Venezuela e da América Latina, no entanto, há pouca referência em nosso contexto sobre o que aqui desenvolvemos. Para o caso do Novo Mundo, é claro que consideramos ir mais além do

que temos feito para este artigo na busca de informação sobre como se tem manifestado neste lado do Atlântico o nexos que aqui nos interessa, uma tarefa ainda pendente e que não deixará de ter complicações, em razão de que as possíveis fontes de informação tanto sobre o anarquismo como sobre a gastronomia na América Latina até agora não foram abundantes nem muito acessíveis; entretanto, é nosso compromisso seguir investigando a este respeito. Quanto à Venezuela, a limitada presença do anarquismo no processo histórico-político-cultural local, para os propósitos do que aqui apresentamos, significa que não há muito o que dizer²; ainda que encontramos, como explicado adiante, dois venezuelanos (Carlos Brandt e Guido Nuñez-Mujica) que foram figuras de menção necessária na reflexão e no debate intelectual anarquista sobre temas gastronômicos.

Marcos históricos do nexos anarquismo-gastronomia no século XIX e início do século XX

Fazendo referência ao título de dois dos livros mais importantes entre a obra escrita que nesse século lançou as bases do anarquismo moderno, o interesse libertário pela gastronomia é inerente à *Filosofia da Miséria*, cujo objetivo primordial é orientar a luta *pel'A Conquista do Pão* para os oprimidos. E é precisamente esta obra — a nosso entender — a que melhor e com mais profundidade expõe o que o anarquismo do século XIX tinha a dizer sobre o fato gastronômico integral. *A Conquista do Pão*³, do russo Piotr Kropotkin, surgiu de uma compilação de artigos jornalísticos que deram origem ao livro publicado na França em 1892, o qual tem conhecido até hoje inúmeras

edições em distintos idiomas, sendo uma das obras que consagra a posição de seu autor como voz fundamental, entre outras, do ideal ácrata, lugar em que se consolidou ao longo dos anos, pois as reflexões e propostas do “príncipe anarquista”, tanto no âmbito que aqui nos interessa quanto em outros que conservam surpreendente atualidade, são estimulantes para sua consideração e debate. Focaremos brevemente neste livro, pois ele estabelece elementos básicos e ainda vigentes para compreender a relação entre anarquismo e gastronomia. Isso é evidente no capítulo 5 do livro, que justamente se intitula “Alimentação”, mas também nos capítulos 14, “Consumo e produção”, e 17, “Agricultura”, em que se examina outros ângulos do tema que aqui nos interessa.

O essencial da proposta de Kropotkin, e que daqui em diante será assumida pela maior parte do anarquismo, condensa-se nos seguintes parágrafos: “Nós somos utopistas, já se sabe. Na verdade, somos tão utopistas que levamos nossa utopia até crer que a Revolução deverá e poderá garantir a todos alojamento, vestimenta e pão, o que desagrade enormemente aos burgueses vermelhos ou azuis, porque sabem perfeitamente que um povo que comesse satisfatoriamente seria muito difícil de dominar. Pois bem, persistimos nesse propósito: é preciso garantir o pão ao povo revoltado, é necessário que a questão do pão prive prescindida sobre todas as demais. Se for resolvido pelo interesse do povo, a revolução estará bem encaminhada; porque para se resolver a questão dos alimentos, é preciso aceitar um princípio de igualdade que irá se impor por cima de qualquer outra solução”⁴.

Mas não permanece apenas nisso, que poderia ser interpretado como uma expressão genérica de boas

intenções para um futuro indeterminado; em oposição radical àqueles que enxergam a revolução social como uma espécie de longa jornada, que necessariamente implicará submeter o povo às penúrias da escassez, das cozinhas centralizadas e do menu burocrático, Kropotkin defende o que ele chama de comunismo da variedade ou comunismo libertário, nos quais os mantimentos são repartidos de acordo com as necessidades das pessoas e, inclusive, reconhecendo as diferenças que a predileção e o tempero próprio introduzem na hora do consumo dos alimentos. Precisamente no capítulo 5 da obra comentada⁵, expressa-se uma posição sobre este assunto que naquela época, e ainda hoje, é a melhor negação aos que pretendem nos convencer de que o caminho para construir a felicidade socialista passa pelo miserável *rancho cuartelero*, o sofrido ascetismo de monges em jejum ou a caderneta de racionamento (mesmo em formato digitalizado).

Ao contrário da rejeição desdenhosa e ignorante a uma ideologia rotulada de utópica no sentido mais negativo que se pode dar a este termo, o que Kropotkin propõe em *A Conquista do pão* está marcado por uma preocupação evidente pelos aspectos práticos, por exemplo, ao lidar com o tema de como seriam as relações entre o campo abastecedor de alimentos e a cidade que os consome, o que se postula nos parágrafos V e VI do referido capítulo 5⁶ e no qual propõe-se a necessidade de estabelecer termos para um intercâmbio justo em que a cidade, por sua vez, proveja ao campo os artigos manufaturados e serviços que é capaz de fornecer. Há também uma grande confiança tanto no que se pode obter como produto da iniciativa e capacidade criadora das coletividades, liberadas do jugo da opressão, exploração e ignorância a que o Estado

e o Capital as submetem, como nos resultados de unir esta potencialidade construtiva com o desenvolvimento científico-tecnológico, em cuja contribuição positiva tem o anarquismo russo uma enorme convicção. Precisamente um dos pontos práticos que Kropotkin enxerga nos termos mais lisonjeiros para um porvir anarquista, em que encontramos a expressão dessa grande fé tanto na ciência e na técnica como nos poderes criadores do povo, é no eventual desenvolvimento da agricultura urbana, que é discutida em uma linguagem de ressonância muito atual⁷. Finalmente, também manifesta sentido prático quando se trata dos alimentos provenientes do exterior, cujos suprimentos cessariam quase por completo durante uma revolução e em um período posterior; portanto, é necessário contar muito menos com eles, de modo que, em caso de necessidade, as coletividades revolucionárias devem desenvolver ou retomar soluções alternativas que talvez o fácil acesso ao importado seja descartado em outros tempos⁸.

Sem dúvida, a ampla difusão do livro de Kropotkin entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX contribuiu para que os temas sobre alimentação estivessem presentes nos debates libertários da época, um interesse para o qual também contribuiu a aparição de locais de sociabilidade (como tabernas, clubes e espaços sindicais), onde se reunia gente afeita e simpatizante que começava a se preocupar por levar um estilo de vida coerente com as propostas anarquistas, incluindo a gastronomia; além disso, por esses tempos começaram a tomar forma as primeiras experiências de vida em comunidade de inspiração ácrata (talvez o caso mais interessante seja o da Colônia Cecília,

no Brasil, entre 1890 e 1894⁹), o que implica abordar o assunto em suas dimensões mais práticas e concretas.

Neste âmbito, um tema que vai ganhando importância é o nexo entre anarquismo e a pregação do vegetarianismo, que em um tom apolítico vinha sendo promovido na Europa Ocidental desde meados do século XIX. O vínculo foi consolidado desde a década de 1890, integrando-se dentro de uma concepção mais ampla sobre o corpo humano e a saúde que é identificada como naturismo, particularmente entre as décadas de 1920 e 1930, primeiro na França, entre os ambientes anarquistas mais boêmios e intelectuais¹⁰, e logo na Espanha, onde adquire um traço mais proletário, sobre o qual comentaremos mais adiante. Devemos mencionar os propagandistas mais importantes desta visão, que na França foram Louis Rimbault (1877-1949) e Georges Butaud (1868-1926), enquanto que, em castelhano, o apoio ético-moral mais divulgado dessa perspectiva é exposto na obra *El vegetarianismo* (1918) pelo venezuelano Carlos Brandt (1875-1964), preso e depois exilado pela ditadura de Juan Vicente Gómez¹¹.

Vale a pena comentar que o naturismo aparece como reação ao brutal industrialismo capitalista que está presente naquele período. O naturismo libertário é a expressão politicamente mais radical disso, unindo em vários graus o nudismo (entendido como prática positiva para a saúde e para promover uma moral livre), a medicina natural (reivindicando práticas e saberes que a medicina institucional tende a negligenciar), o antialcoolismo (enfrentando um problema muito importante nos setores populares) e uma visão mais aberta sobre os temas da sexualidade (escandalizando o moralismo então imperante). É na Espanha que, arraigado, o anarquismo

possibilita ao naturismo um perfil popular, expressando-se em revistas de ampla circulação como *Helios*, *El naturista* e *Generación consciente* (depois *Estudios*), destacando como porta-vozes o médico basco Isaac Puente (1896-1936), a pedagoga Antonia Maymon (1881-1959), o catalão Albano Rosell (1888-1964) e o hispano-cubano Adrián Del Valle (1872-1945)¹².

Anarcossindicalismo e gastronomia

No início do século XX, a presença consolidada do anarquismo já se perfila nitidamente nas organizações da classe trabalhadora que estavam se desenvolvendo naquela época, primeiro na Europa Ocidental e América do Norte, mas rapidamente se estendendo ao resto do mundo. É um fato que vinha se desencadeando há muito tempo — uma prova, entre outras, é que os mártires operários de Chicago em 1886 eram ativistas anarquistas —, mas a partir do momento em que essa presença se traduz na aparição de importantes organizações de categoria nacional (por exemplo a CGT, na França, a USI, na Itália, a CNT, na Espanha, ou a IWW, nos Estados Unidos), e que essa associação do anarquismo com a organização e as lutas do proletariado é seu sinal de identidade mais visível, quando cabe falar de anarcossindicalismo, que está em presença do que se costuma considerar “a idade de ouro” do anarquismo, ao menos em termos de importância que teve em muitos lugares como um movimento com capacidade de mobilização de massas e como inspirador de lutas sociais significativas. Vale a pena mencionar que este processo teve, no mesmo momento ou alguns anos depois, correlatos na América Latina, onde na maioria dos países

o anarquismo está associado à origem do sindicalismo e suas lutas, como se vê com a FORA, na Argentina, a *Casa Del Obrero Mundial* e a CGT, no México, a COB, no Brasil, a CON, em Cuba, a FORU, no Uruguai, o IWW, no Chile, e a FORP, no Peru, entre outros exemplos¹³.

Em diversos países, o ativismo trabalhista ácrata ganha espaço e adesões em empresas relacionadas com alimentos, seja em sua produção, distribuição ou serviços correlacionados; muito em breve, esse ativismo se traduz em reflexões, debates e propostas que vinculam a gastronomia com os propósitos e finalidades do anarcossindicalismo, que se relaciona com as preocupações descritas nos parágrafos anteriores que tinham antecedentes e difusão reconhecidos nos meios anarquistas. Por este motivo não é estranho que para muitos militantes desta ideologia em todo o mundo o objetivo social do comunismo libertário e do método de ação anarcossindicalista foram acompanhados da proposta de “anarquizar” o modo de vida das pessoas, o que incluía sua alimentação. Por esta razão, os escritos sobre temas relacionados à gastronomia e sua importância em um projeto de mudança social revolucionária apareciam com frequência na imprensa libertária, cujas manchetes se multiplicavam em distintos lugares do planeta; de igual maneira, também havia propostas práticas e projetos que iam, desde os eventuais preparativos de comidas ou *picnics* para confraternizar, angariar fundos e/ou fazer propaganda, até o desenvolvimento de cooperativas e diversas iniciativas para a produção e/ou o consumo também abundantes, como mostra a história do anarcossindicalismo para o primeiro quarto do século XX na França, na Itália ou na Espanha. Além disso, não podemos deixar de mencionar

experiências no continente americano, como as associadas à prática que tiveram os sindicatos de padeiros de Buenos Aires e Lima, o sindicato de trabalhadoras culinárias de La Paz (Bolívia) e a organização dos trabalhadores gastronômicos em Cuba (mantida até ser suprimida com a chegada do castrismo).

Mas, nessa rica e pouca explorada história da relação entre gastronomia e anarcossindicalismo, o ápice ocorre na Península Ibérica, na década de 1930, quando a eclosão da Guerra Civil, em julho de 1936, provocada pelo levantamento militar fascista, permite que a Confederação Nacional do Trabalho anarcossindicalista e a instância ácrata específica da Federação Anarquista Ibérica respondam, não só aliando-se às forças republicanas e de esquerda marxistas para enfrentar os sublevados, mas também impulsionando em profundidade um processo de transformação revolucionária nas regiões onde havia conseguido frear o golpe franquista e onde o anarquismo era força majoritária, como Catalunha, grande parte de Aragón e Levante. Conforme mencionado anteriormente, desde o final do século anterior e no primeiro terço do século XX na Espanha, a implementação dos diversos aspectos da relação entre anarquismo e gastronomia foram ampliados massivamente, tanto no plano das ideias quanto nos esforços para concretizá-las, de modo que, quando a situação revolucionária emerge, não é nenhuma surpresa que os libertários ibéricos tenham começado imediatamente a construir e fazer funcionar aquilo com que sonhavam, discutiam e pelo que se preparavam por tantos anos.

Para conhecermos aquilo que em nosso tema de interesse representou a Revolução Libertária promovida

pelos anarquistas espanhóis a partir de julho de 1936, sempre é possível buscar informações pertinentes na extensa bibliografia sobre a experiência de coletividades anarquistas daquele momento. Mas, para este artigo, remetemo-nos ao resumo de alguns aspectos do tema que estão refletidos no texto “Alimentación de Barcelona colectivizada”¹⁴, com uma amostra que entendemos ser representativa de ações e conquistas daquele processo:

– Os trabalhadores de restaurantes tomaram o controle de 36 locais de comida, que em sua maioria foram convertidos em restaurantes populares a um preço fixo. Crônicas da época relatam que, nestes lugares, tornou-se uma questão de dignidade e compromisso para construir uma nova sociedade não aceitar gorjetas da clientela, pois isso era sentido como o que restava de relações e condutas capitalistas que tinham de ser superadas.

– A indústria de cerveja Damm, principal empresa do ramo na Catalunha, foi coletivizada; na ausência dos gerentes e profissionais que deixaram o local, as operações se mantiveram com um mecanismo de gestão do tipo assembleia, sob o controle de seus 610 trabalhadores afiliados à CNT;

– O salário foi garantido aos cem trabalhadores que decidiram ir como voluntários à frente da guerra, e os recursos foram fornecidos às milícias organizadas pela CNT-FAI;

– Para garantir a cevada necessária, o contato direto era feito com as coletividades do campo — de inspiração libertária semelhante —, dotadas de sementes e ferramentas;

- Há melhorias nos equipamentos da fábrica, bem como na seguridade social e na atenção às necessidades do pessoal que ali trabalha.
- O caso da indústria láctea socializada:
 - Busca unificar um setor antes muito atomizado, criando sete centros de refrigeração e pasteurização;
 - É dada especial atenção à higiene e à salubridade (que não haviam sido de igual cuidado para os patrões capitalistas), de modo que os equipamentos fossem reparados e modernizados;
 - Uma fazenda modelo é comprada e operada, além de estreitar os laços com os fornecedores do campo, especialmente das coletividades afins;
 - As tentativas governamentais de controle burocráticos são rejeitadas.

Observando o equilíbrio global da coletivização no ramo de alimentos para a cidade de Barcelona, o texto ressalta que durou quase até o final da Guerra Civil Espanhola, garantindo, em geral, o fornecimento de produtos alimentícios à cidade. A experiência acabou não pelas falhas, erros ou ineficiência, mas por causa do triunfo franquista (abril de 1939).

Final do século XX e início do século XXI: reaparecimento de propostas e práticas anarquistas na área gastronômica

O fim da Guerra Civil Espanhola significou o início de uma etapa de eclipse para o anarquismo que muitos acreditaram que marcou seu desaparecimento como teoria

e prática relevantes. Não analisaremos aqui essa situação e suas razões, mas o fato é que ela se estendeu ao menos até o Maio de 1968 francês, uma explosão social que de algum modo pareceu reviver — ao menos na Europa Ocidental — preocupações, debates e modos de ação associados a um ideal ácrata que queriam dar por morto e enterrado. No entanto, o reaparecimento não foi instantâneo e nem significou que o anarquismo tinha voltado a posições semelhantes às que o caracterizaram na segunda e terceira década do século XX; o retorno libertário foi ocorrendo a uma velocidade desigual e com características variáveis de um lugar a outro nas últimas três décadas desse século e do início do próximo; então, temos que já não está mais definido pela identidade anarcossindicalista como nos tempos passados e, por fim, juntamente com o ressurgimento do anarquismo em lugares onde seu peso histórico é relevante, como Espanha, Itália, Argentina ou França, é notável que se torne presente e até muito ativo em lugares onde essa tradição era talvez menos perceptível ou até não existia, como na Grécia, nos Estados Unidos, no Chile, na Nova Zelândia ou na Venezuela.

A fim de reativar o nexos com a gastronomia, foi importante o contato mutuamente enriquecedor que o anarquismo teve com novas perspectivas que se desenvolveram para esse momento: a teoria e a prática para a autogestão, o tema de gênero e o debate sobre ecologia, e a luta pelos direitos dos animais. Esta confluência reforçou a crítica ácrata ao modelo capitalista de alimentos, além de reforçar o embasamento teórico que apoiaria diversas ações e iniciativas de caráter libertário que gradualmente voltaram a se manifestar a partir das décadas de 1980 e 1990. Há um ressurgimento de diferentes tipos de espaços

de sociabilidade anarquistas (centros sociais, restaurantes, bares, padarias e feiras, entre outros), bem como o empenho produtivo de novas coletividades agrárias anarquistas e afins na Europa e na América, além da clara participação e influência libertária na multiplicação de iniciativas de distribuição e consumo cooperativos em diversos cantos do planeta.

Outro tema a mencionar é a incidência dos pontos de vista de inspiração ácrata, tanto na polêmica sobre cultivos geneticamente modificados e alimentos transgênicos, como no ativismo em torno destes temas, também intimamente relacionados com o debate de hoje relativo aos prós e contras do desenvolvimento científico-tecnológico, que também tem dado contribuições interessantes desde perspectivas anarquistas e afins¹⁵. Embora tendam a ser predominantes, pelo menos tal como expresso nos meios de difusão libertários, as posições que rejeitam e consideram intrinsecamente perversa qualquer aplicação dos recursos desenvolvidos recentemente pela genética e pela biotecnologia, encontramos ao menos uma voz que resgata para este tópico a confiança de Kropotkin na contribuição positiva da ciência e da tecnologia; trata-se do biólogo computacional venezuelano Guido Núñez-Mujica, que expôs uma posição que reivindica nos atuais desenvolvimentos dessas áreas científico-tecnológicas importantes possibilidades para promover o que ele denomina como *tecnoliberação*¹⁶.

Uma expressão chamativa destas novas dimensões que caracterizam a relação anarquismo-gastronomia é o chamado anarcoveganismo. Por volta da década de 1940, surgem o conceito e a prática do “veganismo” entre vegetarianos anglo-saxões que assumiam uma observação

mais rigorosa das restrições ao consumo de todas as proteínas de origem animal e à não aceitação de evidências nutricionais para justificar esse consumo, embora devamos acrescentar que tal vegetarianismo extremo não estava relacionado com uma orientação política definida ou com o vegetarianismo anarquista que o precedeu em décadas anteriores. Um nexos desta natureza teve que aguardar até os anos de 1970 e 1980, quando especialmente desde o recém-surgido movimento anarcopunk reaparece o interesse pela opção dietética que rejeita alimentos de origem animal, agora com referência do veganismo.

A fundamentação do que começa a ser conhecido como anarcoveganismo é reforçado pela relação que ativistas anarquistas e afins estabelecem com as ideias do ecologismo profundo e com a defesa dos direitos dos animais através de múltiplas ações diretas radicais. Ele inspirará ao reconhecimento como uma nova corrente do anarquismo na medida em que propõe uma ênfase original sobre o tema de como nos alimentamos e nos ajustamos ao meio ambiente — em especial com a vida animal —, tornando-o centro das preocupações e da atividade que deve propor o anarquismo, algo que nunca esteve tão marcado no vegetarianismo anarquista anterior nem no naturismo libertário dos anos 1920 e 1930. Esta reivindicação de ser aceita como uma vertente do anarquismo por direito próprio não deixa de ser contestada desde as correntes libertárias pré-existentes, que a questionam pelo olhar estreito ao dar importância excessiva a estes temas como um sectarismo quase religioso na luta pelo natural e animal, tendendo a afastar-se dos objetivos revolucionários sociais do anarquismo¹⁷.

“Food Not Bombs”: alimentando os famintos como ato subversivo

Esta iniciativa¹⁸, até onde sabemos, é a expressão mais difundida na atualidade das práticas que ligam o anarquismo com a gastronomia. FNB — Comida e Não Bombas — é o slogan usado para identificar um coletivo libertário presente nas lutas antinucleares e antimilitaristas na zona da Nova Inglaterra (Estados Unidos) em torno de 1982. O lema foi assumido como denominação, tanto para expressar a denúncia ao militarismo amarrentista, como para indicar a linha de ação prática que o grupo assume: servir comida a quem acoresse, especialmente os necessitados, aos atos de protesto anti-bélico em que participavam. No final daquela década, um segundo grupo, mais focado na alimentação dos necessitados, aparece na costa oeste dos Estados Unidos, especificamente em São Francisco; este grupo alcança notoriedade pela persistente luta em que confronta as autoridades locais, empenhadas em proibir e reprimir suas ações de rua de dar comida aos “sem-teto”. Tal perseverança dá frutos, não só por garantir que um novo governo municipal finalmente se veja obrigado a tolerar as comidas públicas do FNB, mas porque o interesse midiático sobre o assunto favorece a expansão nacional e internacional da iniciativa. Ao longo do tempo, cerca de 200 grupos foram formados, conectados em uma estrutura federal aberta, e embora a maioria desses coletivos atuem na América do Norte, o FNB alcançou presença em 53 países, estendendo-se à América do Sul, Europa, África, Ásia e Oceania¹⁹.

Essa expansão nos Estados Unidos não aconteceu por acaso, e a participação do FNB é destacada e reconhecida em muitos protestos e lutas sociais contemporâneas

naquele país; sua inspiração e suas ações conectam-se a uma longa tradição do ativismo social não-violento, que tem raízes tão ilustres como os *quakers*, a “ferrovia subterrânea” que auxiliava os escravos fugitivos antes da Guerra de Secessão, a luta pelos direitos civis de diversos grupos oprimidos ou em oposição às diversas guerras imperialistas. A novidade, nesse caso, é o vínculo com o anarquismo, talvez não expresso no desdobramento da simbologia habitual do A dentro do círculo e da bandeira negra, mas suficientemente exposto nos modos de ação do FNB e no fundamento que dão à sua existência. Se isto parece ser impreciso ou uma tentativa de atribuir à força uma identidade inexistente, recomendamos que se busque em sua página o livro que claramente expõe e promove como componente das propostas centrais em torno das quais se organizam e atuam, que não por acaso se chama *The anarchist cookbook* (que não deve ser confundido com a virulenta obra homônima de W. Powell!), um texto que é claramente um manual de introdução ao anarquismo²⁰.

Por último, acrescentamos quanto às suas práticas culinárias específicas, que o FNB se voltou para o veganismo e para enfrentar o desperdício de recursos alimentícios como o desprezo a outros que é próprio do capitalismo²¹ — presumivelmente por este tipo de coisa é que um porta-voz do *Federal Bureau of Investigation*, o sombrio FBI, publicamente qualificou o FNB como “organização com possíveis conexões terroristas”. Declaração esta que, de certo modo, podemos interpretar como reconhecimento ranzinza à coragem sediciosa do trabalho do grupo.

“Cucine del Popolo”

Esta iniciativa foi lançada em 2003, promovida pela *Federazione Anarchica Italiana* (FAI) de Reggio Emilia, uma cidade do centro-norte da Itália, com sede no Centro de Estudos das Cozinhas do Povo, na cidade vizinha de Massenzatico²². O Centro promove eventos com difusão pela internet e com edições que reúnem intervenções e apresentações; também organiza oficinas, mercados, publica estudos e inspira a experimentação enogastronômica. Sua atividade mais relevante são as jornadas bianuais em sua sede que foram nomeadas de acordo com o tema central — 2004: “Cozinhas do povo”; 2006: “Cozinhas literárias”; 2008: “Cozinhas do utopista”; 2010: “Cozinhas da locomotiva”; 2012: “Cozinhas da revolução”; 2014: “Cozinhas da solidariedade”; e 2016: “Cozinhas do amor”. Para 2018, propõe-se “Cozinhas dos povos”.

A atividade do *Cocine del Popolo* não é de forma alguma a de constituir um reduto intelectual de *gourmets* ou “*foodies*” com algum aspecto ácrata; é compreendido como um trabalho totalmente integrado aos objetivos de propaganda, agitação e ação revolucionária da FAI. Isso se reflete nos três slogans que resumem a que se propõe *Cucine del Popolo*: “O revolucionário é a qualidade”, “A revolução será um almoço *gourmet*” e “Se seu pensamento é fraco, é porque você se alimentou mal”. Por isso, tornou-se uma clara opção para se interessar particularmente pela cozinha dos pobres ou “cozinha social”, seu contexto sociocultural, receitas, ingredientes, áreas geográficas e espaços de execução. Além disso, promove-se a crítica teórica e ações práticas contra o modelo de alimentos industriais capitalistas e em favor do vegetarianismo,

sem ter a rigidez anarcovegana, pois se admite que uma característica da cozinha popular italiana é fazer grande uso de gorduras animais²³.

Como informação adicional, destacamos que, na Itália, existe outra iniciativa anarquista que atua em temáticas similares que *Cucina del Popolo*; trata-se da rede *Eat the Rich*, que promoveu a realização de dois Festivais das Cozinhas populares e autogestionadas, o de 2016, em Bolonha, e o de 2017, em Roma²⁴.

Breves conclusões e comentários finais (por forças preliminares)

* Acreditamos que este é um tema rico e complexo que merece ser investigado com mais profundidade (algo que desejamos fazer no futuro), sem se perder no sentido puramente anedótico ou no zelo de erudição, pois hoje há projetos e ações em andamento que requerem suporte teórico.

* Para a gastronomia, o anarquismo implica relação valiosa, desde que se esteja interessado em protegê-lo da inclinação em reduzi-lo a comentários elitistas sobre alimentos e receitas sofisticados.

* Para o anarquismo, associar-se à gastronomia é enriquecer práticas e reflexões. No passado foi assim, o é no presente e certamente será no futuro.

* No anarquismo coexistem em tensão diversas posturas em relação à gastronomia, e entendemos que elas não refletem limitações e sim a diversidade de caminhos possíveis dentro dessa teoria.

* Como epílogo, é inevitável ressaltar que, em nossa investigação, encontramos quatro fontes com receitas anarquistas: os livros impressos *La cocinera de Durruti* (autora anônima) e *Platos y relatos* (compilação do Ateneo Libertário *al Margen*)²⁵, e o conteúdo a este respeito no livro virtual já mencionado *The anarchist cookbook*, e nos *posts* do blog *El Libertario* com o título de “Gastronomia Ácrata”, com pratos originalmente sugeridos por Blasko no jornal ibérico *CNT*²⁶.

Tradução do espanhol por Vitor Sakamoto.

Notas

¹ As ilustrações que acompanham este texto, assim como seu resumo esquemático, estão disponíveis em: <http://bit.ly/2suO0Nn> e em: <http://bit.ly/2rT4jIN>. Uma extensa lista de referências sobre o assunto pode ser consultada em: <http://bit.ly/2rbr7dN>.

² Sobre o anarquismo na Venezuela, ver R. Montes de Oca. *Contracorriente: La historia del movimiento anarquista en Venezuela (1811-1998)*. Madrid: LaMalatesta/El Libertario, 2016.

³ A versão em castelhano que aqui utilizamos é Piotr Kropotkin. *La conquista del pan*. Tradução de León Ignacio. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005. O volume digitalizado está disponível em: http://www.fondation-besnard.org/IMG/pdf/Kropotkin_La_Conquista_del_pan_PDF.pdf (acesso em: 20/05/2017).

⁴ Kropotkin, 2005, op. cit., pp. 65-66.

⁵ Idem, pp. 72-76.

⁶ Ibidem, pp. 76-81.

⁷ Ibidem, pp. 81-84.

⁸ Ibidem, pp. 81-82.

⁹ Ver Elaine Alves Barbosa. “La Colonia Cecilia en Brasil (1890-1894): crónica de uma experiencia libertária”. Disponível em: <http://periodicoellibertario.blogspot.com.br/2014/11/la-colonia-cecilia-en-brasil-1890-1894.html> (acesso em: 20/05/2017).

¹⁰ Uma descrição ampla e interessante sobre este ponto está disponível em “Des végétales anarchistes”, no qual destaca-se o trabalho dos principais precursores do vegetarianismo anarquista. Disponível em: <https://liberationanimale.com/2010/05/13/histoiredes-vegetaliens-anarchistes> (acesso em: 20/05/2017).

¹¹ O texto de Brandt está disponível em: <http://tiempoanimal.blogspot.com/2011/03/el-vegetarianismo-por-carlos-brandt.html> (acesso em: 20/05/2017). Para uma breve biografia do autor, consultar o livreto *Carlos Brandt: naturista, vegetariano, antimilitarista*, do Arquivo Histórico do Anarquismo na Venezuela. Caracas: 2017.

¹² Sobre o naturismo libertário ibérico, ver J. Roselló. “El naturismo libertario en la Península Ibérica (1890-1939)”. Disponível em: <http://www.nodo50.org/ekintza/spip.php?article310> (acesso em: 20/05/2017).

¹³ Para maior informação sobre a presença do anarcossindicalismo na América Latina, consultar o extenso e ilustrativo Prólogo de Ángel Cappelletti, “Anarquismo latinoamericano”, na compilação *El anarquismo en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990, livro disponível em diversas páginas na internet.

¹⁴ Disponível em: <http://bit.ly/2rToS1E> (acesso em: 20/05/2017).

¹⁵ Como exemplo, ver “Debate (A) – Tecnoliberación: mundo por venir o simple espejismo” in *El Libertario*. Disponível em: <http://bit.ly/2rTndcd> (acesso em: 20/05/2017).

¹⁶ Idem.

¹⁷ Para as polêmicas em torno do anarcoveganismo, consultar Revolución Feral. “El mito del veganismo”. Disponível em: <http://bit.ly/2sgtGP4> (acesos em: 20/05/2017); e J. Castro & N. Méndez, “Polemizando sobre vegetarianismo”. Disponível em: <http://bit.ly/2slAlse> (acesso em: 20/05/2017).

¹⁸ A seção em castelhano da página do FNB está disponível em: www.foodnotbombs.net/spanish.html.

¹⁹ Mapa de grupos e atividades do FNB disponível em: http://www.foodnotbombs.net/new_site/contacts.php.

²⁰ O livro de K. Mc Henry e Ch. Bufo em inglês e ainda não traduzido para outros idiomas, está disponível em: <http://www.foodnotbombs.net/a.%20Anarchist%20Cookbook%20interior%207-30-15-1.pdf> (acesso em: 20/05/2017).

²¹ A exposição tanto das práticas culinárias do FNB como de sua fundamentação está disponível em: *The anarchist cookbook*, seção “Food”, pp. 93-142.

²² Página na web, disponível em: www.cucine.arealibertaria.org.

²³ Para mais detalhes, ver G. Ferrari. “Italia: las aventuras de las cocinas del pueblo”. Disponível em: <http://bit.ly/2rbDVkB> (acesso em: 20/05/2017), e A. González. “La cocina del pueblo, del amor y de la anarquia”. Disponível em: <http://bit.ly/2rk2LCE> (acesso em: 20/05/2017).

²⁴ Página na web disponível em: <https://reteeattherich.noblogs.org>.

²⁵ Não tivemos acesso a estes livros impressos, somente resenhas na internet.

²⁶ Disponível em: <http://periodicoellibertario.blogspot.com/search?q=gastronom%C3%ADa+%C3%A1crata&max-results=11> (acesso em: 20/05/2017).

Resumo

O ensaio explicita como, desde o século XIX, a partir de publicações como A conquista do pão de Piotr Kropotkin, a gastronomia foi uma preocupação vital para os anarquistas. Todavia, Nelson Mendez vai adiante e mostra como a maneira singular dos libertários lidarem com a comida se ampliou ao longo do século XX, desde as afirmações naturistas irrompidas nas primeiras décadas, passando pelas coletivizações de fábricas na Espanha, em 1936, e por desdobramentos liberadores de 1968 em todo o planeta. Por fim, o autor cita exemplos de experimentações anarquistas gastronômicas no presente, atualizando essa perspectiva que associa ao combate pela anarquia o prazer de comer livremente.

Palavras-chave: gastronomia, anarquia, experimentações, estilos de vida.

Abstract

Based on publications such as Piotr Kropotkin's The Conquest of Bread, this essay shows how gastronomy was a vital concern for anarchists. Nelson Mendez shows how the singular way of libertarians dealing with food has expanded throughout the 20th century. He presents the naturist assertions that emerged in the first decades, through collectivization of factories in Spain in 1936, and by liberating developments in 1968 across the globe. Finally, the author shows some examples of anarchist gastronomic experimentations in the present, connecting the fight for anarchy and the pleasure of eating freely.

Keywords: gastronomy, anarchy, experimentation, lifestyles.

Anarchism and gastronomy: the intense utopia of joining stoves, barricades, pleasure and freedom, Nelson Mendez.

Recebido em 7 de agosto de 2017. Confirmado para publicação em 25 de outubro de 2017.

CONFERENZA

Sabato sera, 7 corrente mese, alle ore 19 ¹/₂,
il cittadino G. Gilardi, nella SALA GERMINAL!
(rua do Carmo 20, 1.º piano) dirà una sua con-
ferenza svolgendo il tema seguente.

SEGNİ DEI TEMPI

Miseria e grandezza del proletariato. _____

Cause della prosperità dei padroni e della deca-
denza del popolo. _____

Quadro dell'orgia capitalista e della sofferenza pro-
letaria. _____

Instaurazione di un nuovo metodo di azione diretta,
in sostituzione degli scioperi parziali. _____

Segni precursori dell'imminente rivoluzione. _____

* Il Centro Libertario, conta nell'intervento di tutti
gli amici e dei lavoratori.

Com a garganta seca

Aprisionar jovens, um moedor de carne

O perito do IML, na porta da sala onde se encontram os cadáveres na geladeira, fala para ela:

- Você tem coragem de entrar para reconhecer seu filho?

- Por quê?

- É que o corpo dele ficou *bem estragado*.

Aprisionar jovens, esta calcinação

Um cárcere para jovens considerados infratores em Lagoa Seca, próximo à Campina Grande, na Paraíba. O nome da prisão? *Centro Educativo Lar do Garoto Padre Otávio Santos*.

Na madrugada do dia 03 de junho de 2017, após uma rebelião e fuga, sete jovens trancados numa cela, destinada a presos provisórios, são queimados vivos.

O caso ganha repercussão. A versão dada pelos carcereiros (chamados, atualmente, de agentes ou agentes de suporte) sobre o que aconteceu, e adotada pelas autoridades e especialistas, é que eles foram mortos por outros jovens devido a rixas entre eles.

Não foram não!

Parem as buscas, as devassas, tá tudo aí, lá, aqui, na cara, no óbvio: os canalhas deram cabo deles! E somam-se a estes canalhas, a horda infinda dos preconizadores das medidas socioeducativas, das medidas protetivas, substitutivas, alternativas e restaurativas.

Falar que foram os outros jovens encarcerados que os carbonizaram é apenas a versão diletta, predileta e oportuna para justificar a continuidade da existência de prisões para jovens no país e suas infindáveis reformas.

Mas não só.

Não seria preciso esperar por estes 7 corpos, entre 15 e 17 anos, calcinados, para constatar: matar jovens é o ofício de vida de todos aqueles que defendem, aceitam, recomendam, ou contemporizam com a continuidade da prisão, das penas e dos castigos.

Mas não só.

Salta, também, aos olhos um pequeno detalhe. Permanece insuportável a fuga de jovens dos cárceres que abundam no país. E, é preciso não perder de vista que a prisão para jovens consiste em uma das pedras de toque que liga, ergue, sustenta e retroalimenta o sistema penal e suas terminações carcerárias, manicomiais, de monitoramentos, de alternativas, e todas as suas variações para adultos.

Dito de outro modo, não há sistema penal que viva ou sobreviva sem se erguer sobre o aprisionamento de jovens intra e extra-muros.

Aprisionar jovens, o óbvio do mais no mesmo

7 jovens foram queimados vivos.

Recomeça-se, mais uma vez, pela milésima vez, pela trilionésima vez, pela enésima vez, a conhecida la-da-i-nha em torno da carnificina inerente à prisão, seja ela a pocilga do lar-do-garoto-do-padre-dos-santos na aridez da miséria de Lagoa Seca no nordeste brasileiro, seja ela a pútrida Fundação Casa no estado mais rico do sudeste e do Brasil, seja ela a reluzente "casinha do papai" ao molde estadunidense, onde há até mesmo máquinas onde basta apertar um botão e saem bolos e docinhos decorados para as celebrações de matrimônios realizadas no cárcere, e que serve de meta do paraíso prisional onde pretende chegar a prática do esmero carnífice voltada à continuidade da prisão e sua melhoria e seu aperfeiçoamento.

O executivo do estado da Paraíba vem a público se solidarizar com as famílias.

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

No dia 05 de junho de 2017, o judiciário e o executivo do estado da Paraíba, com base

nos preceitos promulgados pelo legislativo, tomando como parâmetro o ECA, trocam acusações, por meio de notas oficiais, sobre a chacina ocorrida no cárcere para jovens em Lagoa Seca.

Nota do judiciário, endossada por 35 juizes das Varas da Infância e da Juventude do estado da Paraíba:

"A responsabilidade pela administração de tais unidades é do Poder Executivo e o problema da superlotação pode ser resolvido com a construção de novas unidades para cumprimento de medida socioeducativa de internação, nomeação e capacitação de servidores (...)."

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

Nota do executivo, por meio de sua secretaria de comunicação:

"O Governo do Estado da Paraíba vem a público lamentar o ocorrido na unidade Lar do Garoto, neste sábado (3), e informar que tomará todas as providências cabíveis para apuração exata de todo o fato e, conseqüentemente, punição, no âmbito administrativo, dos responsáveis por eventuais omissões, negligências ou excessos. No entanto, não admitirá que instituição alguma se revista do direito absoluto da verdade e possa apontar o dedo acusatório sem antes mesmo olhar-se no espelho. (...)"

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

100 dias depois, em setembro de 2017, o Ministério Público Federal, por meio da Comissão de Direitos Humanos e Combate à Tortura do Ministério Público do estado da Paraíba, convoca uma audiência de homenagem aos jovens calcinados no cárcere para jovens de Lagoa Seca. Anunciam melhorias, novas contratações, plano de "ajuste de conduta" para os velhos e novos carcereiros, tratamento de água potável que abastece a prisão, vila olímpica, oficinas mil de capacitação e profissionalização, uma unidade prisional específica para semi-liberdade etc, etc, etc.

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

Em poucas palavras, o Executivo administra, apura, sanciona e pune; o Judiciário manda construir, capacitar, aceita denúncia ou representação, interpreta (leia-se julga), sentencia e pune. A polícia prende, realiza o inquérito, diuturnamente tortura, regularmente mata, pune, e apresenta o jovem considerado infrator ao Ministério Público. O Ministério Público, por sua vez, apresenta ou acata denúncia, representa e pune. O legislativo respalda e elucubra velhas e novas maneiras de punir. As organizações de direitos humanos fiscalizam, denunciam ao Ministério Público, recomendam melhorias na prisão para jovens, ou seja, punem. As prisões para jovens por uma questão de lógica, punem.

Afinal, todos precisam justificar seus empregos, seus cargos, suas ocupações, seus afazeres, suas diligências, suas comissões, seus conselhos, seus laudos e contra-laudos, suas perícias, seus relatórios, suas supervisões, suas visitas de averiguação, suas recomendações, suas audiências, seus plantões, suas críticas ao "sistema" visando aprimorá-lo... assim como a Justiça, o Direito, a Lei, a Norma, a Moral..., ou seja: deus, o diabo e todos os santos.

Atear fogo na prática de aprisionar jovens

É de se perguntar em meio a toda esta parafernália: o que é feito destes garotos e garotas sequestrados pelo sistema penal? E, nada mais fácil do que fazer ouvidos moucos ao óbvio.

O sistema penal alimenta-se dele mesmo, ou, trocando em miúdos a partir da perspectiva do abolicionismo penal: o sistema penal é o seu próprio cliente. Logo, serve a todos que se alimentam dele, assim como a prisão.

E se é a carne triturada destes garotos e garotas que se mostra tão valiosa para sustentar tudo isto, então, é simples, basta dar um fim ao aprisionamento de jovens no país, como primeiro gesto para abolir o direito penal,

e por derivação implodir o próprio sistema penal.

Para dar um fim à prisão para jovens no país não é preciso esperar por nada.

E, quem defende a prisão para jovens é porque deseja segurança ou paz eterna, o que dá no mesmo. Para estes é simples, também. Pule o muro do cemitério cave uma cova e se enterre vivo, seguro e em paz! Ou então, vá até o IML, descubra onde fica o necrotério, adentre na sala, abra uma das gavetas vazias e se enfie lá para queimar vivo no frio do congelador, seguro e em paz!

Opuscoli in vendita presso questa amministrazione

Idioma spagnuolo

a 500 rs.

P. Kropotckine. — *El Estado.*

Eliseo Reclus. — *El porvenir de nuestros hijos.*

P. G. Proudhon. — *Psicologia de la revolución.*

Leon Tolstoi. — *El derecho á la vida.*

R. Vera. — *Catecismo Libre Pensador.*

El cancionero revolucionario (Italiano e spagnuolo).

Idioma italiano

a 200 rs.

Leon Tolstoi — *37 ore di lavoro.*

E De Amicis. — *A una Signora.*

Idioma portoghese

B. Bethencourt. — *Catecismo Atheu 200 rs.*

E. Malatesta. — *Pogramma socialista anarchista revolucionario*

Eliseo Reclus. — *Evolução e Revolução 1\$000.*

Carlos Dias. — *Semeando para colher, 200 rs.*

Saranno spediti a chiunque ne farà richiesta al prezzo sopra indicato.

Resenhas

john cage, os ruídos desta hora!

GUSTAVO SIMÕES

John Cage. *The selected letters of John Cage*. Organização de Laura Kuhn. Connecticut, Wesleyan University Press, 2016, 680pp.

“A quem possa interessar”. Deste modo John Cage iniciou a carta redigida em Nova York, julho de 1972, em apoio ao artista Bob Wilson, preso na Europa por portar haxixe. “Esta carta é para incluir meu nome junto a outros que aguardam a libertação de Bob Wilson da prisão para onde ele foi enviado. Seu trabalho é de uma grande beleza e utilidade para a sociedade e quanto mais urgentemente ele esteja livre melhor será para todas as pessoas de todos os países” (p. 419). Quarenta e cinco anos depois da epístola, em agosto de 2017, em São Paulo, Wilson apresentou “Conferência sobre o nada”, célebre texto de Cage.

A partir das extensas matérias que circularam nos grandes jornais a respeito da apresentação de Bob Wilson — os comentários acerca de John Cage eram brevíssimos

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

—, constata-se que no Brasil, em pleno século XXI, apesar dos esforços de Rogério Duprat e Augusto de Campos, entre outros, Cage, considerado um dos artistas mais importantes pós-Segunda Guerra Mundial, ainda permanece olvidado, pouco ouvido e lido. E vale lembrar que o artista esteve duas vezes no país, em 1968 e 1986. Na primeira, acompanhando Merce Cunningham, aproveitou o convite de Pietro Ferrua e falou para libertários, em plena ditadura civil-militar, no Rio de Janeiro, sobre revolução e cogumelos. Na segunda ocasião esteve na programação da Bienal de Arte de São Paulo e para assistir *ASLSP* (*As slow as possible*), executada por Jocy de Oliveira.

Contudo, se o artista que, com os “pianos preparados”, na ultrapassagem da década de 1930, e a ação direta “4’33”, início dos anos 1950, liberou a música da sala de concertos, segue pouco notado por aqui, a continuidade da execução de suas composições e, em especial, de publicações de parte de seus escritos faz vibrar no presente sua existência anárquica. *The selected letters of John Cage*, antologia da correspondência do artista organizada por Laura Kuhn, é uma das recentes obras que empolgam novas pesquisas e investigações sobre a vida artista de John Cage.

Embora diferentes das experiências de ruptura da sintaxe característica dos *Diários* publicados de 1965 ao início dos anos 1980, *tortográficos* como definiu Augusto de Campos (entre os destinatários brasileiros do artista estavam o poeta e a compositora Jocy de Oliveira), as cartas — enviadas a seu amor, o coreógrafo Merce Cunningham; amigos músicos, como David Tudor, Morton Feldman, Cristian Wolff, La Monte Young; artistas tais quais Marcel Duchamp, Nam June Paik, Joseph Beuys; especialistas em cogumelos; presidentes de companhias aéreas (em uma

John Cage, os ruídos desta hora.

das epístolas Cage reivindica a adoção da macrobiótica para comida de bordo) —, como bem sublinhou Kuhn no prefácio do livro, são complementares às experimentações textuais mais arriscadas do artista. É que a partir das correspondências, divididas cronologicamente no livro em cinco movimentos, acompanhamos a própria existência do artista como matéria de invenção, desde a década de 1930, anos de estudos e ruptura com Arnold Schoenberg e pesquisas com sons de percussão até as afirmações do que chamou de “harmonia anárquica”, um pouco antes de morrer, no início dos anos 1990.

Apesar do extenso arco — Kuhn organizou seis décadas de missivas —, o que há de mais precioso no vasto material selecionado é a exposição nítida do anarquismo praticado por John Cage, visto que este, mesmo com a publicação dos mesósticos de *Anarchy* (1988), ainda hoje é negligenciado por boa parte dos estudiosos e pesquisadores da sua obra. Por meio da leitura das cartas trocadas entre 1954 e o início da década de 1970, período em que John Cage abandonou Nova York para viver ao lado de artistas e escritores libertários como Paul Williams e James Martin na comunidade rural de Stonypoint, podemos nos aproximar ainda mais da perspectiva ético-estética libertária afirmada pelo artista desde o final da década de 1940 até o seu último suspiro, em 1992. A seguir, alguns exemplos da anarquia de Cage, explicitadas nas correspondências que cruzaram os quatro cantos do planeta.

A partir de Stonypoint, em outubro de 1959, em mensagem destinada a David Tudor, depois de convidar o amigo para uma leitura em Nova York no espaço anarquista do *The Living Theatre*, Cage comentou: “Eu

agora não estou certo de que embarcarei para a Índia, pois ouvi indiretamente que será uma viagem política e eu não desejo me envolver com políticas, sejam elas boas ou ruins” (p. 207). Alguns anos depois, em 1964, afirmou para os integrantes da New York Mycological Society: “a Sociedade [Micológica] não possui constituição ou lei parlamentar, assim como não possui funcionários ou secretários (...). O que buscamos é uma situação anárquica não organizada” (p. 297). Por fim, em 1968, em carta endereçada ao escritor e crítico de arte alemão C. Caspari, concluiu: “o anarquismo é ausência de restrições tanto externas como internas (...). Revolução: eu penso que a velha estrutura (política-econômica) está morrendo. Eu penso que uma nova maneira de existir está se iniciando. Eu chamo esta mudança de revolução (...). Utopia é o que nós queremos” (p. 381).

John Cage retornou de Stonypoint no início dos anos 1970. Ressoando as experiências vividas ali durante pouco mais de dez anos, para além de se declarar anarquista, inventou ao longo da década de 1960 uma Fundação para auxiliar artistas experimentais a não dependerem de recursos estatais, e, a partir da leitura de Henry David Thoreau, avançou sobre as experiências escritas do que denominou “desmilitarização da linguagem”. Em suas palavras, seguiu adiante com o que chamou de “praticabilidade da anarquia”. Para acompanhar tal praticabilidade, as cartas, como salientou Kuhn, não são secundárias diante dos *Diários*. Segundo inúmeros relatos, nos anos 1980, de volta a Manhattan, depois do café da manhã e do cuidado com centenas de plantas que abrigava em seu apartamento, Cage dedicava longo tempo a cada dia para escrever e responder mensagens

John Cage, os ruídos desta hora.

recebidas. Assim, a seleção de Kuhn fornece mais material para apreendermos o percurso do trabalho deste artista que viveu por décadas de maneira corajosa e anarquista.

Para que jovens artistas e libertários conheçam cada vez mais John Cage e não dependam da ignorância de jornais ou programas de espetáculo, é urgente a tradução de *The selected letters of John Cage*. Uma terra que conhece pouco uma existência singular como a sua acaba por aceitar calada a recorrente perseguição a artistas e anarquistas. Durante a ultrapassagem dos anos 1960, John Cage não gostava de abaixo-assinados e petições contrários à guerra, pois considerava que tais modos de protesto ainda estavam inseridos no território da política e do Estado. Contudo, como vimos, na mesma época, intercedeu solidariamente pela libertação de Bob Wilson. Assim como no final dos anos 1980, ao receber a carta (que, infelizmente, não consta na antologia) de um *squatter* de Hanau, Alemanha, pedindo ajuda para a manutenção do espaço, realizou em parceria com anarquistas e punks a invenção sonora *Five Hanau Silence*. Diante dos recentes acontecimentos no Brasil, na Grécia, ou onde houver embates libertários, é sempre bom lembrar John Cage. Como anarquista, Cage sempre se interessou pelo que estava excluído dos concertos, fossem eles políticos ou musicais. Para ele, ouvidos abertos, interessavam outros sons, livres da representação: os ruídos. Que tal ouvirmos também?

não colonizar-se: os anarquismos na Bolívia

LUÍZA UEHARA

Carlos Crespo (org.). *Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy*. Cochabamba, CESU-UMSS, 2016, pp. 190.

A forte presença anarquista na América do Sul por vezes é entendida restrita ao Brasil, Uruguai, Argentina e Chile. Nas últimas décadas, destaca-se também a Venezuela, principalmente por conta da circulação do periódico *El Libertário*, editado desde 1995 com trabalho de relevância em toda a América Latina.

Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy escancara um questionamento a essa possível leitura reducionista e convida os interessados a acompanhar as apresentações no grupo de trabalho homônimo ocorrido no interior do VII Congresso da Associação de Estudos Bolivianos (AEB), coordenado por Carlos Crespo e Virginia Ayllón em julho de 2015.

O livro, lançado pelo Centro de Estudos Superiores Universitários da Universidad Mayor de San Simón e organizado por Crespo, está disponível em formato impresso e digital, percorrendo a hierarquizada e monitorada internet em meio a seus servidores e provedores.

Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.

Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy pode surpreender em uma caixa de entrada, em um resultado de busca, ou no registro de vídeo divulgado em seu lançamento. É um pequeno vírus inesperado pelos softwares de segurança, por seus moderadores e pelos inúmeros protocolos, mas presente aos atentos às forças em luta.

Os anarquismos na Bolívia irrompem na universidade sem a pretensão de instituir a verdadeira história, mas travam suas lutas em outros espaços. O livro não se delimita às fronteiras e nos apresenta diferentes leituras dos anarquismos hoje.

Virgínia Ayllon, uma das organizadoras do grupo de trabalho, destaca que até então os estudos que tangenciavam as práticas anarquistas no país voltavam-se principalmente às mulheres e à Federación Obrera Feminina (FOF), desdobramento da Federación Obrera Local (FOL), com sedes em Cochabamba e La Paz. A FOF foi uma organização de trabalhadoras domésticas de procedência indígena, combativa entre as décadas de 1920 e 1930. Suas integrantes, anarquistas, recusaram-se ao “feminismo formal” (p. 9), e articularam campanhas contra a guerra com o Paraguai (1932-1935) — conhecida também como Guerra do Chaco, ocorrida nessa região de bacias sedimentares recheadas de petróleo —, solidariedade a Sacco e Vanzetti e apoio às revoltas indígenas.

Silvia Rivera Cusicanqui, anarquista, integrante do Colectivx Ch’ixi (articulação da FOL, FOF e Federación Agraria Departamental) e pesquisadora de história oral, sinaliza para a presença anarquista das *cholas*, mulheres aimarás, conhecidas por sua presença nas cidades com seus trajes coloridos e longas saias rodadas. Ao final da

década de 1930, as *cholas* foram a um encontro de senhoras feministas da FOF e vestiram-se com suas melhores roupas: mantas bordadas, sombreros, botas e colares de prata ou ouro protegidos por uma lã de vicunha... As damas da FOF ficaram surpresas e desmereceram as lutas das *cholas* por melhores condições de trabalho. Para Cusicanqui, a maneira de vestir-se das *cholas* anarquistas escancarava o confronto com suas adversárias liberais. Os metais preciosos protegidos por uma leve lã configuravam uma vestimenta de luta e uma proteção do corpo aos interesses dos colonizadores que, como acreditavam os andinos, comiam ouro por tamanha obsessão que tinham.

As *cholas* anarquistas iam a manifestações, aproveitavam-se da visão imperante de que eram resquícios não colonizados para jogar água com sabão pelas ruas quando a cavalaria aproximava-se, derrubando os cavalos e seus domadores. Assim, Cusicanqui sublinha a urgência no presente dos anarquismos na Bolívia em estancar o discurso de descolonização institucional, quando urgente é descolonizar-se. Em vez de esperar que alguém ou algum momento seja um marco de descolonização, o que não acontecerá, instiga a romper com qualquer ato que os coloniza cotidianamente, como o Estado. É preciso autogestionar as associações e não esperar que alguém as tutele.

Descolonizar-se é ter atenção às tentativas de categorizar e delimitar anarquistas, entre as quais as sorrateiras apropriações de termos. Em um dos textos, o colonizado pesquisador Huascar Rodriguez García aborda os anarcocapitalistas enquanto continuidade dos anarquistas a partir da vida em luta de Cesáreo Capriles, que se deslocou de empresário na década de 1940 para

a anarquia. O termo anarcocapitalismo é procedente da Escola de Chicago, que teve como uma de suas referências o austríaco neoliberal Ludwig von Mises. Enquadrar anarquistas enquanto neoliberais é desconhecer suas lutas em uma tentativa de capturá-los e/ou pacificá-los. A racionalidade neoliberal tenta se apropriar até mesmo de práticas anarquistas enquanto uma reivindicação por menor intervenção do Estado, quando se trata de abolir o Estado. O anarcocapitalismo é um roubo, uma apropriação; como qualquer colonização, pretende acabar com os anarquistas, com sua luta contra o Estado e contra as autoridades centralizadas.

O anarquista Cesáreo Capriles foi um leitor do descolonizado Étienne de la Boétie. Quando deslocou-se dos negócios para a anarquia, manteve o periódico *Arte y trabajo*, onde publicava seus textos, Kropotkin, Malatesta e as defesas aos anarquistas expulsos do país, como Dino Modotti.

Dino Modotti estava entre os integrantes do COCA (Comité Obrero Comunista y Anarquista), que articulou em Cochabamba os interessados em dar um fim à Guerra do Chaco. Modotti foi um dos que passou a ser perseguido pela OVRA (Organizzazione per la Vigilanza e la Repressione del Antifascismo), a polícia secreta de Benito Mussolini que caçava italianos contrários a seu regime pela América Latina. Durante a guerra, a embaixada italiana conseguiu capturá-lo por meio de parceira com o ministério de guerra boliviano. Foi preso, e teve de assinar um documento em que afirmava não ser anarquista e apoiava o governo fascista. Teve uma vida miserável e marcada por constantes perseguições da

OVRA e do governo boliviano. Não suportou. Suicidou-se com um disparo de revólver em sua boca aos 50 anos.

Mesmo diante das perseguições, inúmeras associações articularam-se em La Paz e Cochabamba. A partir de considerações de Colin Ward, Paul Goodman e Daniel Colson, Crespo, organizador do livro, destaca a importância de associações anarquistas e a autogestão, entendida como uma *ação direta* para “tomar sua vida em suas mãos” (p. 166). Crespo discute as possibilidades da autogestão associada à autonomia neoliberal apresentada por Richard Sennet. Se as colocações de Colin Ward tratavam da autonomia para novas relações de liberdade, Sennet mostra como a autonomia está articulada com a flexibilização da burocracia com uma conduta enquanto autogoverno para uma obediência racional. Um ser autônomo respeita e aprecia a *nova cultura do capitalismo*, em que a própria autonomia está vinculada às tecnologias de poder. Ao não se distanciar das proposições de Sennet, Crespo ainda apresenta uma cartilha com fundamentos e/ou princípios para a existência de uma autogestão; entre eles, encontra-se a resiliência, enquanto uma adaptação das organizações às adversidades: “uma prática autônoma, ao ser flexível, é altamente resiliente, pois é capaz de se adequar às modificações das condições externas” (p. 168). Ou seja, o resiliente é um indivíduo autônomo adaptável. Ligando-se à adequação e às modulações, a resiliência não é intransigente, mas negocia. Fazer acordos não é lutar, mas é performar a racionalidade neoliberal como via de pacificação das lutas anarquistas. Ser resiliente é aceitar o governo, afirmar uma autoridade centralizada, acovardar-se, ser plástico, empreendedor, colonizado. Resiliência não é resistência!

Anarquismo en Bolivia: ayer y hoy é um livro que atenta para a Bolívia e inúmeras lutas que se realizam ali, e, simultaneamente, sinaliza para inúmeras capturas da anarquia. É preciso atenção às novas configurações das forças, não curvar-se e permanecer inquieto para não querer colonizar como um atualizado colonizador. Se o livro é ambíguo, a anarquia não é.

NU-SOL

Publicações do Núcleo de Sociabilidade Libertária, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

hypomnemata, boletim eletrônico mensal, desde 1999;

flecheira libertária, semanal, desde 2007;

Aulas-teatro

Emma Goldman na Revolução Russa, maio e junho de 2007;

Eu, Émile Henry, outubro de 2007;

FOUCAULT, maio de 2008;

estamos todos presos, novembro de 2008 e fevereiro de 2009;

limiares da liberdade, junho de 2009;

FOUCAULT: intempéries, outubro de 2009 e fevereiro de 2010;

drogas-nocaute, maio de 2010;

terr@, outubro de 2010 e fevereiro de 2011;

eu, émile henry. resistências., maio de 2011;

LOUCURA, outubro de 2011;

saúde!, maio e outubro de 2012;

limiares da liberdade, maio e agosto de 2013;

anti-segurança, outubro/novembro de 2013 e fevereiro de 2014;

drogas-nocaute 2, maio de 2014;

a céu aberto. controles, direitos, seguranças, penalizações e liberdades, novembro de 2014;

terr@ 2, maio de 2015;

libertárias, novembro de 2015;

LOUCURA, maio de 2016,

A Revolução Espanhola, novembro de 2016;

a segurança e o ingovernável, maio de 2017;

greve geral em são paulo, 1917, 21 e 22 de novembro de 2017.

DVDs e exibições no Canal Universitário/TVPUC

ágora, agora, edição de 8 programas da série *PUC ao vivo*; exibição de set a out/2007, jan a mar/2008 e fev a abr/2009.

os insurgentes, edição de 9 programas; exibição de abr a jun/2008, jun a ago/2008 e dez/2008 a fev/2009.

ágora, agora 2, edição de 12 programas; exibição de set a dez/2008, abr a jun/2009 e jun a out/2009.

ágora, agora 3, edição de 7 programas; exibição de out a nov de 2010.

carmem junqueira-kamaiurá — a antropologia MENOR, exibição de out a nov/2010, 2011 e 2012.

ecopolítica-ecologia, exibição em ago/2012.

ecopolítica-segurança, exibição em nov/2012.

ecopolítica-direitos, exibição em abr/2013.

ecopolítica-céu aberto, exibição em dez/2015.

Vídeos

Libertárias (1999); *Foucault-Ficô* (2000); *Um incômodo* (2003); *Foucault*, último (2004); *Manu-Lorca* (2005); *A guerra devorou a revolução. A guerra civil espanhola* (2006); *Cage, poesia, anarquistas* (2006); *Bigode* (2008); *Vídeo-Fogo* (2009).

CD-ROM

Um incômodo, 2003 (artigos e intervenções artísticas do Simpósio *Um Incômodo*).

Coleção Escritos Anarquistas, 1999-2004

29 títulos.

recomendações para colaborar com verve

Verve aceita artigos e resenhas originais para possível publicação. Cada texto, respeitando o anonimato do autor, será apresentado a dois revisores escolhidos entre os membros do Conselho Editorial ou do Conselho Consultivo, ou ainda, a pesquisadores convidados que poderão recomendá-lo para publicação, recomendá-lo mediante ajustes, ou mesmo negá-lo. Em caso de pareceres distintos, um terceiro parecerista será convidado à leitura.

Verve é uma revista libertária e autogestionária. Ao apresentarem textos à Verve, os autores afirmam sua concordância com a leitura e divulgação ampla, pelos meios disponíveis, dos seus escritos.

Os textos enviados à revista Verve devem observar as seguintes orientações quanto à formatação:

Extensão, fonte e espaçamento:

a) Artigos: os artigos não devem exceder 17.000 caracteres contando espaço (aproximadamente 10 laudas), em fonte Times New Roman, corpo 12, espaço duplo.

b) Resenhas: As resenhas devem ter no máximo 7.000 caracteres contando espaços (aproximadamente 4 laudas), em fonte Times New Roman, corpo 12, espaço duplo.

Identificação:

O autor deve enviar mini-curriculo, de no máximo 03 linhas, contendo e-mail para contato, para identificá-lo em nota de rodapé.

Resumo, Título e Palavras-chave:

Os artigos devem conter (em português e inglês): título, resumo (em até 10 linhas) e três palavras-chave.

Notas explicativas:

As notas, concisas e de caráter informativo, devem vir em nota de fim de texto.

Resenhas não devem conter notas explicativas.

Citações:

As referências bibliográficas devem vir em nota de fim de texto observando o padrão a seguir:

I) Para livros:

Nome do autor. *Título do livro*. Cidade, Editora, Ano, página.

Ex: Rogério Nascimento. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamê, 2000, p. 69.

II) Para artigos ou capítulos de livros:

Nome do autor. “Título” in *Título da obra*. Cidade, Editora, ano, página.

Michel de Montaigne. “Da educação das crianças” in *Ensaio*, vol. I. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo, Nova Cultural, Coleção Os pensadores, 1987, p. 76.

III) Para artigos publicados em periódicos:

Nome do autor. “Título” in *Nome do periódico*. Cidade, Editora, volume e/ou número, ano, páginas.

José Maria de Carvalho. “Elisée Reclus, vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia” in *Utopia*. Lisboa, Associação Cultural A Vida, n. 21, 2006, pp. 33-46.

IV) Para citações posteriores:

a) primeira repetição: Idem, p. número da página.

b) segunda e demais repetições: Ibidem, p. número da página.

c) para citação recorrente e não sequencial: Nome do autor, ano, op. cit., p. número da página.

V) Para obras traduzidas:

Nome do autor. *Título da Obra*. Tradução de [nome do tradutor]. Cidade, Editora, ano, número da página.

Ex: Michel Foucault. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2000. p.42.

VI) Para textos publicados na internet:

Nome do autor ou fonte. *Título*. Disponível em: [http://\[endereço da web\]](http://[endereço da web]) (acesso em: data da consulta).

Ex: Claude Lévi-Strauss. *Pelo 60º aniversário da Unesco*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n1/indexn1.htm> (acesso em: 24/09/2007).

VII) Para resenhas:

As resenhas devem identificar o livro resenhado, logo após o título, da seguinte maneira:

Nome do autor. *Título da Obra*. Tradutor (quando houver). Cidade, Editora, ano, número de páginas.

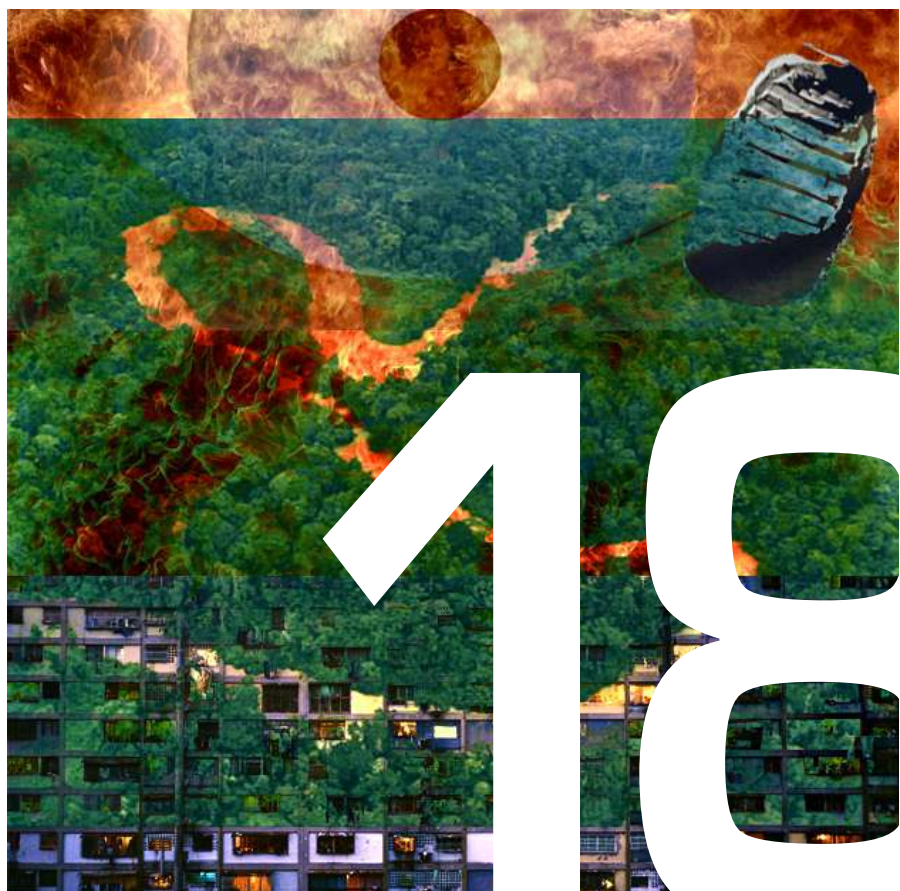
Ex: Roberto Freire. *Sem tensão não há solução*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987, 193 pp.

As colaborações devem ser encaminhadas por meio eletrônico para o endereço nu-sol@nu-sol.org salvos em extensão “.docx”. Na impossibilidade do envio eletrônico, pede-se que a colaboração em cd seja encaminhada pelo correio para:

Revista Verve

Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Rua Ministro Godói, 969, 4º andar, sala 4E-20, Perdizes, CEP 05015-001, São Paulo/SP.

Informações e programação das atividades do Nu-Sol no endereço: www.nu-sol.org



revista ecopolítica

maio - ago 2017



disponível em: www.pucsp.br/ecopolitica/revista_ed18.html



revista ecopolítica

set - dez 2017



disponível em: www.pucsp.br/ecopolitica/revista_ed19.html

Observatório **ecopolítica**

visite:

<http://www.pucsp.br/ecopolitica/>
<http://revistas.pucsp.br/ecopolitica/>

Rua Monte Alegre, 984, sala S-17

São Paulo-SP

Telefone: (11) 3670-8372